UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

(PPGSCA)

ANTONIO CARLOS BATISTA DE SOUZA

DIMINUI A FÉ NOS SANTOS, DESAPARECEM AS VISAGENS, ACABAM AS PANEMAS E MATAM O BOTO

MANAUS-AM

2021

ANTONIO CARLOS BATISTA DE SOUZA

DIMINUI A FÉ NOS SANTOS, DESAPARECEM AS VISAGENS, ACABAM AS PANEMAS E MATAM O BOTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas para a obtenção do título de Doutor em Sociedade e Cultura.
Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.
Orientadora: Artemis de Araújo Soares.

MANAUS-AM

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729d

Souza, Antonio Carlos Bastista de
Diminui a fé nos santos, desaparecem as visagens, acabam as panemas e matam o boto / Antonio Carlos Bastista de Souza . 2021
167 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Artemis de Araújo Soares
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Literatura amazônica. 2. Cultura. 3. Lenda do boto. 4. Extinção do boto. 5. Meio ambiente. I. Soares, Artemis de Araújo. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Antonio Carlos Batista de Souza

DIMINUI A FÉ NOS SANTOS, DESAPARECEM AS VISAGENS, ACABAM AS PANEMAS E MATAM O BOTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas para a obtenção do título de Doutor em Sociedade e Cultura.

Aprovado em: 26 de Março de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Artemis de Araújo Soares (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profª. Drª. Marilene Correa da Silva Freitas (Membro Interno)
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profª. Drª. Ana Paulina Aguiar Soares (Membro Externo)
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Profª. Drª. Elenise Faria Scherer (Membro Interno)
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz (Membro Externo)
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. João Luiz da Costa Barros (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

AGRADECIMENTOS

Quero ignorado, e calmo
Por ignorado, e próprio
Por calmo, encher meus dias
De não querer mais deles.
Aos que a riqueza toca
O ouro irrita a pele.
Aos que a fama bafeja
Embacia-se a vida.
Aos que a felicidade
É sol, virá a noite.
Mas ao que nada espera
Tudo que vem é grato.
(Fernando Pessoa)

A Deus, força motivadora de tudo. Meu chão e esperança nos caminhos tortuosos.

À minha orientadora, Professora Dra. Artemis de Araújo Soares, por todo o tempo, paciência e sabedoria a mim destinado. Obrigado por tudo, Artemis!

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM, alma mater, pela graduação, mestrado e agora o doutorado.

Ao PPGSCA que enxerga a Amazônia, sua cultura e sociedade, de forma interdisciplinar.

Ao Instituto Federal do Amazonas – IFAM, meu *locus*, que promove com excelência a educação, ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável da Amazônia.

À Ana Paula Bastos pelo amor e companheirismo; pelo suporte técnico na elaboração dessa tese.

Aos professores Manuel de Jesus Masulo da Cruz, Lileane Praia Portela de Aguiar e Marilene Corrêa da Silva, pelas críticas e sugestões, na banca de qualificação, que foram imprescindíveis na composição dessa versão final.

Ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM, pelo suporte, assistência e recomendações bibliográficas.

RESUMO

Este trabalho aborda o mais recente comportamento territorial na Amazônia, caracterizado pela matança de botos utilizados como isca na pesca de uma espécie de peixe liso denominada piracatinga. Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória, cuja abordagem se justifica porque estudos demonstram que a população de botos na região caiu pela metade nos últimos dez anos devido à caça predatória. Os processos metodológicos para a construção dessa tese iniciam com a análise bibliográfica das obras clássicas e contemporâneas que registraram o simbolismo e a tradição oral do universo amazônico. Posteriormente, utilizamos a aplicação de questionários, de forma quali e quantitativa, para compararmos as múltiplas realidades que se chocam entrando em conflito. Os objetos em questão perpassam o boto e a piracatinga, envolvendo, portanto, a cultura e a sociedade na Amazônia. Os resultados obtidos constataram um desequilíbrio ambiental na região pesquisada corroborando para o extermínio de espécies aquáticas, condições insalubres dos pescadores e, uma prática pesqueira insustentável. O estudo recomenda um trabalho de educação ambiental na região para que sirva de base para novas pesquisas científicas e políticas públicas, a fim de prevenir impactos negativos nessas atividades.

Palavras- chave: literatura amazônica; cultura; lenda do boto; extinção do boto; meio ambiente.

ABSTRACT

This work addresses the most recent territorial behavior in the Amazon, characterized by the killing of botos (river dolphins) used as bait in fishing for a species of smooth fish called piracatinga. This is a descriptive-exploratory research. This approach is justified because studies show that the botos (river dolphins) population in the region has halved in the past ten years due to predatory hunting. The methodology for the construction of this thesis made a bibliographic analysis of the classic and contemporary works that registered the symbolism and the oral tradition of the Amazonian universe. Subsequently, with the application of questionnaires, in a qualitative and quantitative way, we compare the multiple realities that are coming into conflict. The objects in question permeate the boto (river dolphins) and the piracatinga. In fact, culture and society in the Amazon. The results obtained evidenced an environmental imbalance in the researched region, corroborating for the extermination of aquatic species, unhealthy conditions of the fishermen and, an unsustainable fishing practice. The study recommends environmental education work in the region to serve as a basis for further scientific research and public policies in order to prevent negative impacts on fishing activities.

Keywords: amazonian literature; culture; legend of the boto (river dolphins); extinction of the botos (river dolphins); environment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desarticulação de caça predatória de botos 18

Figura 2 - Escolaridade e estado civil 22

Figura 3 - Quantitativo de filhos por família 22

Figura 4 - Conhecimento sobre as iscas usadas 23

Figura 5 - A repercussão do flagelo do boto 43

Figura 6 - Perfil esquemático-linear das Comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Nova Jerusalém 50

Figura 7 - A repercussão da moratória 78

Figura 8 - RDS Mamirauá 79

Figura 9 - Pesca do peixe liso: dimensão simbólica e espacial 87

Figura 10 - Relação renda e frequência na pesca 89

Figura 11 - Benefícios sociais recebidos 90

Figura 12 - Movimentos repetitivos e jornadas extenuantes 92

Figura 13 - Horas e meses na pesca 93

Figura 14 - Riscos neuromusculares na prática pesqueira 95

Figura 15 - A condição corporal no trabalho da pesca 99

Figura 16 - A reprodução corporal de um modo de vida 101

Figura 17 - Apreensão e descarte, pelo Exército brasileiro, de 1,5 tonelada de piracatinga em estado de decomposição 108

Figura 18 - A piracatinga, o boto, e a repercussão 109

Figura 19 - “Curral” para captura de piracatinga 111

Figura 20 - Atividades braçais, árduas e insalubres 113

Figura 21 - Limpeza do fundo dos rios e a dinâmica da pesca 125

Figura 22 - Cartaz de alerta referente à pesca predatória 139

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As lendas mais populares do Brasil por regiões.....17

Tabela 2 - Quadro comparativo da morfologia do boto na Amazônia 120

Tabela 3 - A religião no Brasil em números absolutos/Censo 2010 132

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IUCN	União Internacional para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais
MEB	Movimento de Educação de Base
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não Governamental
PBF	Programa Bolsa Família
RDS	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
RDSM	Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
RESEX	Reservas Extrativistas
SDS	Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO 13**

CAPÍTULO I – O BOTO NO AMBIENTE ENCANTADO DA AMAZÔNIA 26

1.1 O boto mágico de Paes Loureiro e Câmara Cascudo 26

1.2 A configuração alegórica de um universo despoetizado 35

1.3 O fim da redoma protetiva 42

1.4 Um testemunho a favor: André Araújo 45

CAPÍTULO II – ENTRE O SABER TRADICIONAL E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO, A COMPLEXIDADE CULTURAL 53

2.1 Discursos diferentes e dessincronizados 53

2.2 Em busca de um discurso semântico 58

2.3 Uma (re) construção discursiva: Ana Pizarro 63

2.4 Novos sentidos a uma mesma leitura 68

CAPÍTULO III – A PESCA DA PIRACATINGA E A ETNOGRAFIA DA CORPOREIDADE 77

3.1 A consolidação de territórios de pesca em ambientes polivalentes 77

3.2 A etnografia da corporeidade pesqueira 84

3.3 O caráter social da corporeidade 96

3.4 O corpo: implicitamente um fato de cultura 102

CAPÍTULO IV – A PROBLEMÁTICA TEÓRICA DO IMAGINÁRIO DA PESCA NA AMAZÔNIA 107

4.1 O particularismo da pesca da piracatinga 107

4.2 O imaginário da pesca e a problemática teórica 116

4.3 O corte epistemológico 128

4.4 A abordagem cultural na compreensão da ação humana 134

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 141

6. REFERÊNCIAS 149

7. ANEXO 158

INTRODUÇÃO

De verdadeiro, até aqui, mais um impacto ambiental, desta vez, no médio Solimões-Amazonas, em função de uma atividade pesqueira excessiva e insustentável. Nas reflexões a respeito, na agrura, à procura de pontos de vista, emanou esta tese de doutorado. O problema em pauta idealizou-se das leituras de clássicos como Eduardo Galvão [Santos e Visagens] e André Araújo [Introdução à Sociologia da Amazônia], chegando às literaturas atuais com Mark Harris [Presente Ambivalente] e Ana Pizarro [As vozes do rio]; bem como na corografia poética de Paes Loureiro e na revivescência folclórica de Câmara Cascudo [Superstição no Brasil], a fim de fundamentarmos uma sequência lógica de pensamento.

Das informações pertinentes e inquietantes montaram-se as partes constitutivas dessa pesquisa. De uma ideia-chave geral, o salto para um conjunto de ideias mais precisas (MARCONI; LAKATOS, 2010). E como tema propriamente dito, este universo de referência se compõem de dois objetos: o boto e a piracatinga.

É em torno desses dois pilares que se dará a maior parte das discussões, proposições e fundamentações dessa tese. A síntese de toda a reflexão refere-se à mortalidade dos botos utilizados como isca para a captura da piracatinga, um peixe de hábitos necrófagos, apresentando elevados índices de contaminação por mercúrio, justamente por ter entre os seus hábitos o de comer animais mortos.

A interação humana, os conflitos, as distâncias sociais, a integração e os interesses mudam segundo as características que a água dá à região ocupada pelo homem. Água, terra e gente se acomodam na ecologia amazônica, formando a comunidade biológica e social, baseada nas facilidades vitais fornecidas pela água. O homem aqui tudo faz através e em função da água. Caça, pesca, extração de madeira, palhas, colheitas, até certos atos religiosos, como a festa do Divino Espírito Santo, o enterro de seus entes queridos, tudo, é sempre a água (ARAÚJO, 1956).

O construto analítico aqui proposto, em sua tentativa de validá-la, defronta-se com micro e macrocontextos, pois uma tese, enquanto criação científica é fruto de uma inquietação. Em busca da constelação das ideias, da estruturação das sequências e do estilo científico (ECO, 2007) percorremos meandros tortuosos a fim de fugirmos do bordejamento. Dentro de um sistema geral de formas simbólicas que

chamamos de cultura (GEERTZ, 1983) o pesquisador depara-se com contatos e conflitos, pois:

> Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos (SANTOS, 1994, p. 08).

História, lenda e crença são transmitidas através de gerações "materializadas pela imaginação no imediatismo da forma sensível" (CASCUDO, 2002a). As lendas estão diretamente relacionadas com acontecimentos misteriosos e sobrenaturais. Vem da Idade Média sua origem etimológica com o significado de "aquilo que deve ser lido". Dos vários conceitos para lenda, Câmara Cascudo descreve-a como:

> Episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, 'legere', possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. Conserva as quatro características do conto popular (*marchem, folk-tale*): Antiguidade, Persistência, Anonimato, Oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência, são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral. É independente da psicologia coletiva ambiental, acompanhando, numa fórmula de adaptação, seus movimentos ascensionais, estáticos ou modificados. Muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central, com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço (CASCUDO, 1972, p. 511).

Nesse universo de coisas imaginosas, a lenda emerge a partir de uma narrativa popular oralmente transmitida e fortemente inter-relacionada com a tradição. O lendário brasileiro é uma fusão das lendas indígena, negra e europeia. Ditos que as pessoas repetem, de uma sabedoria de autor sem nome (BRANDÃO, 1982). A título de exemplo, a lenda da Mãe d'Água seria uma fusão da indígena Iara, da africana Iemanjá e da mitológica sereia, habitante dos oceanos que seduzem os navegantes com o seu canto.

O folclore das populações da Amazônia se compõem de mitos, fábulas, provérbios, advinhações, canções, superstições etc. Aqui a influência dos ameríndios é extraordinária. Os mitos, as legendas, o ritual, as danças, as crenças dão certa unidade a essas populações. Sabemos que o valor de certos grupos

humanos residem nessas bases folclóricas. Os grandes aspectos das culturas humanas têm fundamento em certos pontos folclóricos (ARAÚJO, 1956).

Corroborando com a afirmativa acima Nilza Megale [em Folclore Brasileiro] destaca que:

> No Brasil as lendas podem ser classificadas em litorâneas e da Zona Central. A vizinhança do mar traz maior liberdade para fantasias, dá aos pescadores a intimidade com as estrelas, com o sol e com o fundo do mar. Na Zona Central os contos e as lendas versam sobre estórias do boi, do cavalo, dos bichos em geral, assim como dos rios secos e dos tesouros escondidos (MEGALE, 1999, p. 50).

As lendas amazônicas agregam, de certa forma, o imaginário idílico regional num suprassumo representado pelo mito das Amazonas, o Eldorado e a onipresença do Maligno (PIZARRO, 2012). A Amazônia é rica em folclore, em superstições, em lendas. Muitas dessas lendas são tipicamente amazônicas e filhas da vasta área de cultura: a do boto, a do bicho do fundo, a da boiúna, a do mapinguari. Há um enorme fabulário ligado à água (ARAÚJO, 1956). É importante que se ressalte que o diabo é grande personagem de lendas, porque, embora ele não seja personagem histórica, simboliza a luta entre o bem e o mal e, de acordo com a sabedoria popular, nas estórias o demônio sai sempre derrotado (MEGALE, 1999). Tudo gira em torno de um núcleo central, temática que unificava todas as coisas: o drama da salvação, o perigo do inferno, a caridade de Deus levando aos céus as almas puras. E é perfeitamente compreensível que tal drama tenha exigido e estabelecido uma geografia que localizava com precisão o lugar das moradas do demônio e as coordenadas das mansões dos bem-aventurados (ALVES, 1990).

Usadas para justificar fatos e acontecimentos, lendas são manifestações da cultura de um povo. São a síntese da tradição oral de cada lugar, irmanadas em três pilares intrínsecos: tradição, folclore e mito (REIS, 2008). Intrínsecos e complementares. Considere-se, ainda, que:

> As lendas versam sobre a história, a geografia e a religião, entre outros campos do conhecimento, mostrando, a cada momento, uma enorme interseção da lenda com o mito. Pelo exposto é notório o campo interdisciplinar tanto da lenda como do mito, pois ambos pertencem a campos científicos múltiplos. Na nossa suposição, as lendas, os mitos e os causos/contos são indivisíveis, uma vez que um outro tanto crescem na imaginação popular, que as fantasias e os mistérios que conservam suas realidades, nas últimas versões, aparecem inteiramente deformados, mutilados e desvirtuados da existência, implicando em um novo cenário, numa falsa realidade. A

> quem apregoa ser a lenda, assim como o mito, produções doentias da própria linguagem. Dessa maneira, podemos creditar à Linguística, dentre as suas variações, a responsabilidade pela difusão dos fenômenos míticos (REIS, 2008, p. 30).

Nesse víeis interdisciplinar, encontramos nos registros de Brandão (1982, p. 35) uma observação inerente ao debate proposto, ao asseverar que:

> Do ponto de vista rigoroso, são propriamente folclóricas as toadas, cantos, lendas, mitos, saberes, processos tecnológicos que, no correr de sua própria reprodução de pessoa a pessoa, de geração a geração, foram incorporados ao modo de vida e ao repertório coletivo da cultura de uma fração específica do povo: pescadores, camponeses, lavradores, bóias-frias, gente da periferia das cidades. Mas, de um ponto de vista mais dinâmico, o folclore pode abrir-se a campos mais amplos da cultura popular (a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida do *povo*, ou dos diferentes *povos* que há no povo) e incorpora aquilo que, sendo ainda de um autor conhecido, já foi coletivizado, incluído no "vivido e pensado" do povo, às vezes até de todos nós, gente "erudita" cuja vida e pensamento estão, no entanto, tão profundamente mergulhados nesse ancestral anônimo que nos invade o mundo de crenças, saberes, falares e modos de viver.

Nessa abordagem deparamo-nos com a análise de Marisa Lajolo e uma importante consideração, pois na visão dessa autora:

> Quando o homem não era mais símio, mas ainda não era completamente humano, no começo de tudo, ele se maravilhou com a linguagem. Foi através dela, talvez naquele tempo limitada a ruídos muito primitivos, ainda próximos do grito animal, que suas coisas ausentes se fizeram tão presentes como se nunca passaram. O que era remoto e perigoso tornou-se familiar e amoldou-se à dimensão humana. Bichos, plantas, rios e montanhas receberam nomes. Foram reproduzidos em desenhos, foram simbolizados por sons e sinais gráficos. Completou-se a transformação: o homem não era mais um ser entre outros seres, mas o ser capaz de simbolizar todos os outros. E, nessa faculdade de simbolização, estava latente a possibilidade de conhecimento e domínio (LAJOLO, 1986, p. 33).

Adentrando no universo das lendas brasileiras, em Amostra do Populário Maranhense, José Ribamar Sousa dos Reis destaca o esmero trabalho do folclorista Antônio Perdigão ao esquematizar as lendas mais populares do Brasil por regiões. A tabela 1 apresenta-nos o resultado desse levantamento:

Tabela 1- As lendas mais populares do Brasil por regiões

Região	Lendas
Norte	*Boto, Muiraquitã, Origem do Pirarucu, Vitória-Régia, Saci Pererê, Boitatá, Mapinguari, Origem do Peixe-Boi, Capelobo, Caipora e Curupira, Lobisomem, Origem da Mandioca, Mula-sem-cabeça, Onça Maneta, Onça-boi, Origem da Lua, Iara, Origem do Guaraná, Origem do Sol, Diabinho da Garrafa, Cuca, Bicho-papão, Matina Perêra e Cobra - Honorato.*
Nordeste	Vaqueiro Misterioso, Mula-sem-cabeça, Negro d'Água, Cabra Cabriola, Quimbungo, Diabinho da Garrafa, Lobisomem, Cuca, Saci Pererê, Capelobo, Origem da Mandioca, Caipora e Curupira, Bicho-papão, Cabeça-de-cuia, Bicho-homem e Alamoa.
Centro-Oeste	Saci Pererê, Negro d'Água, Caipora e Curupira, Onça-maneta, Arranca-línguas, Onça da Mão Torta, Cuca, Lobisomem, Diabinho da Garrafa, Bicho-papão, Mula-sem-cabeça e Mãe-do-ouro.
Sudeste	Onça Maneta, Procissão das Almas, Bicho-papão, Mão de Cabelo, Lobisomem, Caipora e Curupira, Cuca, Saci Pererê, Mula-sem-cabeça, Negro d'Água, Quimbungo, Diabinho da Garrafa e Porca dos Sete Leitões.
Sul	Saci Pererê, Negrinho do Pastoreio, Bicho-papão, Caipora e Curupira, Procissão das Almas, Cuca, Mula-sem-cabeça, João de Barro, Gralha Azul, Mão de Cabelo, Pé-de-garrafa, Lobisomem e Diabinho da Garrafa.

Fonte: Reis, 2008 (adaptado).
Organização: O autor, 2020.

Analisando a tabela 1 com a coletânea das inúmeras lendas que povoam o imaginário brasileiro, algumas curiosidades vêm à tona. Aquilo que de início pode parecer irrelevante: a lenda do Diabinho da Garrafa está presente em todas as regiões. Contudo, a lenda do Boto, da Vitória Régia e do Boitatá encontram-se, em destaque, uma única vez, na região Norte.

Elaborando uma descrição sobre o tema, o estudioso da cultura paraense Ararê Bezerra apresenta-nos a seguinte análise:

> Nos mitos e lendas da Amazônia vamos encontrá-los com características regionais mesmo sendo GERAIS, dependendo do grupo étnico e da influência dos imigrantes a esta região. Como exemplo podemos citar: o Curupyra que no nordeste é conhecido como CAAPORA e anda em um porco branco, grande, à frente da vara de Caititús. O lobisomem, em outras regiões é visto como lobo, e na Amazônia como porco ou onça. Sofrem a influência sem entretanto perderem as suas características (BEZERRA, 1985, p. 15).

Em diversas regiões praianas maranhenses, as comunidades têm os maiores cuidados com o aparecimento dos botos conquistadores. Conta-se que, em determinado dia do ano, onde existe habitat de botos, essa espécie marinha se

disfarça em ser humano, homens jovens e louros, fantasiados com chapéu de fitas coloridas, e sai para conquistar as mulheres praianas virgens e bonitas. Tornam-se rapazes falantes, elegantes e, rapidamente, conquistam as mulheres, presenteando-as com brilhantes, jóias e sedas raras. Quando as mulheres se dão conta, já estão grávidas e as pobres se danam a chorar e a se maldizer enquanto os danados dos botos, dentro d´água, se alargam a dar risadas, dando viva a mais algumas belas mulheres desvirginadas (REIS, 2008).

De verdadeiro, até aqui, é que a tese em questão, e a problemática trazida, estão no bojo de uma região de constantes conflitos. Uma região com mais de 25 milhões de habitantes que necessita do equilíbrio dos estoques pesqueiros e da qualidade da água dos rios para a continuidade de seus estilos de vida. A maior rede hidrográfica do mundo vem sofrendo com a poluição, o desmatamento e a morte de espécies aquáticas. Dentre elas, aquele que, pela perspectiva biológica, está no topo da cadeia alimentar, o boto. Ameaçado, por um lado, pelo garimpo ilegal que os contamina com mercúrio. E, por outro, pela pesca da piracatinga (Calophysus macropterus) e a pressão gerada pela captura desse cetáceo usado como isca para capturar essa espécie de peixe (figura 1).

Figura 1: Desarticulação de caça predatória de botos.
Fotografia: Edmar Barros, 2013.
Fonte: Divemag International Dive Magazine, 2013.
Organização: O autor, 2020.

Na dimensão social e política da ciência, ao longo da história, diversos cenários epistemológicos emergiram. Verdades que pareciam eternas sucumbiram. Em múltiplos e distintos contextos as tentativas de uma caracterização e singularidade universal da ciência fracassaram. A luz da razão e do pensamento contra “as trevas da ignorância” mostram-nos que na medida em que as teorias dizem algo sobre o mundo, elas devem ser aferidas em confronto com ele.

A pesca da piracatinga simboliza o "efeito *iceberg"* das ações predatórias na região amazônica.[1] O comércio ilegal desse peixe é um dos muitos impactos nos ecossistemas aquáticos. “Em perigo”, por serem capturados de forma direta ou por emalhe acidental, essa pesca revela o declínio da população de botos, por comprometer sua reprodução e distribuição geográfica.[2] É o custo social da opção escolhida.

O homem tornou-se urbano, e sua sociedade se industrializou. Embora a necessidade de outros recursos naturais tenha aumentado, sua dependência dos recursos da fauna silvestre reduziu-se ainda mais. O espantoso é que, mesmo assim, a eliminação de animais permanece como uma atitude normal do ser humano em relação à fauna. Isto mostra como podem ser arraigados e conservadores certos hábitos – e talvez, aqui esteja um dos principais obstáculos à penetração das ideias preservacionistas em nossa sociedade. Fatores como este, de natureza cultural, casam-se perfeitamente com interesses imediatistas, de ordem econômica, constituindo uma forte barreira contra a conservação da fauna silvestre. A longo de toda a história humana, ensinou-se que os animais são maus, ou que é uma prova de poder e virilidade matar alguns deles. Na maioria das religiões, os animais são

---

[1] Os crimes ambientais na região do médio e alto Solimões perpassam a pesca da piracatinga. A venda ilegal de carne de animais silvestres, especialmente carne de mamíferos, é o mais comum. Há ainda registros da comercialização de alevinos com destino final a cidade de Tabatinga, na fronteira com a Colômbia e Peru. Muito intenso também na região da tríplice fronteira é o comércio de quelônios e de peixes apreendidos no período do defeso, sobretudo o pirarucu. A apreensão de madeira em tora ou serrada é uma constante. O rio Solimões é a principal rota de tráfico internacional de drogas na costa oeste do Amazonas. De países vizinhos, como Peru e Bolívia, entra parte dos entorpecentes que chegam a Manaus; sendo posteriormente distribuído para o resto do Brasil. Crescem as denúncias de garimpo ilegal em terras indígenas nos rios Jutaí, Curuena e Mutum, no município de Jutaí, onde vivem os Korubo. O último acontecimento que vem ganhando força principalmente entre Coari e Tefé é a ação dos *piratas dos rios*, que de comunidades ribeirinhas partem para assaltar embarcações em busca de maconha e cocaína.

[2] De acordo com a União Internacional para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) “em perigo de extinção” coloca o boto a dois passos da classificação de “extinto” em um futuro próximo. Dados desse instituto apontam que a população de botos na Amazônia vem reduzindo a cada década. É o “paradoxo da Reserva”, pois parte desse estudo, e os conflitos decorrentes, estão no entorno da RDS Mamirauá.

usados como símbolo de entidades malévolas ou demoníacas. Bem como, os meios de comunicação de massa, por sua vez, sempre apresentaram a morte de animais como algo natural ou até mesmo louvável.[3]

Não é fortuito que o símbolo do Anticristo fosse a Besta, ou que o Diabo costumasse ser retratado como combinação de homem e animal. Quando as pessoas viam o que pensavam ser espíritos malignos, geralmente estes apareciam sob o aspecto de algum bicho: cão, gato ou rato. As histórias tradicionais sobre a metamorfose dos seres humanos em bichos eram condenadas ou como fantasias poéticas ou como ficções diabólicas (THOMAS, 2010). Ainda que a metáfora mais adequada, e mais completa, para retratar a condição do boto na atualidade não seja necessariamente essa, tais concepções chegaram sobre a forma de induções ambíguas na contemporaneidade. É claro, o resultado disso só podia ser um: tudo passa a ser infinitamente mais complicado no estudo das culturas humanas. Entre as culturas e destas com o ambiente onde se erigem (ROCHA, 1988). Entre a imaginação e a razão, a realidade fantástica invade subitamente a alegoria do concreto pressionando os princípios mais básicos do pensamento racional.

Daí o cuidado de não nos deixarmos envolver pelo “canto da sereia”. Fugir do óbvio. Fugir daquilo que já foi replicado e compilado inúmeras vezes, e partir para a originalidade. Pois, em uma tese

> exige-se um aprofundamento de procedimentos teórico-metodológicos, incluindo levantamento de questões e proposições originais a serem investigadas. A originalidade não significa estudar algo absolutamente novo ou desconhecido, mas utilizar novas abordagens na análise dos problemas, sugerir questões inéditas e apontar elementos desconsiderados em outras abordagens (GONDIM; LIMA, 2006, p. 16).

Assim, para o seguimento dessa pesquisa, algumas perguntas precisam ser esclarecidas:

1) Quem são os sujeitos desta ação predatória?
2) Qual é o problema em questão?
3) Por que isso está ocorrendo?

Eis o desafio. Passível de críticas e objeções. Sujeitos a contestações, pois se trata de uma tese. Lembrando Geertz (1983, p. 57), “temos que escolher entre duas

[3] ALBERTS, Carlos C. Perigo de vida: predadores e presas: um equilíbrio ameaçado. São Paulo: Atual, 1989.

opções pouco atraentes: cansar seu público com uma quantidade enorme de informações exóticas, ou tentar desenvolver seu argumento em um vácuo empírico".

Embora a caça predatória dos botos seja um problema já diagnosticado desde os anos 1997, basicamente, há duas vertentes para esse debate: "o sistema de pesca da piracatinga, atividade com forte ameaça ambiental" e "as circunstâncias que levaram ao início do emprego de jacarés e botos como isca para este tipo de pesca".

Na tentativa de compreender a dinâmica dos comportamentos humanos no problema em questão, associamos os métodos qualitativos e quantitativos. Nos apoiamos, teoricamente, nos trabalhos de Severino (2007) e Creswell (2010) a fim de constituir uma entrevista semiestruturada que pudesse ser aplicada junto a 10 pescadores da região objeto da pesquisa.[4] Estes pescadores foram entrevistados de forma aleatória, onde foram abordadas perguntas de cunho econômico, cultural e social. Os participantes da pesquisa apresentam idades entre 40 e 72 anos. Constatou-se, em sua maioria, que possuem o ensino fundamental incompleto, bem como, majoritariamente, declararam-se casados (figura 2). A unidade familiar é relativamente numerosa, variando de três a dez pessoas por residência. A maioria desses núcleos é composta por famílias com mais de 5 filhos (figura 3). Nesse imperativo, trabalho e vida

[4] Havia a ideia inicial de entrevistarmos mais pescadores. Contudo, seguindo as orientações do CEP, estabeleceu-se, por critérios de inclusão, entrevistar pescadores maiores de 18 anos, legalizados, que estivessem trabalhando nas feiras e mercados dos locais pesquisados e, com atuação na atividade pesqueira a pelo menos dois anos. Da mesma forma, por critérios de exclusão, não foram entrevistados pescadores que não possuíam disponibilidade de horário, que estavam sob efeito de álcool e que exigiram algum pagamento pelas informações. Daí a razão, seguindo a lisura e os rigores éticos de uma pesquisa, de um quantitativo reduzido. É algo comum nas pesquisas de campo nos depararmos com pessoas que não estão dispostas a contribuir, alegando falta de tempo ou exigindo algum retorno financeiro. Algo em questão, que não poderia ser desconsiderado na seleção dos entrevistados, são os riscos. Toda pesquisa que envolve seres humanos contém riscos. Há a possibilidade de o entrevistado sentir algum tipo de desconforto como ansiedade (aumento da sudorese, respiração ofegante e cansaço); e estresse (irritabilidade e falta de concentração). Se algo dessa natureza acontecesse teríamos que encaminhar o entrevistado para o Hospital Regional do município da ocorrência da entrevista (Hospital Regional de Tefé) para os atendimentos necessários. Por fim, nos responsabilizaríamos, também, pelos medicamentos e o que mais fosse necessário para a sua recuperação. E, como forma de reparação aos danos estaria assegurado o direito a indenização e cobertura material para reparação ocasionados pela pesquisa (Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7). Àqueles que posteriormente tiverem acesso a esta tese devemos esses esclarecimentos. Como enfatizamos no início, trata-se de uma pesquisa qualiquantitativa. Mais do que números, gráficos e tabelas, estamos tratando com pessoas: modo de vida, fenômenos, cultura, anseios, sentimentos e conflitos.

> não são duas dimensões cindidas: as crianças, as mulheres, enfim, um organismo único produz com base no objetivo de *gerar não só os meios de vida, mas, sobretudo, um modo de vida*. A unidade indissolúvel da existência está também no conjunto de significados vitais que os elementos básicos do trabalho incorporam (ABRAMOVAY, 2012).

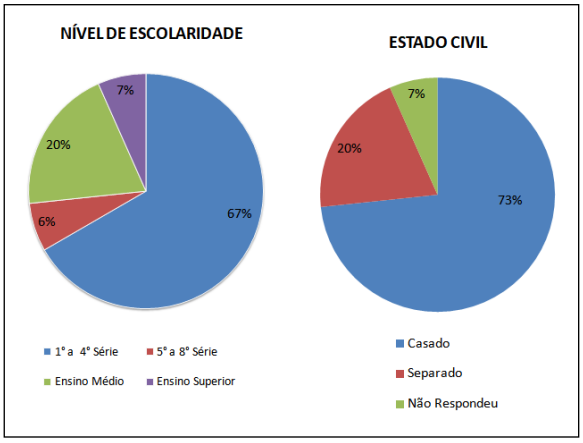


Figura 2: Escolaridade e estado civil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

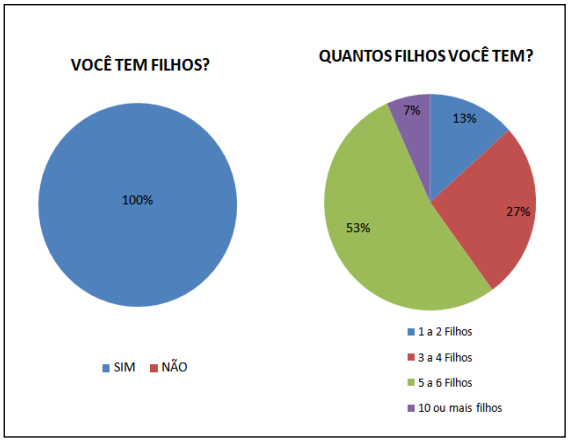


Figura 3: Quantitativo de filhos por família.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Dessa forma, aprofundando o fenômeno investigado, nas perguntas abertas, específicas sobre o tema, a maioria afirmou que prefere a pesca do peixe de escama ao peixe liso. Porque *"Comércio e lucro é melhor", "A pesca do peixe de escama pode ocorrer o ano inteiro",* porque *"É mais fácil de pescar", "É mais consumido"* e porque *"As pessoas têm preferência pelo peixe de escama".* Essas foram as principais justificativas. Por sua vez, os participantes que responderam que preferem a pesca do peixe liso, deram como principal explicação o fato de *"Dar mais lucro, por ser um peixe mais caro"*.

Mas há outros interesses em questão. Nas incursões a campo quando questionamos se costumam capturar e comercializar a piracatinga, grande parte afirmou que não, porque *"Não possui mercado"*, por *"Ter preferência por outro tipo de peixe"*, e por *"Não ter costume"* nessa pescaria. Da mesma forma, afirmaram que a pesca da piracatinga na sua comunidade é praticada por poucos pescadores. Contudo, na passagem de uma pergunta a outra, questionamos se tinham conhecimento de casos de jacarés e botos sendo utilizados como isca nessa pesca. Um total de 60% dos entrevistados respondeu que sim (figura 4). A pressão e o interesse na divisão social do trabalho criam situações paradoxais, de objetivos duplos, na funcionalidade estrutural da produção pesqueira.

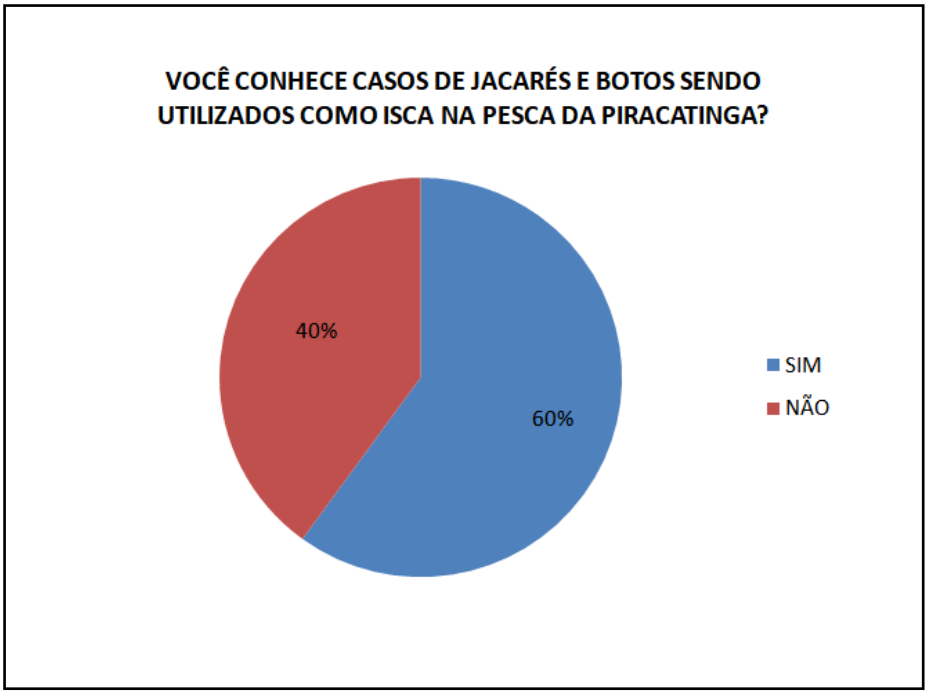


Figura 4: Conhecimento sobre as iscas usadas.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Nesse ambiente, o trágico da situação encontra-se justamente em obter dados sistemáticos sobre a abrangência da pesca da piracatinga, somado ao receio dos pescadores e comerciantes em fornecer informações, e serem relacionados com as atividades ilegais de abate de botos e jacarés.

As unidades de análise para terem significado ou sentido devem estabelecer relações com o objeto estudado. De fato, a ciência só tem validade diante daquilo que pode ser comprovado. E quanto mais quantitativo, melhor. Contudo, gráficos, *slides* e tabelas não necessariamente representam o que pode estar por trás da memória, pois a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é constituída por pessoas, personagens e sentimentos. A práxis investigativa, sem fundamentação, pode nos direcionar a métodos reducionistas, mecanicistas e cartesianos, tal qual em uma floresta sem bússola. Daí o cuidado com o objeto pesquisado, ou melhor, o cuidado na escolha do método como caminho do conhecimento, porque:

> Quando observamos a prática científica concreta, o que nos aparece de forma mais evidente é a aplicação de atividades de caráter operacional técnico. Uma infinidade de aparelhos tecnológicos enchem os laboratórios, desenvolvem-se variados procedimentos de observação, de experimentação, de coleta de dados, de registros de fatos, de levantamento, identificação e catalogação de documentos

> históricos, de cálculos estatísticos, de tabulação, de entrevistas, depoimentos, questionários etc (SEVERINO, 2007, p. 100).

À primeira vista é a fórmula de um roteiro preciso. No entanto, todo procedimento:

> Precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia praticada. É que a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real. Toda modalidade de conhecimento realizado por nós implica uma condição prévia, um pressuposto relacionado a nossa concepção da relação sujeito/objeto (SEVERINO, 2007, p. 100).

Mesmo com a constatação de que botos e jacarés estão sendo utilizados como iscas, o que foi observado é que as crenças e temores com o ambiente encantado permanecem no imaginário dos participantes da pesquisa. Em relação à pergunta "Você acredita nas lendas relacionadas ao boto?", observamos como afirmação explicações do tipo *"Devido ter acontecido na família ou com amigos"*, *"Porque o pai ou avós contavam essas histórias"*, *"Por ter visto algo sobrenatural ter acontecido", "Porque as pessoas mais velhas contavam, inclusive minha mãe, sempre contou histórias do boto", "Porque acreditam que as lendas são verdadeiras"* e *"Eu acredito porque eu tinha uma prima e o boto emprenhou ela"*. Um dos entrevistados de forma convicta afirmou *"Eu acredito porque já vi uma pessoa vestida de branco na praia, e ele caiu na água e boiou lá longe"*.

Sobre o assunto, Mello (2001, p. 97) nos conduz a uma interpretação insólita:

> A imaginação é, da mesma maneira, um veículo de liberdade e conduta de escapadas temporárias, em meio à desatenção, ou sonhadoras, como voar ou ancorar em portos seguros. Quando rodeado de problemas ou em instantes felizes, o indivíduo espairece, caminhando por outros mundos, com o próprio corpo, ou por meio de novelas, livros, filmes, canções, jogos etc. Na realidade, o pensamento não obedece a fronteiras. Consequentemente, as distancias não são obstáculos. Assim, do seu lugar vivido, o ser humano tem a capacidade de transitar em lapsos de segundo e pode viver, simultaneamente, em vários mundos/lugares.

Nas respostas daqueles que não acreditam surgiram argumentos como *"São lendas contadas pelas pessoas antigas"*, *"Não acredito. Dizem que ele aparece todo arrumado, só não sei em que loja ele compra a roupa dele"*.

À vista disso, ainda haveria lugar para a panema nas comunidades de pescadores e seringueiros? A quem ou a quê seriam atribuídas e transferidas a má

sorte e a infelicidade na vida comunal? Estudos antropológicos sobre o tema teriam que se direcionar a outros objetos fenomenológicos, abandonando a macrocompreensão de um sistema cultural que tenta justificar árvores sem frutos, espingardas que não atiram e o insucesso na pesca à panema. Mas a verdade importuna é que no etnológico a fenomenologia continuará como a pedra no sapato das demais ciências. Ademais, as culturas e seus "processos de fusão" precisam ser comparados.

A panema enquanto casualidade complexa dentro do saber tradicional trás uma das muitas interrelações do universo católico com o sobrenatural. No dizer de Eduardo Galvão "Abusão ou mera sobrevivência dos tempos idos", complementando que:

> Esta é uma força mágica, impessoal que a maneira do mana melonésio "infecciona" homens, animais e objetos. É porém um mana negativo. Não empresta força ou poderes extraordinários ao seu portador ou agente, ao contrário, incapacita-o para a ação que o destina. Panema é comumente definida como "falta de sorte", "azar", "infelicidade", e foi com esse sentido incorporada ao vocabulário popular do Norte (GALVÃO, 1951, p. 222).

Ao cair da noite, chega-nos um questionamento: infiltrações podem destruir por dentro estruturas ideológicas que pareciam impenetráveis. A razão é logocêntrica. E no meio desse caminho encontram-se o boto, o jacaré e a piracatinga. E no meio desse arbítrio corremos o risco de construirmos ideias panóplias e não chegarmos a lugar nenhum. As ideias precisam se confrontar e se materializar.

CAPÍTULO I

O BOTO NO AMBIENTE ENCANTADO DA AMAZÔNIA

Ao povo rogo atenção,
a Deus Pai, sabedoria
para contar uma história
cheia de ação e magia:
a lenda viva do boto,
ser mandingueiro e maroto
da nossa mitologia[5]

1.1 O boto mágico de Paes Loureiro e Câmara Cascudo

Na composição dos mosaicos simbólicos da Amazônia, está, por excelência, o território e morada das lendas. Como nenhuma outra região do Brasil, o Amazonas está estudado e revisto. Os olhos mais ilustres fixaram-se na majestade de uma natureza espetacular e complexa. Recolhendo material etnográfico, fizeram viajantes e naturalistas estudos antecipados de Folclore.[6] Não são territórios palpáveis porque são imateriais. São demonstrações intangíveis, prodigiosas, mas de múltiplas interpretações. Não obstante, essas singularidades têm os elementos-chave para a compreensão das narrativas e acontecimentos recônditos.

Nas angulações circunstanciais dessa composição simbólica, mescla-se o real e o imaginário. Traz-nos, muitas vezes, uma lição de moral ao perseguir e punir àqueles que desrespeitam a natureza.[7] Neste lado do espelho legifera a imaginação criadora num ethos onde as narrativas e ações dos personagens conflitam numa cosmologia de enredos com clímax e tramas contínuas. Desse processo criativo de metáforas e hipérboles, os símbolos compõem uma sinonímia de formulações alegóricas onde o introspectivo coabita o teatro dos sonhos.

---

[5] SIQUEIRA, Antonio Juraci. O chapéu do boto. Edição bilíngue. Achevé d'imprimer sur lês presses de Microlynx, Rennes. Dépôt legal: Août 2010.
[6] CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. São Paulo: Global, 2002b.
[7] Tal qual legisladores, o curupira e o boitatá têm em comum o poder de serem guardiões das florestas e dos animais. Como mediadores que controlam a relação entre os homens e a mata, perseguem e aniquilam os predadores da natureza por sua ganância. No dizer de Eduardo Galvão, referindo-se ao tema – "cada espécie possui a sua *mãe*, a *mãe do bicho*, entidade protetora que castiga àqueles que matam muitos animais. A *mãe* assombra o ofensor, roubando-lhe a sombra, o que resulta em loucura. Afirma-se que os caçadores evitam matar o mesmo animal dias seguidos. Abatido um veado, hoje, é preferível seguir o trilho de uma paca amanhã. Enfezar ou maltratar um animal doméstico, ou fazer zoada na beira d'água, como os meninos gostam de fazer, é atrair a malineza da *mãe* do bicho ou do igarapé" (GALVÃO, 1955, p. 105).

Rio e floresta são enigmas da Amazônia. Dependendo do rio e da floresta para quase tudo, o caboclo usufrui desses bens, mas também os transfigura. Essa mesma dimensão transfiguradora preside as trocas e traduções simbólicas da cultura, sob a estimulação de um imaginário impregnado pela viscosidade espermática e fecunda da dimensão estética. O rio deságua nesse imaginário onde se pode ler a multiplicidade dos ritmos da vida e do tempo e observar as indecisões da fronteira entre o real e o imaginário. Entre o rio e a floresta é preciso saber ver para efetivamente ver. Um olhar sustentado pela pertença à emoção da terra, com a sensibilidade disponível ao raro, com a alma posta no olhar (PAES LOUREIRO, 2003). E do simbolismo aquático, crenças e temores, concretiza-se em sua plenitude um mito personificado em rapaz galante:

> Que seduz as moças que dançam nas festas da cidade, as que tomam banho nos rios e também as que navegam, sozinhas, em pequenas canoas. Nas noites de festas junina o boto rosa se transforma em um homem muito bonito e encantador. Todo cheiroso e elegante, ele sai da água para conquistar o coração da moça mais bela que encontra pelo caminho. Nas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, enquanto os ribeirinhos fazem fogueiras e dançam quadrilhas ao som das sanfonas, o boto sempre aparece como um homem desconhecido, muito cuidadoso, para que não descubram seu segredo, usa sempre um chapéu para esconder o pequeno buraco na cabeça, por onde respira. Simpático, ganha sempre a atenção de todos e o coração de lindas garotas. Mas antes de amanhecer, retorna ao fundo dos rios, onde mora, e volta a ser o boto. Muito sedutor, enfeitiça as moças indefesas de tal modo, que nas noites seguintes elas vão se encontrar com ele nas margens dos rios. Dizem até que ele leva a escolhida para um passeio em seu palácio, que fica na profundeza daquelas águas. Quando uma moça fica grávida e os ribeirinhos descobrem que ela se encontrava secretamente com o boto, a história se espalha e a frase é sempre a mesma: “foi o boto, sinhá!”[8]

Desse olimpo submerso, entorna de forma pulsante a poesia em partitura de Valdeck de Garanhuns:

Sua voz é encantada
a índia fica gamada
seduzida, apaixonada
ouvindo sua canção
segue em sua direção
levada pela beleza
se atira na correnteza

[8] TURMA DA MÔNICA: lendas brasileiras – boto rosa. São Paulo: Girassol Brasil Edições Eireli, 2018.

nos oito pés do quadrão[9]

Possuidor de palácios no fundo do rio, traveste-se de exímio dançador e irresistível conquistador. E, num enredo universalmente análogo:

> Se transforma em belo rapaz para seduzir as moças e engravidá-las. Ninguém é mais simpático e cavalheiro em um baile. Toda moça que aparece grávida e desconhece ou ignora o pai, coloca a culpa e a autoria do filho no boto. Em noites de lua cheia, os botos costumam se reunir para cantar e dançar nas beiras dos rios e igarapés, mas ninguém deve passar perto dessa reunião e, muito menos, ter a curiosidade de ver o que está acontecendo, sob pena de nunca mais voltar (GARANHUNS, 2007, p. 27).

Para uma discussão mais completa, nesse espírito de sobrenaturalidade e mistério, Câmara Cascudo agrega elementos ao tema:

> Um pescador estava tentando arpoar a um peixe-boi e um boto começou a incomodá-lo, nadando por perto, afugentando a presa. O pescador, perdendo a paciência, feriu o boto com o arpão. Horas depois o pescador estava preparando a sua comida numa praia quando abicou uma canoa cheia de soldados vestidos de vermelho. Prenderam o pescador e foram viajando na canoa. Adiante mandaram-no fechar os olhos. Quando os reabriu estava numa praia estranha, com paisagem estranha, e sozinho. Apareceu-lhe então uma mulher que lhe conhecia e que desaparecera há muito tempo. Explicou que os botos eram encantados e que curasse o boto ferido com tabaco e acapurana (CASCUDO, 2002a, p. 43).

Nutrindo esse imaginário, uma curiosidade no trecho é o conselho da mulher ao pescador:

> "Olha! não comas, aqui, nem uma fruta, nem a comida que eles te derem, porque, se comeres, não sairás mais daqui. Foi o que me aconteceu!" Ele não comia nada do que lhe ofereciam; só comia do que havia levado. Três dias depois o boto ferido estava bom e como o pescador não comera comida encantada, foi restituído à terra. A mulher que estava no fundo do rio mandara um cacho de cabelo para o Pajé defumar. O Pajé rezou, defumou o cabelo recebido e a mulher voltou para a vida comum com a gente comum (CASCUDO, 2002a, p. 43).

Diante do rio e da floresta, o homem, incapaz de franjar os seus limites, insere-se nessa desmedida através de um gesto que o faz superior a essa natureza: ele cria os encantos, mantendo a grandiosidade esmagadora que os envolve sob seu controle. Ele passa a ser a razão primeira de tudo. O caboclo: um ser criador das origens. Essa poética da imaginação não faz dele um poeta. Mas o mantém

---

[9] GARANHUNS, Valdeck de. Mitos e Lendas brasileiras em prosa e verso recontados por Valdeck de Garanhuns. São Paulo: Moderna, 2007.

envolvido em uma atmosfera que torna o imaginário a encantaria de sua alma (PAES LOUREIRO, 2003). Nascemos às margens do rio negro ouvindo rumores da existência de seres encantados que habitam os rios da Amazônia, sobretudo, nas muitas noites sem energia elétrica, quando as famílias se reuniam em rodas animadas de conversa. Desde a infância ouvimos os relatos dos mais velhos sobre os animais da floresta que servem de motivo para inúmeras narrações pitorescas: sobre a inteligência do jabuti, a ignorância da onça, o canto mágico do uirapuru, as peripécias do boto, a maldade da cobra-grande, seres que criam o reino deslumbrante do folclore amazônico (PINTO, 2008). O desejo da companhia sobrenatural é uma resposta ao inevitável sentimento de solidão a que o homem se expõe diante da natureza magnífica. O equilíbrio inquieto da solidão o leva a buscar realidades além da superfície, transferindo a profundidade da alma para a natureza. A crença nos encantados o libera e isola da trivialidade de cada dia a dia (PAES LOUREIRO, 2003).

Esse universo extranatural não é tributário dos botos e demais seres fantásticos do imaginário amazônico. Essa prosopopeia mítica está vivificada na genealogia da tradição judaico-cristã, como na passagem bíblica da *jumenta de Balaão*:

> Deus estava zangado com Balaão; por isso, mandou o anjo do Senhor para se pôr no seu caminho e matá-lo. Enquanto Balaão e os dois criados seguiam cavalgando pela estrada, a jumenta de Balaão viu o anjo do Senhor em pé no caminho, com a espada desembainhada, e saiu pelo campo. Balaão bateu-lhe e trouxe-a de novo para o caminho. Mas o anjo do Senhor pôs-se mais adiante num sítio onde se passava entre as paredes de duas vinhas. Quando a jumenta o viu de novo ali procurou passar muito rente a um dos muros, apertando de tal maneira o pé de Balaão que ele tornou a bater-lhe. Ora, o anjo do Senhor foi pôr-se ainda mais à frente num lugar tão estreito que a jumenta ali não podia passar mesmo. Por isso, baixou-se e ali ficou. Balaão ficou furioso e espancou-a com o bordão. Então o Senhor fez com que a jumenta falasse e dissesse: “O que é que te fiz para que me espanques já por três vezes?”. “Porque tens estado a brincar comigo!” gritou-lhe Balaão. “Só queria ter aqui uma espada, que te matava já.” Porém, a jumenta disse a Balaão: “Eu sou a tua jumenta, que tens montado sempre, até hoje. Alguma vez fiz isto contigo anteriormente?”, perguntou a jumenta. “Não!”, admitiu ele (Números 22. 21-30).

No folclore brasileiro há muitas estórias do macaco e em quase todas o seu papel é vitorioso. Simboliza a esperteza, a habilidade cínica, a destreza inescrupulosa. Nas tradições orais africanas é a figura de sagacidade, de rapidez

nos gestos (CASCUDO, 2002a). Desse primata, Ishmael Beah resgata uma história corrente entre as crianças de Serra Leoa:

> Era noite e estávamos sentados ao redor do fogo com os braços esticados na direção das chamas, ouvindo histórias e olhando a lua e as estrelas se recolhendo. O carvão incandescente da fogueira iluminava nossos rostos na escuridão e fiapos de fumaça subiam continuamente ao céu. Um dos amigos do meu avô contou muitas histórias para nós naquela noite. “Havia um caçador que entrou nos arbustos para matar um macaco. Ele havia procurado por apenas alguns minutos quando viu o macaco sentado confortavelmente num galho de uma árvore baixa. O macaco não lhe deu a menor atenção, nem mesmo quando os passos do homem sobre as folhas secas subiam e desciam, se aproximando. Quando estava bem perto do macaco, atrás de uma árvore de onde ele conseguia ver o bicho claramente, ele levantou o rifle e apontou. Justo quando estava para apertar o gatilho, o macaco falou: ‘- Se você atirar em mim, sua mãe vai morrer, e, se você não atirar, seu pai vai morrer’. O macaco voltou ao que estava fazendo antes, mastigando comida e de vez em quando coçando sua cabeça ou um lado da barriga. O que vocês iam fazer se vocês fossem o caçador?”. Essa história era contada uma vez por ano aos jovens da minha aldeia. O contador de histórias, geralmente um ancião, colocava essa questão irrespondível ao final da história, na presença dos pais das crianças. Toda criança presente na reunião tinha que responder a pergunta, mas nenhuma criança jamais a respondia, pois tanto suas mães quanto seus pais estavam presentes. Nem o contador de histórias oferecia uma resposta.[10]

Mesmo vagas e difíceis de compreensão as superstições vivem, aqui e além (CASCUDO, 2002a). O imaginário testemunha nossa liberdade de criar. O irreal ou não-real deixa de ser o que está escondido, submerso no real. Temos que aceitar um acordo ficcional, em princípio. O ouvinte aceita que o que se narra é uma história imaginária, mas nem por isso, deve pensar que o narrador está contando mentiras. Por esse acordo ficcional fingimos acreditar no relato ouvido. Liberamos o livre jogo entre imaginação e entendimento. Cremos como numa verdade. Reconhecemos seu poder ser. Sua verossimilhança. Sua lógica onírica (PAES LOUREIRO, 2003). Faz parte da cultura de um povo recompor a memória das épocas que se foram e, deste modo, podemos "saber" do conto popular testemunhando sua presença em antologias a que foi recolhido e, ainda, estudado, analisado; visto, assim, não sob o prisma do prazer, mas sob bisturis dissecadores que servem a análises minuciosas de cada uma de suas partes, em busca de compreensão maior (MARIA, 2004). Esses hábitos vão prolongando no tempo, através de idades e civilizações,

[10] BEAH, Ishmael. Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

mentalidades e interpretações (CASCUDO, 2002a). Frestas no conhecimento muitas vezes têm mais validade do que portas abertas que facilmente podem levar-nos a labirintos tenebrosos.

Toda realidade humana é fundamentalmente cultural e só pode ser compreendida caso aceitemos nos colocar no lugar daqueles que a vivem e que a configuram (CLAVAL, 2001). Nem tudo na vida é como em Sodoma e Gomorra (Gn 19:17-26) cuja melhor decisão é a de seguir a vida sem olhar para trás, livres de sermos transformados em uma estátua de sal. Retornando ao problema e à decisão a ser tomada pelo menino em relação ao dilema imposto pelo macaco (p. 30), imaginemos que esse macaco personaliza a ciência e suas metodologias. E a resposta o plano prático, com preocupações permanentes: "- Que a minha mãe nunca saiba da minha decisão. Eu mataria o macaco para que ele nunca mais colocasse alguém nessa situação embaraçosa" (BEAH, 2007).

Contos e lendas carregam uma sabedoria ancestral. Estão ancoradas em um conhecimento instituído há muito tempo. Mesmo que não seja um conhecimento científico, prevalente ou organizado, denotam um repertório que estabelece relação com o discurso fundador.

De modo geral, as narrativas sobre os botos apresentam um caráter invariante. Mesmo que repleta de espanto e maravilhamento. Tal fato comprova uma estrutura comum a todos os contos folclóricos (MARIA, 2004). Mas no silêncio das entrelinhas adentra a superposição da trama psicológica de Fanny Abramovich, a nos aturdir, nas sendas prodigiosas do fantástico e do misterioso; utilizando argumentos capazes de gerar a lógica naquilo que, aparentemente, é do mais completo absurdo (MARIA, 2004) deixando-nos inebriados perante um misticismo potamológico:

> Pelas águas escuras, volteios, saltos, ondas abrindo caminhos para pular, de dentro delas, um homem querendo namorar. No cais ao lado, todo enfeitado com bandeirolas coloridas, começava um baile. Música, dança, olhares, bebidinhas, brincadeiras, risinhos envergonhados, ajeitação dos cabelos, passação de batons vermelhéssimos, sem-gracices escondidas. Explosão de vontades de namorar. Sem disfarce. Sem fingimento. Todas as moças olhavam todos os rapazes. Desassossegadas. Sorrisos, risadas, dengos, viração de caras, faceirice, mostração de pernas, exibição de decotes. Meio que de repente, todas as moças viraram o pescoço. Seguindo o moço bonito que adentrou na festa. Vestido de branco. Sapatos, chapéu, terno tinindo de brancura. Maior charme.

> Irresistível. Devastou corações. Ele deu um tempo. Escolheu um lugar de onde todas podiam continuar olhando pra ele. Saboreou o sucesso. Bebericou muitos copos espumantes, sem perder a pose. Olhou demorado para todas as moças. Flertou, acenou, foi e voltou. Saiu dançando com muitas delas. Ciranda, carimbó, lundum. Deslizou feito peixe nas águas. Rodopiou, gingou, requebrou, inventou passos, marcou ritmos. Abafou. Quem viu, gostou. Quem com ele dançou, vibrou. Todo sedução, todo encantamento. De repente, ele avistou uma garota especialmente bela. Morena jambo, cabelos cacheados, saia curta mostrando as pernas roliças. Ouriçou. Namoricou com os olhos. Piscou, fixou, procurou, desviou. Ela caiu no charme dele. Direto. Inteira. Se derreteu em charme pra ele. Ele gostou. Dançaram ao luar. Iluminados de prata. Ele abraçou a cintura dela, ela arrepiou. Ele beijou comprido, ela derreteu. Molengou. Ele a levou num rodopio bailante, ela se largou. Cheia de olhos só pra ele. Não viu mais ninguém. Não viu mais nada. Encantou (ABRAMOVICH, 2002).

Nos recantos da sua humanidade, na grandeza de um amor cruel as almas se entregaram, como os corpos se tinham entregado. Como serpentes brancas se enroscando tentando ser um só. Sonhando que acharam o par que a alma e a carne lhe pedia.[11] A gestualidade refere-se às ações do corpo quando os atores se encontram. Sinal de mão, aceno de cabeça, aperto de mão, abraços, beijos no rosto, na boca, maneiras de consentir e de negar, movimentos da face e do corpo que acompanham a emissão da palavra, direcionamento do olhar, variação da distância que separa os atores, maneiras de tocar ou de evitar o contato (LE BRETON, 2012). A vida, em sua constante mutabilidade, carrega em seu movimento valores e convenções que se perdem na poeira do tempo (MARIA, 2004). Em uma utopia cerebral que nos dá a liberdade para fugirmos do real e construirmos uma realidade randômica. Em uma meditação devaneante, explodindo o entusiasmo da imaginação, revolucionando as hierarquias lógicas entre o real e o irreal. Onde a criação dessa teogonia cotidiana parece viver de uma forma ilimitada, convivendo com seres sobrenaturais, porque somente a imaginação consegue ultrapassar os horizontes (PAES LOUREIRO, 2003). E da loucura supra-humana, um éden submerso de pensamentos desimpedidos de amores integrais é capaz de criar um barco colorido:

> De dentro dele, saltar uma moça com vontade de namorar. Pronta para o agito misterioso da noite. Perto do embarcadouro, um bar festeiro. Enfeitado. Animado. De repente, silêncio. Olhares curiosos seguindo uma moça. Deslumbrante! Impossível de desgrudar os olhos. Irresistível. Fissuração geral. Toda vestida de branco. Vestido

[11] RÉGIO, José. Antologia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

> molengo, decotado, aberturinha na barriga e fenda nas pernas. Cruzou as longas pernas, balançou a sandália. Ouriçou todos. Curtiu a sensação provocada. Esticou o tempo de admiração. Uma bandinha fez improvisos musicais. Ela marcou o ritmo, levantou, dançou. Arrebentou. Rebolou, gingou, requebrou, inventou passos e movimentos. Todos os olhares seguindo os contornos do corpo da moça vestida de branco. Desejos explodindo. De repente, no fundo do bar, enxergou o homem que procurava. Um rapaz loiro, alto, musculoso. Bonito, atraente. Cabelos bem cortados, um rosto interessante. Sexy. Bailou até perto dele. Chamou para dançar junto. Ele se levantou, tonto. Boquiabertou. Se beliscou. Não acreditou que foi o escolhido (ABRAMOVICH, 2002).

A existência do corpo parece estar sujeita a um peso assustador que os rituais devem conjurar, tornar imperceptível sob a familiaridade das ações. O corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície da projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, à natureza (LE BRETON, 2012). Para compreender-se a Amazônia e a experiência humana nela acumulada, e seu humanismo surrealista, deve-se, portanto, levar em conta seu imaginário social, pois todo o verdadeiro humanismo deve também se fundar além das conquistas da ciência (PAES LOUREIRO, 2003) porque a ciência não é um monolítico harmonioso.

O rio representa sempre a existência humana e o curso da vida com a sucessão de desejos, sentimentos, intenções e a variedade de seus desvios (PINTO, 2008). E o corpo representa o cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico (LE BRETON, 2012) onde o evanescente e o impalpável é capaz de criar sensações agoniantes, suspirar saudades no moço loiro,

> esperando encontrar a moça vestida de branco. Esperar, ansioso, a próxima noite de lua cheia. Vestiu sua roupa mais linda, se perfumou, embelezou. Foi pro emborcadouro, nervosou. Demorou...e ela chegou. Deslumbrantemente linda. Voltou o namoro, voltou a paixão, voltaram as danças, os beijos, os carinhos de saudades. Ele saboreou cada momento. Na aurora, ela partiu. Na outra lua cheia, voltou. Assim, por nove luas cheias. Depois, nunca mais apareceu...O rapaz sofreu. Afligiu, adoentou, emagreceu, entristeceu. Perdeu a vontade, perdeu a alegria, perdeu a garra e a gana. Por muito tempo, não namorou nenhuma outra moça. Lembrou a história que o velho contou. Mulher de boto engravida e tem filho dele. Filho, ele não ia ter. Impossível...Difícil ia ser conseguir arrancar de dentro

> dele a beleza da bôta-mulher-de-branco. Encantada. Sedutora. Marcante. Inesquecível (ABRAMOVICH, 2002).[12]

O homem em si mesmo é fantástico, à medida que manifesta a faculdade humana de transcender o humano (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996). O imaginário, com a exuberante potência erótica do belo em nossas lendas, é, para o caboclo, o testemunho de sua liberdade de ser e criar. A lenda inventada pelo caboclo povoando as encantarias revela sua vontade (ou desejo) de participar de uma realidade superior que ele reconhece presente na natureza onde habita. O rio e a floresta são como origens, um ponto zero, o lugar de todos os começos (PAES LOUREIRO, 2003). O boto, nesse inconsciente coletivo transcende o universo das histórias passadas entre gerações, que os velhos contaram, para se tornar, pelo sentido que carrega, um arquétipo na contemporaneidade. Um signo. Um embrião.

Qualquer coisa que não pertence a este mundo manifestou-se de maneira apodítica, traçando desse modo uma orientação ou decidindo uma conduta (ELIADE, 2018). Categorias de irrealidade, materializadas "através de todos os séculos, na retentiva milagrosa da memória humana" (CASCUDO, 2002a) porque os mitos assim como a língua, se transubstanciaram (FERREIRA, 2018). Aquilo que na ruptura do poeta revela-se em violentos conflitos, pois

Outrora era Tupã lento ensinando
Jesus Menino a nadar entre as iaras.
Agora o capital acumulando
a latifúndia razão
a primitiva
a concentrada estação da mais-valia.
E a desvalia do homem, atroz, desadorado,
em relatórios, cifrões, mercadorias...[13]

Na poesia e na vida os temas se repetem, como um todo unívoco, a transformar a plenitude de uma cosmovisão em intertextualidade. Onde o fantástico ultrapassa o real.

> Claro, o laboratório do cientista que pesquisa não é o oratório de um monge que reza ou o ateliê de um pintor. A ciência não é o lugar de uma liberdade total, pois as experiências devem sempre ser desenvolvidas sob um controle escrupuloso. É preciso, no entanto,

---

[12] Há poucos registros literários, com riqueza de detalhes, das ações amorosas do boto fêmea sobre os homens. Eduardo Galvão (1953, p. 97) destaca que a fêmea não é considerada tão perigosa, "embora, se afirme que um homem que as encontra mortas na praia não resiste à tentação de copular com o cadáver. A atração e o gozo são de tal intensidade que se não for arrancado à força pelos companheiros, sucumbe de exaustão".

[13] PAES LOUREIRO, João de Jesus. Deslendário. Belém: Gráfica Falangola, 1981.

> lembrar que toda ciência é humana, quer dizer, elaborada por seres humanos. E estes últimos, ao invés de renunciar às imagens em benefício de conceitos (é o estereótipo de um pensamento científico que seria não figurativo), sempre lançaram mão de uma atividade de representação visual: a formalização gráfica, o esquema explicativo, a imagem numérica (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p. 27).

1.2 A configuração alegórica de um universo despoetizado

- Foi boto, sinhô? – Foi boto, sinhá.
Os botos mudam-se em moços
Os botos seduzem moças
e há botos do Acre ao Pará
Vosmecê sabe, meu tio?
Os botos são pais dos filhos
Sem nome: de todos que há.[14]

Como soluções fantasiosas das contradições reais as pessoas inventam seus fins e os meios de se chegar até eles. O universo conceitual do boto traça uma linha divisória com reflexos distorcidos porque coadunam interesses em conflito. Há uma divisão básica que não pode ser ignorada à medida que adentram objetos diluidores, robustecendo fragilidades congênitas, levando o boto a um destino aparentemente inevitável. E em atitude de ruptura com as cores serenas da catolicidade (CASCUDO, 2002a) que demarcavam e perpetuavam as circunstâncias do pensamento e da simbolização, da tradição alegórica, *vis-à-vis* com a discrição do mistério da atmosfera macabra e a imagística satânica, rompe-se a letargia do comodismo (MARIA, 2004), do silêncio do homem primitivo olhando o céu estrelado ou a lua cheia, de luz suave e recordadora (CASCUDO, 2002a) e já começa a contar os *causos* que lhe contam as antenas parabólicas e a internet (PAES LOUREIRO, 2003). Porque a natureza é cambiante, e os homens factíveis.

> O simbólico se faz presente em toda a vida social, na situação familiar, econômica, religiosa, política etc. Embora não esgotem todas as experiências sociais, pois em muitos casos essas são regidas por signos, os símbolos mobilizam de maneira afetiva as ações humanas e legitimam essas ações. A vida social é impossível, portanto, fora de uma rede simbólica (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p. 06).

Não basta o impulso subjetivo de alguns indivíduos. Mas isso não explica tudo. Na verdade,

---

[14] LEONARDOS, Stella. Lenda dos botos. Belo Horizonte: Villa Rica, 1998.

> não é absurda a hipótese de que modalidades do pensamento e da representação, senão místicos, pelo menos míticos ou mitopoéticos, sejam semelhantes, em estrutura e efeito, às do pensamento e da simbolização (COELHO, 2001, p. 58).

O ponto de partida de uma construção deriva de um universo de diferenciação. Visto que:

> Toda a observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, a qual de outra forma permaneceria incompreensível; e é sabido que, uma vez aprendidas essas categorias, passa a ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira. O sistema de classificação dominante toma posse de nós, moldando nossa percepção e, desse modo, nosso comportamento. O que é importante reter quanto aos primeiros naturalistas modernos é o fato de terem desenvolvido uma nova maneira de olhar para as coisas, um sistema novo de classificação segundo traços mais imparciais, mais objetivos e menos antropocêntricos que o do passado. Por sua vez, essa nova forma de olhar a natureza teve acentuado impacto sobre a percepção dos indivíduos comuns e não cientistas, terminando por destruir muitos pressupostos populares (THOMAS, 2010, p. 71).

De um modo ou de outro, a diversidade de pontos-de-vista antropológico-acadêmico não aniquila o limite da dúvida, pois as margens do possível no imaginário constituído advém da diferenciação. O imaginário não foi derrotado no confronto com a racionalidade. Tudo depende em definitivo da natureza do reconhecimento ou da identificação, ou seja, da intencionalidade dos atores em uma dada situação sociocultural, no interior da qual as imagens operam (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996). A situação observada não é estática. Há sempre espaço para argumentações. No entanto,

> à medida que o homem adentra neste mundo, o cenário alegre e tranquilo começa a se mesclar com um mundo ameaçador. A Amazônia torna-se a protagonista ou antagonista das narrativas; o tratamento dado ao tema selvático passa a oscilar entre as referências do paraíso ou do inferno. A antítese, enquanto figura de linguagem é eleita como marca literária nos pronunciamentos sobre a floresta (PINTO, 2008, p. 02).

Uma nova pescaria vem se desenvolvendo na Amazônia que usa espécies de golfinhos e jacarés como isca para a captura da piracatinga (*Calophysus macropterus*), tendo assim o potencial de causar impactos adversos na teia alimentar. Os pescadores de piracatinga são pescadores de subsistência que fazem a colheita [da piracatinga] como forma de amenizar entraves econômicos quando a

captura de outras espécies não é lucrativa ou proibida devido a períodos de defeso. A colheita é feita com caixas e gaiolas de madeira e náilon em que todo, ou pedaços de jacarés e golfinhos são colocados para atrair a piracatinga, prendendo-os (BRUM et al., 2015).[15]

Quebra-se o maravilhoso, como face noturna da existência. Não tolerando a mínima fantasia, impondo a racionalização do comportamento e regulando as ideias e os atos de seus adeptos. Contudo, continua a confrontação incessante entre o utopista e o não-utopista, o possesso e o seu exorcista, o crente e aquele que não crê em nada (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Nesse conjunto de princípios coordenados, expressões distintas e diversas conduzem nossa imaginação rumo à construção teórica. Há múltiplas formas de se fazer exegese, ou de mudar o cerne da interpretação hermenêutica. Impossível tergiversarmos. “Existe, portanto, uma lógica interna nas vias do imaginário, na construção de suas organizações e discursos e no confronto histórico de suas crenças” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996). Daí acharmos necessário discorrer sobre essas intercorrências. Intercorrências em narrativas, estudadas por Eduardo Galvão, a respeito da existência material histórica e mítica dos botos ao qual

> teme-se mesmo que sejam encantados. Os pescadores preocupam-se de modo especial. Dizem que afugentam o peixe e são capazes de virar as canoas. Contudo o que mais temem é a *malineza*. O boto tem especial atração pelas mulheres menstruadas. É frequente sua aparição como um jovem atraente que seduz as mulheres. Algumas vezes quando a mulher é casada, toma a semelhança do marido e a possui sem que a vítima perceba o que está acontecendo (GALVÃO, 1955, p. 93).

A ordem da essência da divindade é subvertida. Rompem-se as fronteiras do tempo e do espaço em caminhos distintos. Supõe, como mostra Geertz, uma hesitação, pois o

> estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las. Nas ciências mais tradicionais, o truque é mover-se entre o que estatísticos chamam de

[15] No original: A new fishery has been developing in the Amazon that uses dolphin and caiman species as bait to catch piracatinga (Calophysus macropterus), having thus the potential to cause adverse food-web impacts; however a lack of basic understanding of this fishery is a limitation to the necessary management action. Piracatinga fishers are subsistence fishers who harvest piracatinga as a means to alleviate economic constraints when the catch of other species is not profitable or banned due to (reproductive) closed seasons. Harvesting is done with wooden and nylon crates and cages in which whole or pieces of caimans and dolphins are placed to attract the piracatinga, entrapping them.

> erro tipo um e erro tipo dois – aceitando hipóteses que deveriam ser rejeitadas, e rejeitando outras que seria mais sábio aceitar; no nosso caso, o movimento é entre interpretar demais ou interpretar de menos, lendo mais coisas naquilo que observamos do que a razão recomendaria, ou, ao contrário, menos do que a razão exigiria (GEERTZ, 1983, p. 29).

Tal como a vida individual se apaga e os refletores do mundo em nada se alteram, não há desfecho, não há surpresa, a narrativa se encerra em amarga ironia. É registro de uma fatia do real, apenas (MARIA, 2004). Veracidade inquestionável, porque, do contrário, a geometria do ponto de vista da axiologia moral não funciona. E, corremos o risco de descambarmos para uma imposição de narrativa, de caráter neolítico e semântica empobrecida. Mais ainda, dentro de um restrito recorte operacional, vale ser mencionado que nos encontramos diante de diretrizes civilizatórias que projetam um plano social movendo o indivíduo "a uma construção que só pode proceder pela diferenciação" (COELHO, 2001).

São os espaços confusos da alma. Solapado pelas contradições que a modernização capitalista produz em decorrência na sociedade. Contudo, "a história faz o mito, pois as transposições são possíveis através do recurso linguístico da analogia e da metáfora" (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996). E nesse repertório de valores, as ideias são compartilhadas na aldeia do tempo. Houve tempos, menos oscilantes, indiferentes e diluidores onde os botos eram evitados,

> nunca perseguidos ou arpoados, ou sua carne utilizada para alimento. Mas se encontrados mortos, o que acontece algumas vezes nas armadilhas de pesca, praticamente todas as partes de seu corpo são retalhadas para uso medicinal ou de mágica. Os olhos servem de espécie de talismã para despertar o amor, a carne serve para curar a lepra, o cérebro para despertar o faro de cachorros, e uma infinidade de outros usos. Serve, sobretudo, ao preparo de milongas (GALVÃO, 1955, p. 97).

Ao se transpor isso, entende-se porque os ambientalistas temem ao futuro. E passam de forma coordenada a propor ações de conservação mais eficazes, dentro de um deserto de obscuridade numa região estratégica, mas ecologicamente frágil.

As consequências sociais e ambientais da pesca da piracatinga (*Calophysus macropterus*) é um assunto controverso entre ambientalistas e pesquisadores. Esta pescaria comercial vem se expandindo na região amazônica desde o início dos anos 2000 refletindo uma demanda crescente do mercado colombiano, que via a piracatinga como um substituto do "capaz" (*Pimelodus grosskopfii*), um peixe popular

na Colômbia que sofreu um severo declínio na sua população devido à superexploração. Apesar da ampla distribuição nos sistemas dos rios de água branca do Amazonas, a exploração da piracatinga tem sido particularmente forte no médio e alto rio Solimões (PIMENTA et al., 2018).[16]

É a cessação do imaginário. Ao sabor das intenções, pressionados, posto que presos em um paradoxo "daquilo que não compreendemos, mas que pode levar ao risco maior de um mundo desencantado" (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996) porque:

> Toda vez que um campo de conhecimento se abre, se lança de frente para a complexidade, ele também se relativiza. As possibilidades de explicação, por não serem mais de um só tipo, passam a se contrapor, a necessitarem de refinamento maior no seu debate. Esta complexificação é quase sempre fecunda (ROCHA, 1988, p.18).

Essa axiologia exige que nos distanciemos da prazerosa atitude de quem espera a fruição fácil (MARIA, 2004). Que se analise o quadro em específico segundo uma perspectiva onde as afinidades eletivas devem distanciar-se de explicações monocausais. Devem-se analisar os modelos explicativos da diferença. Ampliar a compreensão daquilo que está oculto, pois o primeiro eixo sistemático de pensamento prioriza como primeiro *locus* o desenvolvimento econômico, fragmentando a preservação dos ecossistemas. Nessa amplitude do contato

> o que caracteriza as sociedades modernas e, sem dúvida, o próprio espírito do que chamamos de modernidade é o dualismo. O homem da modernidade aparece como um ser não apenas dividido, mas assumindo a divisão. De um lado, a subjetividade e, do outro, a objetividade. De um lado a paixão, do outro a razão. De um lado a produção de imagens ligadas à afetividade, do outro a concepção de ideias, elaboradas pela inteligência. De um lado a embriagues do imaginário que festeja, do outro a sobriedade da ciência que trabalha (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p. 25).

Implicações de grande magnitude tentam derrogar o equilíbrio do ambiente. A mútua dependência. As fraturas nas relações sociais vigentes descambam para o eixo de uma reversão drástica da variável ambiental. A viabilidade econômica

---

[16] No original: The social and environmental consequences of the Brazilian "piracatinga" (Calophysus macropterus) fishery is also a controversial issue among environmentalists and researchers. This commercial fishery has been expanding in the Amazon region since the early 2000s, reflecting an increasing demand from the Colombian market, which saw the piracatinga as a substitute for "capaz" (Pimelodus grosskopfii), a popular fish in Colombia which has undergone a severe population decline due to overexploitation. Despite a widespread distribution within the Amazon's white water river systems exploitation of piracatinga has been particularly strong on the middle and upper Solimões river.

transcende e impõe-se sobre o universo da cultura. Atrita-se com o abstrato presente na cosmologia ribeirinha.

Esse contraponto e suas multiplicidades de interdependências não podem ser subestimados nas indagações referentes aos métodos de captura da piracatinga e a crescente organização da caça e comercialização deste pescado, que utiliza como isca o uso de carniças de jacarés e golfinhos. Dano ambiental, de tendência cada vez mais forte, que ameaça a sobrevivência dessas espécies.

Isso é preocupante dentro da relação natureza-sociedade. Não se trata de um impacto ambiental irrelevante. E nem tampouco um impacto esporádico. Entre fragilidades legais e dificuldades de aplicação das leis, a interferência humana compromete a escala de regeneração desse ecossistema. Neste sentido:

> Dentro do contexto atual, a descrição da cadeia produtiva da piracatinga é fundamental para fornecer dados concretos sobre aspectos econômicos e de produção da atividade, e estimar os danos ambientais causados pela matança de jacarés e golfinhos, e o avanço de opções ecológica e economicamente sustentáveis. Embora as matanças ilegais serem mais raras do que nas décadas anteriores, o impacto da caça de jacarés e botos ainda é desconhecida devido à ausência de dados sobre a dinâmica populacional dessas espécies podendo representar uma ameaça futura se os eventos aumentarem em número ou as áreas de pesca aumentarem em extensão (FRANCO et al., 2016).[17]

Modelos de desenvolvimento tendem a encarar o complexo da natureza como inesgotável fonte de recursos. Dessa forma, fazer ecoar em nós apenas um grito de insatisfação é ir em direção do caminho mais curto. É persistir na visão verde romântica (FOSTER, 2010). Para além, uma integridade ecológica descende de mudanças muito mais do que econômicas. É uma mudança nos padrões ético-morais que estamos proferindo.

Fatores importantes que não podem ser menosprezados. A Convicção ecocrítica sabe que a valorização e o equilíbrio do meio ambiente não podem ignorar os conflitos pelo uso da terra e seus recursos. A História nos ensina que

---

[17] No original: Within the current context, the description of the piracatinga production chain is fundamental to provide hard data concerning economic and production aspects of the activity, and to estimate environmental damage caused by the killing of caiman and river dolphins and advance ecologically and economically sustainable options. Although illegal killings are now rarer than in previous decades, the impact of hunting on caiman and dolphins is still unknown due to the absence of data on the population dynamics of these species and it could pose a future threat if the events increase in numbers or fishing areas increase in extension.

> nos últimos duzentos anos, ao que se sabe, 26 espécies de mamíferos desapareceram da Terra. Isto já pode ser considerado uma extinção em massa. Se levarmos em conta a extinção de aves, répteis, anfíbios, peixes e animais invertebrados, o quadro passa a ter contornos tenebrosos. Ao longo da história do mundo, já se registraram outras extinções em massa, mas nenhuma tão rápida e violenta como a atual (ALBERTS, 1989, p. 14).

Foster (2010) avalia que a capacidade humana de imprimir o seu selo na natureza é limitada pela continuada dependência dos seres humanos de um sistema natural do qual a humanidade faz parte. Daí a história humana deparar-se continuamente com problemas ecológicos, que representam contradições na relação humana com a natureza; contradições que só podem ser tratadas relacionando-se racionalmente com a natureza através do entendimento das suas leis, e assim organizando devidamente a produção. O autor citado complementa:

> Não nos gabemos, porém, em demasia por conta das nossas vitórias humanas sobre a natureza. Pois para cada vitória dessas a natureza se vinga de nós. Cada vitória, é verdade, a princípio acarreta os resultados esperados, mas em segundo e terceiro lugares tem efeitos bastante diferentes, imprevistos, que com demasiada frequência anulam o primeiro. O povo que, na Mesopotâmia, Grécia, Ásia Menor e em outros lugares, destruiu as florestas para obter terra cultivável jamais sonhou que ao remover com as florestas os centros coletores e reservatórios de umidade estava lançando as bases para o atual estado deplorável desses países. Assim, a cada passo, somos lembrados de que nós absolutamente não governamos a natureza como um conquistador governa um povo estrangeiro, como alguém postado fora da natureza – mas que nós, com a carne, o sangue e o cérebro, pertencemos à natureza e existimos no seu meio, e que todo o nosso domínio dela consiste no fato de que nós estamos em vantagem em relação a todas as demais criaturas por podermos aprender as suas leis e aplicá-las corretamente (FOSTER, 2010, p. 323).

Cientes desses fatos históricos, da visão parcial que o homem tem do mundo, podemos ainda acrescentar que essa relação, no convívio direto, não tem sido harmônica por priorizar modelos de desenvolvimento fragmentados e inadequados. A amplitude de contato das políticas de planejamento físico-territorial, e suas implicações, devem levar em consideração as especificidades locais das relações sociais vigentes para a estabilidade ecológica.

São diferentes lógicas sociais que acompanham os movimentos da natureza e as perspectivas de gestão frente à deterioração dos ambientes. O meio natural é o substrato em que as atividades humanas respondem pela organização do espaço, conforme padrões econômicos e sociais (CASSETI, 1991). Daí a origem das

contradições. Contradições diretamente relacionadas às formas de apropriação. Diretamente associada à dificuldade de moderar as forças externas.

1.3 O fim da redoma protetiva

Tradição, folclore ou mito, o boto, criação de um mundo imaginoso e fantasista pouco a pouco começa a perder a redoma protetiva de um delírio crônico (figura 5). Uma realidade que se queria definitiva, teve sua hora e sua vez (LAJOLO, 1986) porque o mais recente comportamento territorial na Amazônia caracteriza-se justamente pela matança de botos utilizados como iscas para a pesca de espécies de peixe liso como a piracatinga.

Na busca desse nexo causal, dois eventos aparentemente distintos e, à primeira vista, dissociados podem estar na gênese/hipótese da ação predatória sofrida pelos botos mortos e esquartejados para servirem de isca para a pesca dessa espécie de peixe liso: (1) uma mudança de paradigma ocasionado pelo avanço do protestantismo dentro das comunidades tradicionalmente católicas e (2) a pressão da pesca comercial sobre o ambiente aquático amazônico. Para além de uma transformação socioeconômica objetiva-se na análise desse estudo relacionar as transformações culturais que vêm ocorrendo na Amazônia, fruto de novas territorialidades religiosas.

Quando se procura investigar motivos há de se evitar os meandros obtusos. O sentido estético não coaduna com o ignóbil. O imaginário tenta a todo instante transgredir a fronteira da realidade. O imaginário ocupa um lugar na representação, porém ultrapassa a representação intelectual. Os símbolos constituem-se de aspectos formais (significantes) e de conteúdos (significados). Esses são polissemânticos e, embora sejam conduzidos pelos significantes, ultrapassam-nos adquirindo sentidos prospectivos (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

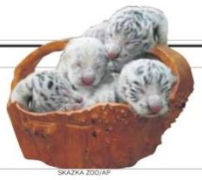
O ESTADO DE S. PAULO

DOMINGO, 13 DE MAIO DE 2012 | Vida | A25

PLANETA

ALEGRIA MATERNA

Quatro filhotes de tigre-branco nasceram no Zoológico Skazka em Yalta, na Ucrânia. Um deles, é um raro felino albino. O tigre-branco é o símbolo da campanha presidencial de Yulia Tymoshenko.



SKAZKA ZOO/AP

De lenda a isca de bagre, o drama do boto

Matança de espécie-símbolo da Amazônia, cuja carne é usada para atrair peixe apreciado na Colômbia, coloca golfinho em risco de extinção

Giovana Girardi

Uma das espécies-símbolo da Amazônia, o boto-vermelho – ou boto-cor-de-rosa – está sendo sistematicamente morto por pescadores da região para ser transformado em isca para a pesca de um tipo de peixe muito apreciado na Colômbia. A matança vem diminuindo tanto as populações do mamífero que já coloca a espécie em risco de extinção.

Dois estudos conduzidos de modo independente em localidades diferentes na Amazônia dão uma ideia do problema e permitem fazer uma estimativa de sua abrangência. Um deles, realizado no entorno da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) de Mamirauá, a 600 km de Manaus (AM), calculou que ali ocorre uma redução de 10% ao ano no total de animais.

O outro, conduzido em comunidades de pescadores na região de Santarém (PA), previu que até 2060, se o ritmo da matança continuar, a espécie poderá estar em vias de extinção.

Os primeiros relatos científicos desse tipo de morte datam do final dos anos 1990, mas a situação se agravou nos últimos anos. O principal motivo, acreditam os pesquisadores, foi o apetite colombiano por uma espécie de bagre conhecida como mota por lá e piracatinga, por aqui.

Mais recentemente, esse peixe, por semelhança de sabor e textura, apareceu como substituto de outro – o capaz –, que habitava o Rio Madalena, mas foi consumido até seu esgotamento.

Os pesquisadores estimam que milhares de toneladas do peixe sejam pescadas por ano. Faltam, porém, estudos com o animal, seus hábitos, possíveis iscas alternativas, ou mesmo quanto ele poderia ser pescado por ano.

"Não duvidamos que ele possa entrar em colapso de tanto que é pescado", afirma a bióloga Vera Silva, do Laboratório de Mamíferos Aquáticos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), que coordena os trabalhos em Mamirauá.

Ela, no entanto, está preocupada com o boto – espécie protegida por lei que teria de ser preservada. "Ele foi sempre muito abundante na região, porque tinha uma distribuição ampla e ninguém mexia muito com ele porque não tinha valor, não era visto como recurso direto. Só aconteciam mortes acidentais ou por conta das lendas em torno do animal (*mais informações nesta página*)," conta.

RICARDO MORAES/REUTERS-26/7/2010

Negócio. Boto inteiro é negociado entre R$ 50 e R$ 100

Urubu d'água. A situação mudou quando se percebeu que ele poderia servir como uma excelente isca para a tão desejada piracatinga. No Brasil, o peixe nunca havia despertado muita atenção justamente porque tem uma característica não muito bem-vista por ribeirinhos – ele gosta de carne morta, daí ter ganhado o apelido "urubu d'água". No princípio, carne de jacaré era usada como isca. Mas, com cheiro bem mais forte, o boto se mostrou sua iguaria favorita.

O problema é que esse mamífero aquático não se reproduz a uma taxa rápida o suficiente para atender à demanda, explica Vera. O animal demora a atingir a maturidade sexual (fêmeas a partir dos 7 anos e machos a partir dos 10), tem baixa taxa reprodutiva, a gestação dura quase um ano e a fêmea amamenta o filhote por dois anos ou mais, o que faz com o que intervalo entre filhotes seja de cerca de três anos.

"Quando a retirada é maior que a reposição e os animais mais afetados são aqueles que ainda não se reproduziram ou são fêmeas com filhote, o impacto é muito maior", diz.

Segundo levantamento publicado em 2010, compilando trabalhos de vários pesquisadores e organizações em defesa do animal (o Plano de Ação para Golfinhos de Rio da América do Sul), a matança ocorre de Manaus a Tabatinga, ao longo de toda a calha do Rio Solimões, e no entorno de Santarém.

Foi na região do oeste do Pará – onde a equipe do biólogo português Miguel Migueis, da Universidade Federal do Oeste do Pará, vem trabalhando com comunidades de pescadores em dez municípios próximos a Santarém – que foi feita a estimativa de que os botos estão em rota de extinção caso nada seja feito.

Cálculo feito em uma comunidade que tem dez matadores de boto estimou que cerca de 7,2 mil animais são mortos por ano. "Isso em só um lugar. Não sabemos em quantos ocorrem, mas já constatamos a prática em pelo menos 16 comunidades. Para toda a Bacia Amazônica deve ser uma coisa brutal", afirma.

O negócio é lucrativo. Um boto inteiro é negociado entre R$ 50 e R$ 100. Um quilo de isca costuma pegar a mesma quantidade de peixe, mas há quem consiga até 4 quilos. E, recentemente, ele já começa a ser encontrado em mercados de Manaus, com o nome de douradinha. O quilo da piracatinga fica entre R$ 0,80 e R$ 1,20 e é vendido no mercado por até R$ 14.

CRIME AMBIENTAL

● **Pescadores da Amazônia têm dizimado milhares de botos por ano para transformá-los em isca de peixe**

O boto-cor-de-rosa, ou boto-vermelho, um tipo de golfinho de rio, ocorre nas bacias dos Rios Amazonas e Orinoco (que abrange a Colômbia e a Venezuela)

Boto-vermelho (*Inia geoffrensis*)

TAMANHO EM ESCALA

PESO ATÉ 180 KG

ATÉ 2,5 M

Como os botos são mortos para atrair a piracatinga

1 Conhecido como urubu d'água, esse peixe é **necrófago**, gosta de carne morta, por isso os botos são visados. Eles são encurralados ou pegos nas redes de pesca

2 Encurralados, os botos geralmente são mortos por arpões, facões (ou até por machadinhas) e **depois de abatidos são colocados nos barcos**

3 O boto abatido é então cortado em pedaços e "tratado", ou seja, **deixado ao sol ou em água para apodrecer** e ser utilizado como isca na noite da pescaria da piracatinga

4 A forma mais comum de pescar a piracatinga é usando **"caixas de captura"**. Os peixes são atraídos pela isca até a caixa, que tem uma portinhola por onde eles entram e são presos

5 Após a entrada dos peixes, a portinhola é então fechada e os peixes ficam presos. Em geral, a caixa é mantida na água até a **manhã seguinte para evisceração e congelamento**

6 Os peixes em geral **são vendidos para pequenos frigoríficos flutuantes**, que revenderão aos grandes frigoríficos, que levarão para o consumidor

FONTE: AMPA (ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO PEIXE-BOI) E PLANO DE AÇÃO PARA OS GOLFINHOS DE RIO DA AMÉRICA DO SUL

Pescadores têm raiva do animal, diz cientista

Embora dócil e inofensivo, golfinho não é bem-visto por ribeirinhos, com quem disputa peixes nos rios

Ao contrário de seus parentes marinhos, que em geral desfrutam de prestígio e simpatia da humanidade, os golfinhos de rio estão entre as espécies mais ameaçadas do mundo. Na Amazônia, historicamente, nunca foram muito benquistos pelos ribeirinhos.

A raiva em relação ao dócil mamífero, diz o povo, vem das lendas de que o bicho se transformava num formoso rapaz que seduzia as moças. Não foram poucas, por sua vez, que se aproveitaram da crença para justificar uma gravidez antes do casamento.

Tanto que alguns animais sempre acabaram mortos, seja de propósito ou acidentalmente, enroscados em redes de pesca, e seus corpos eram aproveitados para as mais diversas mandingas e como amuleto. "Acredita-se que as 'partes' do animal, como o povo diz, a genitália, e também os olhos, funcionam como atrativos do amor. Fazem o sexo oposto se apaixonar", conta Vera Silva, do Inpa.

Outra crença é de que os órgãos podem trazer cura para várias doenças. "Usam para fazer perfume, espantar mau-olhado, aproveitam a banha do golfinho para tratar o mal do chifre dos bois, uma colher de chá para curar gripe", lembra Miguel Migueis, da Ufopa.

Hoje, no entanto, os pesquisadores que investigam a morte dos botos acreditam que o principal motivo do desamor pelo bicho é bem mais prosaico.

Na prática, esses golfinhos competem com o homem por peixes. Quando pescadores passaram a instalar redes de pesca, começaram os conflitos. "O boto é adaptado para explorar a floresta inundada, mas ele não é bobo. Quando vê alimento farto preso, ele se aproxima para comer, pega os peixes, acaba estragando a rede", afirma Vera. "Por isso, o pescador não gosta dos botos; podendo, ele mata sem dó. Vai além de ser coisa só ilegal, é cruel mesmo."

Tanto que também tem se tornado comum encontrar animais mutilados, com cortes a faca, nomes escritos em seus corpos, cortes nas nadadeiras. "Às vezes o pescador prende o boto a uma árvore, amarrando uma corda em sua cauda, para matá-lo quando precisar pescar. Mas se passa a fiscalização, eles o soltam rapidamente e o animal fica ferido, correndo o risco de perder a cauda e morrer", diz a pesquisadora. "Esses pescadores estão infringindo a lei. E não estamos tendo reforço da fiscalização para evitar isso", queixa-se.

Com a procura pela piracatinga ativando a matança, o mercado da superstição ressurgiu, sendo os amuletos encontrados em locais como o famoso mercado Ver-o-Peso, em Belém.

A forma de capturar o peixe também está se sofisticando, com a criação de outras formas de captura que vão além das caixas de armazenamento, como a construção de "currais" nos rios.

"A estrutura é tão organizada que há pessoas dando cursos sobre as técnicas para matar o boto", relata Migueis. Há toda uma cadeia, na qual os matadores fornecem o boto. Mas, na prática, qualquer pescador pode tentar matar o boto, a custo zero.

Tanto o Ibama quanto o Ministério da Pesca foram procurados pela reportagem para comentar a matança, mas nenhum dos órgãos se pronunciou. / **O.G.**

● **Opinião**

MIGUEL MIGUEIS
PESQUISADOR DA UFOPA
"Trabalhamos com projetos de educação ambiental, mas é uma raiva enraizada. Mesmo se tivéssemos uma isca alternativa, poderia não resolver."

VERA SILVA
PESQUISADORA DO INPA
"A piracatinga é comercializada como dobradinha, como filé de qualquer coisa. A população está comendo gato por lebre."

A piracatinga é um peixe de médio porte, comum em águas rasas e margens do sistema Solimões/Amazonas. É também conhecida como urubu d'água e douradinha

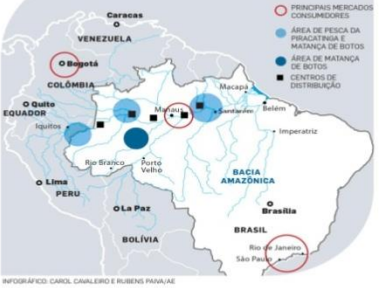
Piracatinga (*Calophysus macropterus*)

TAMANHO EM ESCALA

ATÉ 45 CM

PESO ATÉ 1KG

O mapa da pesca da "douradinha"



INFOGRÁFICO: CAROL CAVALEIRO E RUBENS PAIVA/AE

Figura 5: A repercussão do flagelo do boto.
Fonte: Jornal Estadão, 2014.
Organização: O autor, 2020.

É a interpretação de alguma coisa que nos é estranha. Divididas entre duas orientações metodológicas divergentes, mas complementares (ELIADE, 2018). Uma peça de ficção em uma moldura etnográfica e não histórica; um fator que complica, mas que não é decisivo durante o processo de re-trabalhar um texto, interpretando-o. Quando divisórias culturais importantes são atravessadas, produz-se uma sensação diferente de descoberta: sente-se como se estivéssemos realmente encontrado algo novo e não uma lembrança, ou seja, a aquisição e não a herança de alguma coisa (GEERTZ, 1983).

Pouco a pouco esse universo de encantamento choca-se cada vez mais com a modernização. O imaginário se fragmenta. Como estruturas de transformação, dispostas quase como camadas geológicas, umas sobre as outras, mas deixando traços importantes nas visões de mundo contemporâneas (HARRIS, 2006). Há variáveis em jogo. Com efeito, essa nova forma de compreender o mundo natural demonstra ser um dos questionamentos das investigações de Thomas (2010), tendo em vista que:

> Os estudos de muitos antropólogos sugerem que é uma tendência constante do pensamento humano projetar, no mundo da natureza (e particular no reino animal), categorias e valores derivados da sociedade humana para, depois, trazê-los de volta à ordem humana, que criticarão ou defenderão, justificando determinado arranjo social ou político com base em que de algum modo seria mais “natural” que os outros possíveis (THOMAS, 2010, p. 84).

Essa ruptura com o presente está diretamente relacionada com o avanço do protestantismo à visão de mundo católica, fragilizando e tencionando esse tradicional modo de vida, pois:

> O protestantismo ameaça toda existência e o movimento histórico do meio de vida rural. A conversão exige uma ruptura radical em relação ao presente. Especifica uma série de mudanças na vida pessoal e no comportamento corporal, tais como quais alimentos podem ser consumidos, que roupas podem ser usadas, a proibição em relação a bebidas, ao cigarro, ao adultério, a brigas e festas católicas. A participação na maior parte dessas atividades é essencial para a vida cotidiana, conforme percebido pelos católicos. O que também é perdido na conversão é o conjunto de crenças associadas ao ambiente encantado. Os protestantes consideram as histórias sobre o boto e outros seres (a cobra grande etc.), o poder do pajé, a panema, e assim por diante, como superstições que devem ser descartadas na busca pelo conhecimento verdadeiro. Todos estes elementos integram a visão de mundo católica (HARRIS, 2006, p. 97).

No processo de “fusão” cultural e social do caboclo, herdeiro de uma cultura afro-ameríndia fora-lhe ensinado a temer e evitar os seres e bichos visagentos:[18]

> Os bichos visagentos não recebem qualquer culto ou devoção. A atitude do caboclo é de evitá-los tanto quanto possível ou de recorrer a técnicas de imunização ou de neutralização de seus poderes malignos. Os santos, ao contrário, recebem culto e deles o caboclo se aproxima através de orações, de promessas e de atos festivos. Acredita-se que protejam a comunidade e o indivíduo (GALVÃO, 1955, p. 06).

A Igreja Católica ao longo de séculos conseguiu manter uma presença estratégica na região com um catolicismo popular simbolizado pelas festas de santo, novenas, rezas de terço, ladainhas e procissões. Contudo, o avanço do protestantismo na região chega questionando dogmas e crenças e, de certa forma, a estrutura socioeconômica. Tal *lócus*, antes paradisíaco, jaz agora transformado ante o “desenvolvimento” da região (FERREIRA, 2018). Na base dessa constatação Eliade (2018) lembra-nos que “é a situação do homem num mundo carregado de valores religiosos” onde

> a manifestação do sagrado no espaço tem, como consequência, uma valência cosmológica: toda hierofonia espacial ou toda consagração de um espaço equivalem a uma cosmogonia. Uma primeira conclusão seria a seguinte: *o Mundo deixa-se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado* (ELIADE, 2018, p. 59).

1.4 Um testemunho a favor: André Araújo

O caboclo tem horror à bruxaria. Guarda sempre os dias santos e raramente toma conhecimento dos dias feriados. Sua religião é sempre demonstrada pela reza e pela ladainha em louvor de seus santos prediletos: Nossa Senhora da Conceição, Nazaré, São Sebastião, Santa Luzia, Santo Antonio, São João, São Pedro. O caboclo crê na imortalidade da alma. Afora casos de influência espírita, não tem noção alguma sobre a possibilidade da volta da alma. Crê muito em almas, em fantasmas. Aceita muito certas superstições. Crê em Deus. Aceita a existência de seres sobrenaturais como anjos maus e bons espíritos, santos e o diabo. O ofício de curandeiro está intimamente ligado a certas crenças fundamentais, pois, o curandeiro é uma figura meio mítica, entre as populações amazônicas. Hoje essa

[18] Visagento não chega a ser um neologismo. No regionalismo amazônico é um personagem mítico que se apresenta em forma de animal. Vem da palavra “visagem” que tem entre outros significados “assombração” e “alma penada”. Logo, esse substantivo denota àqueles que os enxergam um sentimento de algo apavorante.

função já está muito sincrética, dados certos aspectos do catolicismo, do espiritismo, ocultismo, magia e alguns ritos como a defumação, os banhos odoríficos. É muito comum nessas populações o uso de passes dados por pessoas católicas-espíritas. Há os que se encarregam de fazer malefícios com bruxaria, magia negra, beberagens perniciosas (ARAÚJO, 1956).

Em outras palavras, nesse círculo interno, os ritos e ritmos dos tempos e lugares são determinados por um jogo de força extranatural, ora descambando para o bem, ora descambando para o mal. Nessa ecologia da vida, do nascimento à morte, o que é discrepante torna-se consonante.

As orações são as mesmas em todos os pontos. As novenas, os “terços”, os benditos, as cruzes localizadas nas portas ou desenhadas nas janelas; o descanso dos dias santos, dos domingos, mostram a influência da Igreja Católica. Essas comunidades, que são comunidades “periféricas”, por se instalarem às margens dos rios, dos igarapés, analisadas etnologicamente, revelam certos “esquemas de vida” muito simples, todavia difíceis de interpretação segura. Em certos aspectos elas são comunidades isoladas, mas sob outros aspectos esse isolamento desaparece e vemos grandes contatos de hábitos, costumes profundos, crenças e superstições. Nos rios e nas matas estão as principais figuras de seu folclore: o boto, a boiúna, a iara, o jabuti, o mapinguari, o curupira etc. Há também um grande sincretismo religioso entre os santos católicos e a pajelança, a macumba e as benzedeiras (ARAÚJO, 1956). Na Europa medieval, era comum o uso do talo de certas plantas para açoitar uma pessoa possuída. Na sabedoria popular, o talo espantaria o demônio para fora do corpo. Na Amazônia, a mesma prática ainda está em uso (HARRIS, 2006).

Do sincretismo emana uma profusão de cultura magnificado em rituais, superstições e ideologias. De uma perspectiva surreal e imprevisível da transgressão de uma verdade sensível surgem as codificações empíricas de um universo imaginário. Empírico, ou não, a Igreja reconstruiu o discurso para armar a sua tenda. Em nome do cristianismo aglutinou os costumes e tradições das sociedades pagãs. Em nome do cristianismo “o homem tornou-se o que ele é hoje – mortal, sexualizado e condenado ao trabalho” (ELIADE, 2018).

O homem da Amazônia é, na sua grande totalidade, católico. Sua vida religiosa não é intensa. Desliza um tanto fria, serena, sem grandes tons de

exaltação. Nas comunidades amazônicas, em geral, a religião é instrumento de vida social, de meio de diversão, de alívio ao trabalho, de justificativa. O culto está intimamente ligado à festa, à dança. Os santos da devoção, em sincretização com a pajelança, com os batuques, com as superstições, formam o sistema de religião. A religião na Amazônia se desenvolve ao modo da largueza do meio geográfico. O santo padroeiro é uma instituição regional. As irmandades se formam em torno de sua invocação (ARAÚJO, 1956). Tal qual uma força devoradora que age sobre suas vidas como usucapião demarcando os limites de seus preceitos morais, como traços indeléveis de satisfações transitórias.

Todos os aspectos da vida dos povos da Amazônia brasileira têm algo de religioso. Terra de lendas cosmogônicas, heróicas, de vasta mitologia, tudo resultante desse mundo social de superstições religiosas que forma a rede misteriosa que prende e liga os homens dessas comunidades simples da vida rural. Não há sociedade sem ideia do sagrado e do profano. Essas duas noções fazem surgir o moral nas relações humanas. O caboclo além de muito supersticioso não deixa de ser um homem religioso, ao seu modo. Os seus santos, os seus princípios religiosos são forças vagas dirigentes de sua personalidade (ARAÚJO, 1956). Uma vez transformado em ideologia, identifica-se ritualmente por um biorritmo de ciclos ubíquos.

Isso explica, por exemplo, o porquê de sempre ter em casa a efígie de seu santo protetor. A estampa da Virgem Maria, sob a invocação que mais o impressiona, o Coração de Jesus, São Sebastião, Santa Rita, Santa Luzia são símbolos às suas defesas morais e à razão de ser de sua vida sobrenatural. As ladainhas, os terços, os novenários, a festa do santo padroeiro são feitos diante do altar iluminado a velas, enfeitado de fitas e flores artificiais, estropiando o rito católico desses atos (ARAÚJO, 1956).

De uma forma ou de outra, a despeito de qualquer contrassenso, a Igreja se secularizou na Amazônia. O caboclo, em regra, se diz católico, mesmo que não frequente muito a Igreja, a não ser em dias de festas de certos santos, mesmo porque, raramente há lugar no interior que tenha um templo. Abundam, entretanto, capelinhas de madeira, cobertas de telhas de barro ou zinco. O padre aparece raramente. E quando aparece é sempre em tempo de festa (ARAÚJO, 1956). A influência da Igreja é muito grande. O natal com as suas festas, suas pastorinhas,

sua mística religiosa; a quaresma com os seus tons de tristeza; a páscoa; os tempos sãojoaninos; finados; todo o calendário religioso é sempre tido em consideração. Há nesses tempos, certos aspectos comunicados pelo espírito religioso que dirige a sociedade, na Amazônia, regendo os acontecimentos. Ninguém se iluda disso (ARAÚJO, 1956).

Desde o atendimento ao pedido de um patrão para o suprimento de mais bagres, até a obtenção de um empréstimo bancário para o financiamento do plantio da juta, desde o fascínio pelas telenovelas até a colagem de páginas de catálogos de produtos pedidos por correio nas paredes das casas, desde a aceitação de presentes em troca de votos até a reverência distante dada aos padres brancos estrangeiros com sotaque estranho, o exterior é observado e influenciado com interesse especial e dedicado. Na aceitação dessas forças poderosas e sedutoras, bem como nas tentativas de lidar com elas há um processo de negociação (HARRIS, 2006). E o revivalismo religioso contrainventa o pecado (WAGNER, 2010).

O poder temporal da Igreja é muito grande, no interior da Amazônia. Contudo, muitas tradições estão desaparecendo. As tendas armadas pela Igreja[19] podem estar com seus pilares estremecidos. Seria a erosão do catolicismo como uma força influente? Não por acaso, o Sínodo da Amazônia ocorrido em outubro de 2019, no Vaticano, autoridades e intelectuais da Igreja Católica discutiram o tema *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*. Nesse encontro esteve em pauta temas voltado às comunidades tradicionais: meio ambiente, economia, cultura e vida cotidiana. Seguindo um *sopro de modernidade*, o Vaticano cogitou a possibilidade de permitir que homens casados se tornem padres em regiões remotas da Amazônia. Possibilidade aberta preferencialmente à formação de padres indígenas. Dessa forma, todos teriam acesso à eucaristia, numa região onde há comunidades que passam meses sem ter acesso a uma missa.

Ademais, até o tempo dos votos perpétuos, leva-se em torno de dez anos para quem deseja se tornar padre. Dez anos de estudos superiores de Filosofia e Teologia. Um pastor pode conseguir através de uma faculdade de teologia, ou não, um certificado definitivo em questões de meses, e chegar primeiro ao rebanho necessitado.

---

[19] OLIVEIRA, José Aldemir de. GUIDOTTI, Pe. Humberto (org.). A Igreja arma sua tenda na Amazônia. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), 2000.

Algumas dessas transformações *orquestradas pela fé* foram percebidas e descritas nas pesquisas de Souza (2010, p. 44):

> Nas últimas décadas do século XX, com o crescimento das Igrejas Pentecostais, as Igrejas evangélicas começaram a se expandir na várzea e se organizar também como comunidades. Muitas dessas comunidades evangélicas passaram a se localizar no interior das comunidades católicas. Diferentemente das comunidades que seguem os ensinamentos católicos, duas transformações passam a ser percebidas, de imediato, no interior das comunidades evangélicas: a ausência de bailes e festejos, e a mudança quanto ao nome dessas comunidades, que deixam de fazer alusão aos santos (padroeiros), passando a fazer alusão a topônimos geográficos de passagens bíblicas, principalmente do Novo Testamento (Monte Sião, Monte das Oliveiras, Nova Jerusalém etc).

É um dos traços decisivos dessa nova estrutura social. Literaturas examinadas mostram que a toponímia é um dos atos de maior importância e mais carregado de símbolos na criação de um município. E o estudo da toponímia

> revela muito sobre a sociedade brasileira. Os topônimos mais frequentes são aqueles relacionados com a religião e, em especial, os que se referem aos santos – nada surpreendente num país de tradição católica. Computadas separadamente, as palavras “São”, “Santo” e “Santa” possuem a maior frequência, que pode ser explicada pela prática usual dos primeiros ocupantes europeus a dar à nova localidade o nome do santo festejado no dia de sua fundação. Entre os nomes que seguem a marca da santidade, o mais frequente é José, seguido de João, Antonio e Francisco.[...] Acrescentando aos santos os outros indicadores da religião (a cruz, o paraíso, Maria, Jesus e Deus), esse grupo é de longe o mais numeroso, presente 800 vezes sobre as 3.935 ocorrências recenseadas (THÉRY; MELLO, 2005).

O plano de afiliação religiosa é ainda hoje o de maior força de pertencimento a uma comunidade. A igreja, as práticas religiosas e atividades afins (festejos, bingos etc), e o grau de adesão a elas, podem ser tomados como indicativo do grau de coesão e organização de uma comunidade. Mas a filiação comunitária dada pela religião pode não ser tão clara, o que ocorre quando mais de uma denominação religiosa está representada numa mesma comunidade (PANTOJA, 2005). Essa nova geografia linear-missionária encontra-se personificada, por exemplo, na região denominada Costa do Pesqueiro, em Manacapuru-AM, onde coexiste dentro da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro uma comunidade evangélica denominada de Nova Jerusalém (figura 6).

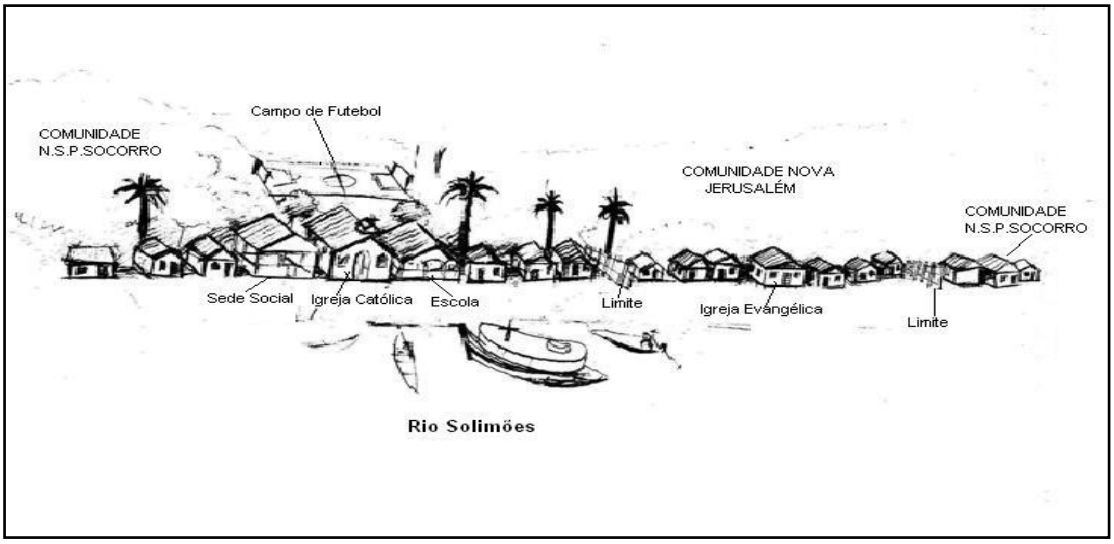


Figura 6: Perfil esquemático-linear das Comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Nova Jerusalém.
Desenho: Amós Pinheiro, 2010.
Organização: O autor, 2020.

Além das ausências do campo de futebol e da sede social; levando-se em consideração que a Comunidade evangélica "Nova Jerusalém" encontra-se localizada no interior da Comunidade católica "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", uma curiosidade encontrada é a existência de cercas (limite) separando as duas comunidades. A comunidade evangélica Nova Jerusalém procurou delimitar o seu espaço, simbolizando uma espécie de *territorialidade da fé*. É concernente observar, na figura representada, que após as cercas a comunidade católica tem continuidade.

De certa forma, o avanço do protestantismo na Amazônia simboliza uma separação muitas vezes motivada por discordância quanto ao direcionamento religioso. Os motivos religiosos para tal cisão correspondem à reavaliação de valores morais e comportamentais ligados à doutrina religiosa, o que para alguns moradores significava o controle social mais efetivo sobre os fiéis acerca da obediência aos preceitos da palavra de Deus e, para outros, a necessidade de revisão desses preceitos, pois eram muito rígidos (FRAXE et al., 2009).

Na percepção de André Araújo, como num verdadeiro conciliábulo: "há inimigos da Igreja, na planície". Porque hoje tem crescido muito o número de infiéis. As forças mais violentas do espiritismo, do protestantismo, do exoterismo, da maçonaria estão ativas e vão investindo. Hoje estão surgindo, em muitos pontos, as mais variadas correntes do espiritismo. O protestantismo, em suas múltiplas seitas, já também está surgindo. Também a umbanda, com suas "linhas" brancas e o

espírito de seus caboclos, cresce extraordinariamente. As tendas, as mesas espíritas, os terreiros de Oxalá, os batuques, são movimentos religiosos que despertam, atraindo os que não têm fé esclarecidas. Hoje está provado que as lendas, as místicas, certos aspectos meio religiosos da vida dos povos, estão intimamente ligados com a vida e grandeza de sua geografia local, o ambiente condiciona o folclore, a cultura, a vida imaginativa dos povos e dos grupos sociais. Diluído na organização social desse mundo amazônico, há muito da influência do totemismo, nas crenças, na presença de certos hábitos, na estrutura de um vago sistema mágico religioso de alguns pontos de vida do caboclo (ARAÚJO, 1956).

De Araújo (1956) vem a constatação. De Cascudo (2002a) desponta a dúvida, ante as novas significações na ortodoxia:

> Não creio que os basaltos da mentalidade popular desapareçam. A nivelação horizontaliza as saliências na unidade do imperativo jurídico. A natureza específica dos terrenos não se modifica. Pelo lado de dentro, o Homem não muda. As alucinantes funções do século XX, o *Século Ofegante*, não determinaram novos órgãos de adaptação funcional. Verão que a Austronáutica não alterará a fisiologia dos seus pilotos. Um deles já conduziu no bolso uma figa da Bahia, legitimíssima (CASCUDO, 2002a, p. 339).

A criatividade humana constrói igualmente lugares míticos, desbravados pela conjunção da consciência criativa e o fantástico imaginado por entre terras exuberante ou eldorados. A ideia do lugar mítico une a “terra da promissão”, o “paraíso” e ainda a noção utópica elaborada por Thomas Morus. Na realidade, povos de sociedades simples e complexas passam suas existências idealizando, construindo mentalmente ou transmitindo por meio das tradições oral, escrita ou religiosa o sentimento e a perspectiva de se chegar ao Éden, terra sem-mal ou como queira se denominar: “um mundo perfeito” (MELLO, 2001).

Um fundamento compreensivo, como assinalou Berman (1986, p. 35) é que:

> Pode acontecer então que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante: lembrar os modernistas do século XIX talvez nos dê a visão e a coragem para criar os modernistas do século XXI. Esse ato de lembrar pode ajudar-nos a levar o modernismo de volta às suas raízes, para que ele possa nutrir-se e renovar-se, tornando-se apto a enfrentar as aventuras e perigos que estão por vir. Apropriar-se das modernidades de ontem pode ser, ao mesmo tempo, uma crítica às modernidades de hoje e um ato de fé nas modernidades — e nos homens e mulheres modernos — de amanhã e do dia depois de amanhã.

A pesca do peixe liso pouco a pouco deixa de exercer um papel coadjuvante nas terras de trabalho na medida em que os bagres passam a ter grande força de exportação. Essa atividade influenciada por novas relações capitalistas e caracterizada pela implantação de inúmeros frigoríficos provoca novas territorialidades, mudanças e rupturas dentro do território físico e social amazônico, colocando em risco, dia a dia, a sobrevivência desse ser sobrenatural, que:

> De repente não se sabe de onde, nem quem é, aparece vestido de branco e entra na sala atraindo olhares. Avança em direção a uma das raparigas e, tirando-a para dançar, saem rodopiando no salão. Meia noite, apressadamente o rapaz deixa a festa e sai quase correndo para fora da casa, em direção ao rio. As moças saem em seu encalço, juntando-se ao grupo vários homens, estranhando a atitude do rapaz. Já próximo à água, ouvem o baque surdo de um corpo nas águas do rio. Aproximam-se das margens, e a predileta chora de tristeza por ter perdido seu namorado tão bonito. Um pouco adiante, emerge um fucinho negro, para respirar, e fica emergindo lá no rio, bem próximo à festa. O grupo recua com medo, e os comentários, agora, giram sobre a namorada do BOTO (BEZERRA, 1985, p. 62).

A ciência como a arte não busca copiar a realidade e descrever o mundo tal como é, mas elaborar sistemas simbólicos para apreciá-lo. Ela não é uma atividade de reprodução do real, quer dizer a imitação de algo que seria anterior ou exterior ao próprio ato da descoberta, mas da produção de experiências que serão organizadas e reunidas, compostas e recompostas (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Capítulo II

ENTRE O SABER TRADICIONAL E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO, A COMPLEXIDADE CULTURAL

O poema
entre os dedos dos versos
esmaga a lêndia da lenda
nos cabelos da Yara.
E sua estrofe recusa-se de ser
ara
onde se imola o homem e amola-se a linguagem.
Vida Poesia e Morte.
Deslendagens.[20]

2.1 Discursos diferentes e dessincronizados

Em muitos lugares, continuam prevalecendo as técnicas ditas convencionais que são usadas de acordo com um padrão de observação positivista no qual se manifesta uma grande preocupação em torno da quantificação de resultados empíricos, em detrimento da busca de compreensão e de interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas (THIOLLENT, 1988). Ao se repensar a relação homem-natureza frente à complexidade cultural da pós-modernidade, não podemos tergiversar sobre a falência de ideias e dogmas antes inquestionáveis.[21]

Como fatos que se perdem na noite do tempo, não há como predizer o futuro. Não há consenso sobre os efeitos das ações humanas no meio ambiente. Haja vista que:

> Depois de um período dominado pela busca frenética dos fundamentos sólidos e inabaláveis da ordem humana, consciente de sua fragilidade e carente de confiança, veio um tempo em que a espessa camada de artifícios humanos tornou a natureza quase invisível – e suas fronteiras, entre elas as ainda intransponíveis, cada

[20] PAES LOUREIRO, João de Jesus. Deslendário. Belém: Gráfica Falangola, 1981.

[21] Dentro das discussões teóricas tudo aquilo que nos leva para o pensamento complexo, pode também levar para uma série de rupturas. A ciência, em busca daquilo que é racional e positivo, evolui frente a mosaicos de conflitos. A questão é se estamos preparados a aceitar os desafios postos. Mais do que isso, como destaca Abramovay "a comunidade científica a cada momento seleciona aquelas teorias, aqueles métodos e aqueles objetos que aparecem aos cientistas como válidos durante um determinado período. A liberdade de debate na ciência não significa que a comunidade científica autorize a pesquisa sobre qualquer coisa, com qualquer método e qualquer teoria. Ao contrário, ela possui instituições que julgam a permanência de cada pesquisa com base em um conjunto de crenças comunitariamente partilhadas pelos cientistas sobre o que, como e para quê pesquisar. É a esse conjunto de crenças que se dá o nome de *paradigma* (2012, p. 30)".

> vez mais distantes e exóticas. Os pilares da existência humana construídos pelo homem foram plantados em profundidade suficiente para tornar redundante qualquer preocupação com outras e melhores bases (BAUMAN, 2012, p. 12).

Atendo-se ao conteúdo ideativo dessa tese, deparamo-nos com cisões macrovertentes a respeito do que está ocorrendo com a população de botos. E nessa diacronia, seja qual for a equação correta, à custa de perdas, a conta não fecha, pois para uma integração sustentavelmente harmônica boto x homem, três elementos precisam estar justapostos: equilíbrio ambiental, crescimento econômico e equidade social. Eis o impasse. Como integrar um progresso socioeconômico sem impactar os recursos disponíveis? Infelizmente os erros históricos projetam a sua sombra por muitas gerações (DE MASI, 2000).

E se os botos, bem como os jacarés, pudessem opinar? Se, de fato tivessem tal poder, talvez nos lembrassem dos filósofos pré-socráticos que se dedicaram às questões ambientais, e acreditavam por meio de investigações especulativas que toda a vida em equilíbrio se origina da água. O fim dessa novela trágica seria o retorno à suposta simbiose primitiva entre o homem e a natureza. Mas contrariando qualquer ideia apaixonante, isso é completamente impraticável (VEIGA, 2010) porque os ursos ou as focas polares atingidos pelo degelo, ou os botos e jacarés da Amazônia transformados em iscas não sabem distinguir os motivos naturais e os antropogênicos (ALMEIDA, 2017). A eles resta confrontar-se com “o caráter irresistível dos impulsos perversos” (FREUD, 2017) alheios à percepção de que um mundo fenomênico que manifesta uma ordem convencional e social humana implícita é um mundo antropomórfico. Por trás de cada evento fenomênico, quer ele faça parte da socialidade humana ou do ambiente circundante, vivente e não vivente, esconde-se a possibilidade enigmática de uma explicação antropomórfica ou sociomórfica (WAGNER, 2010).

Pensamentos facilmente construídos podem se desestruturar com a mesma velocidade. Tal qual numa zona de anomia, a Amazônia das águas é a personificação (im)perfeita da *modernidade líquida* tecida por Zygmunt Bauman. Nesse sentido, Rapozo (2015, p. 41) traz um acréscimo significativo a fim de compreendermos que:

> A vida coletiva das populações amazônicas esbarra em condições sui generis de existência, influenciada por inúmeros fatores socioculturais e ambientais. Nesse sentido, as estratégias e formas

> de organização encontradas são determinadas pelas especificidades que envolvem os grupos sociais locais. Podemos observar essas formas organizativas tanto no âmbito das instituições criadas pelos próprios moradores – é claro que grande parte dessas organizações teve influências externas como da igreja etc. – quanto da própria organização social para a produção (trabalho).

A atividade da pesca não é feita por acaso, pois nela está implícito todo o conhecimento dos recursos naturais, os locais específicos, as representações simbólicas, e também que o homem não age sobre um objeto de trabalho estático, mas sobre um complexo biológico regido por leis e processos alheios à vontade humana, sobre os quais o homem pode interferir, introduzir novas formas até então exteriores ao ambiente considerado (DIEGUES, 1983).

Neste particular, Botero-Arias, Franco e Marmontel (2014, p. 23), em palavras mais precisas apontam que:

> Tradicionalmente, na região do médio rio Solimões, a pesca de bagres ou peixes-lisos é realizada por meio de um sistema consorciado de redes e espinheis. São capturadas espécies de grande porte, que possuem um mercado fortemente estabelecido há muitas décadas. Esta é uma atividade que demanda investimentos e grandes esforços por parte dos pescadores especializados neste tipo de pesca. A técnica usada para a pesca da piracatinga, por outro lado, se caracteriza pela ausência de especialização, por um baixo nível de investimentos, por focalizar-se sobre uma espécie de porte proporcionalmente pequeno, e pelo uso de iscas de grandes animais mortos, preferencialmente com maior conteúdo de gordura, algo que não constitui uma atividade tradicional dos pescadores da região.

E cria-se dessa forma, e de forma incoercível, mais uma crise ambiental testemunhada na Amazônia brasileira. Incoercível porque “o mal não diminui com o tempo; o que diminuiu, talvez, foi apenas nossa sensibilidade aos seus efeitos” (HOLANDA, 2014). Cumpre lembrar, neste espetáculo detestável, que ostensivamente ou não, há um universo de significados explodindo os alicerces da razão. Universos que transitam pelo meio de situações inimagináveis dentro da fenomenologia das formas sociais.

Neste arcabouço teórico, mesmo que de forma preliminar, deparamo-nos a analisar a definição de Reserva de Desenvolvimento Sustentável, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), estabelecido pela Lei Federal n. 9.985, de 18.07.2000:

> [...] uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos

> recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica e que tem como objetivo básico preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e a exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente desenvolvido por estas populações.

Partindo para a compreensão do objeto em estudo, surgem as primeiras conjecturas, contraditórias e complexas, pois essas populações tradicionais, em sistemas sustentáveis, deveriam apresentar significativos índices de qualidade de vida, sem a detecção de baixos níveis de desenvolvimento e pessoas vivendo na pobreza.

Então, podemos estar diante de uma equação enganosa. Não há como refletir sobre cultura ignorando essas desigualdades. É necessário reconhecê-las e buscar sua superação (SANTOS, 1994). Os conflitos culturais são sempre o resultado de uma luta entre a acomodação, a aceitação ou a assimilação de uma cultura. Através dos conflitos culturais é que poderemos melhor estudar a personalidade humana e aceitar a ideia de que cultura e personalidade ou individualidade são coisas distintas. Uma cultura não é um espartilho. O homem é fundamentalmente poliédrico, embora se apresente integral (ARAÚJO, 1956).

Dessa forma, e de modo incandescente, as pressões sobre as áreas protegidas fazem emanar conflitos entre diferentes atores. De acordo com Moura et al. (2016, p.11):

> Não haverá conservação se as necessidades da vida das pessoas que vivem em áreas protegidas e seu entorno não forem atendidas. As pessoas devem ser aliadas, e não obstáculos à conservação; na verdade, as pessoas devem ser o foco central de qualquer iniciativa.

Aquilo que fica registrado em papel, no caso em questão as leis ambientais, pode fragmentar-se, se não forem maturadas plenamente. Para resumir, duas citações encontradas nos escritos de Holanda (2014) encaixam-se nesse debate, pois na visão do autor “a experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida” (2014, p. 46). Mais adiante, assevera que “os campeões das novas ideias esqueceram-se, com

frequência, de que as formas de vida nem sempre são expressões do arbítrio pessoal, não se 'fazem' ou 'desfazem' por decreto" (2014, p. 192).

Nada é fixo ou concreto. Cada cultura tem sua própria verdade (SANTOS, 1994). A cultura como tende a ser vista agora, é tanto um agente da desordem quanto um instrumento da ordem; um fator tanto de envelhecimento e obsolescência quanto de atemporalidade. O trabalho da cultura não consiste tanto em sua autoperpetuação quanto em garantir as condições para futuras experimentações e mudanças. Ou melhor, a cultura se "autoperpetua" na medida em que não o padrão, mas o impulso de modificá-lo, de alterá-lo e substituí-lo por outro padrão continua viável e potente com o passar do tempo. O paradoxo da cultura pode ser assim reformulado: o que quer que sirva para a preservação de um padrão também enfraquece seu poder (BAUMAN, 2012).

Não deveria ser muito complicado saber o que é cultura. Cultura é o que move o indivíduo, o grupo, para longe da indiferença, da indistinção. Seu oposto é a diluição (COELHO, 2001). De certa maneira, a Amazônia e os povos tradicionais que aqui vivem, simbolizam o suprassumo da variedade de modos de vida.

Assim, perscrutando nesse universo etnográfico deparamo-nos com a reentrância de um histórico conflito entre pescadores e botos. O que não deveria estar acontecendo partindo da égide do que seria desenvolvimento sustentável, pois entre outras coisas:

> O desenvolvimento sustentável procura integrar e harmonizar as ideias e conceitos relacionados ao crescimento econômico, a justiça e ao bem estar social, a conservação ambiental e a utilização racional dos recursos naturais. Para tanto considera as dimensões social, ambiental, econômica e institucional do desenvolvimento. Ainda não foi alcançado um consenso sobre seu conceito, que tem se modificado muito rapidamente, estando em construção. Em termos sociais o desenvolvimento sustentável propõe a repartição mais justa das riquezas produzidas (justiça social), a universalização do acesso à educação e à saúde, e a equidade entre sexos, grupos étnicos, sociais e religiosos, entre outros aspectos.[22] [grifos nossos]

No corpus dessa tese, descambamos para uma antinomia. Afinal, o que é ser sustentável? É inextricável que a melhoria da qualidade de vida das populações, com condições dignas a todos e justiça social estejam coligidas com

[22] BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente. 2ª Edição, Rio de Janeiro, 2004.

sustentabilidade. Do contrário, acreditar em capacidade de renovação reverberando pelo máximo de tempo e gerações não passará de mais um discurso tautológico.

Particularmente, já que “ainda não foi alcançado um consenso sobre seu conceito” acrescentaria um adendo: Cultura. Especificamente, a aplicação de desenvolvimento sustentável seja com os aborígenes da Austrália, ou os povos tradicionais da Amazônia, por exemplo, não pode estar dissociado de um conjunto de predisposições culturais. De outra forma, esse conceito torna-se monolítico, restrito e fraco.

2.2 Em busca de um discurso semântico

A primeira e mais difundida das relações conflituosas refere-se àquela que atribui a esse mamífero aquático poderes sobrenaturais de transformar-se em um homem elegante e sedutor de mulheres. O mito vai mais além. Muitas populações nativas abatem esses animais por acreditar que partes de seu corpo são poderosos amuletos. Na Amazônia colombiana há a crença de que eles não podem ser criados em cativeiro, uma vez que lhes cresceriam pernas para correr, ou asas para voar. No Equador e no Peru a proteção a estes animais relaciona-se à crença de que ao que mata um boto pode recair desgraças. Um duplo sentimento de medo e tabu está associado ao boto-vermelho. O que de certa forma protegia-os da caça pelas populações locais.[23]

Contudo, nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental (SANTOS, 1994). Então, as mudanças chegaram. Infelizmente para o pior.

O que está acontecendo com os botos na atualidade é uma cena que se repete em outras partes da Terra. Tomemos como exemplo os tigres da Índia, condenados à extinção devido à caça indiscriminada. Como quesito de bravura os colonizadores ingleses ostentavam suas cabeças qual um troféu. Extinção como sinônimo de esporte aristocrático. Posteriormente, o mercado da biopirataria encontrou um aditivo que praticamente selou o destino dessa espécie, dado que:

> Do tigre praticamente tudo é aproveitado. Dos ossos são feitos os mais variados remédios para tratamento de úlceras, febre amarela e

[23] LEATHERWOOD, S.; REEVES R. R. Conservacion de los delfines de rio, Inia geoffrensis y Sotalia fluviatilis, en la Amazonia Peruana. Manejo de Fauna Silvestre en la Amazonia. Instituto de Ecología. La Paz, Bolívia, p. 289-299, 2003.

> malária. A pele se transforma em tapete para enfeitar salas de estar. Os bigodes são usados como amuletos para proteger contra tiros de armas de fogo. Mas o mais trágico é a sopa que se faz usando como ingrediente principal o pênis do bicho. Afrodisíaco, o prato é bastante requisitado nos restaurantes de Taiwan, China e Coreia (CAPELAS JR, 1994).

Na Amazônia, território por excelência dos mitos e das lendas, há a mística de que o perfume ou o óleo preparado a partir da genitália da bota possui poderes afrodisíacos semelhantes aos dos tigres da Ásia. A crença nesse poder de atração sexual alimenta o imaginário caboclo contribuindo também para a sua caça indiscriminada. Nos tradicionais mercados do Ver-o-Peso, em Belém, ou no Adolpho Lisboa, em Manaus, misturado às plantas e ervas naturais, podemos encontrar essa "poção feromônica" sendo comercializada com sugestivos nomes: "agarradinho", "perfume da bota" e "dama da noite". No entanto, hoje, o seu maior algoz é a pesca da piracatinga.

Tanto num caso como no outro, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas. Enfim, também é um aspecto fundamental da existência histórica dos homens a ação pela qual podem ou reproduzir as relações sociais existentes, ou transformá-las, seja de maneira radical, quando fazem uma revolução, seja de maneira parcial, quando fazem reformas (CHAUI, 1984). E o homem deixa, então, transparecer a rudeza de sua animalidade, na luta pela existência (ARAÚJO, 1956).

A gênese-hipótese de toda essa complexidade talvez tenha iniciado nos anos de 1990, quando a piracatinga foi introduzida no comércio dos grandes centros urbanos colombianos para substituir o mercado e satisfazer a demanda por um peixe de outra espécie, bastante cobiçado pela indústria pesqueira e pelos consumidores desse país, o capaz *(Pimelodus grosskopfii)*. A sobrepesca e a comercialização descontrolada levaram ao declínio populacional desse peixe, anteriormente abundante. Neste cenário, o declínio da pesca do capaz na Colômbia, associado à oferta abundante de piracatinga no Brasil, permitiu que a produção pesqueira se fortalecesse como uma alternativa potencialmente rentável. Isto despertou o interesse dos produtores do segmento pesqueiro e, subsequentemente de pescadores e comunidades ribeirinhas (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014).

As circunstâncias que envolveram o início do emprego de jacarés e botos como isca para este tipo de pesca ainda não são bem conhecidas, e não estão bem documentadas, mas hoje se sabe que estas são as iscas predominantes neste tipo de pesca no médio Solimões (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014). Eis a ótica de nossa investigação, haja vista a multiplicidade de critérios culturais. Em uma categórica percepção de que:

> Discutir sobre cultura implica sempre discutir o processo social concreto. É uma discussão que sempre ameaça extravasar para outras discussões e preocupações. Lendas, crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições – esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura, a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, à história de sua sociedade (SANTOS, 1994, p. 47).

Quisera que os botos, tal qual o pintor chinês, perseguido por credores, pudesse pintar um ganso na parede, montar nele e fugir voando (WAGNER, 2010). Ou, como nas lendas dos povos colombianos, lhes crescessem pernas para correr, ou asas para voar (LEATHERWOOD, S.; REEVES R. R, 2003) a fim de fugir dessa desastrosa e inebriante atividade econômica.

Mas como na fábula de Orwell, aprendemos, e da forma mais taciturna possível, que a *intelligentsia* do mundo animal não evoluiu ao ponto de adquirirem consciência de sua força. Daí os homens não teriam o menor poder sobre eles, deixariam de explorá-los de modo muito semelhante à maneira como o proletariado é explorado pelos ricos. Os animais iriam adquirir fala, inteligência e a coragem de derrubar seus exploradores humanos. Mas fábula é fantasia e, no final, os animais descobririam amargamente que “todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros”.[24]

Por este ângulo, mais uma vez citando Wagner (2010, p. 46):

> O estudo da cultura *é* cultura, e uma antropologia que almeje ser consciente e desenvolver seu senso de objetividade relativa precisa se avir com esse fato. O estudo da cultura é na verdade *nossa* cultura: opera por meio das nossas formas, cria em nossos termos, toma emprestados nossas palavras e conceitos para elaborar significados e nos recria mediante nossos esforços. Todo empreendimento antropológico situa-se portanto numa encruzilhada: pode escolher entre uma experiência aberta e de criatividade mútua, na qual a “cultura” em geral é criada por meio das “culturas” que

[24] ORWELL, George. A revolução dos bichos: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

> criamos com o uso desse conceito, e uma imposição de nossas próprias preconcepções a outros povos.

O mundo muda; destrói sociedades, cria outras. Aniquila experiências sociais e propõe novos projetos de viver. A Antropologia, ao contrário, fixa de maneira recuperável as existências que se esvaem, as formas de experimentar a riqueza da vida que amanhã podem não estar mais disponíveis. Numa palavra: procura colocar ao alcance do ser humano as respostas existenciais que deram os vários “outros” pelo mundo afora (ROCHA, 1988). Quanto mais cultura, mais culpa e mais mal-estar (FREUD, 2017). Ater-se à só beleza lídima das lendas eis o risco. Deslendado boto, desnarciso (PAES LOUREIRO, 1981). E as certezas construídas tornam-se claudicantes. Entrecruzam-se, nas hipóteses investigadas.

No centro desse problema encontram-se os moradores da várzea da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM). Não muito diferente de muitos povoados da região, a partir dos anos 1970, sob forte influência da Igreja Católica, representada pela Prelazia de Tefé, que desenvolveu ações educativas através do Movimento de Educação de Base (MEB) um grande investimento foi realizado junto à população das áreas rurais com a realização de ações educativas voltadas à catequese e à formação de lideranças religiosas e políticas caracterizando uma nova elaboração do processo de colonização nessa região (MOURA et al., 2016).

Mais ainda: famílias que viviam em seus sítios, isoladas geograficamente, foram estimuladas a se unir, construindo suas casas próximas umas das outras, num padrão de distribuição espacial *linear* que passou a caracterizar os povoados da região. Germinavam as *comunidades.*

Muito mais do que um núcleo de povoamento, o termo comunidade agrega um sentido de vida comunal, com o compartilhamento de decisões políticas que afetam a vida dos seus moradores. As famílias que formaram as comunidades foram orientadas a desenvolver atividades de manejo de recursos naturais, garantindo a conservação dos lagos, a fazer o controle das queimadas, e a realizar o cultivo de roças, a fim de gerar uma renda financeira, e de forma concomitante asseguraria a noção de preservação ambiental (MOURA et al., 2016). Assim, uma comunidade define-se essencialmente como

> sendo um grupo humano que tenha interesses comuns. Esses interesses podem ser de diversos aspectos: de família, de religião, de trabalho, de educação, de recreio, de política etc. A comunidade

> é, pois, o agrupamento humano, economicamente organizado. Toda comunidade deve ter uma base geográfica. Uma comunidade induz em princípio uma sociedade (ARAÚJO, 1956, p. 411).

Dessa maneira, é importante ressaltar que a influência católica nas várzeas não se limitou apenas a propagação da fé, com batismos, casamentos e organização de festejos em honra ao padroeiro. Lima (2005, p. 14) destaca que:

> No início da década de 1980, apoiados por setores progressistas da Igreja católica, os moradores da várzea – já adotando a identidade de ribeirinhos e com um sistema de organização comunitária implantado -, começaram a instituir um processo de territorialização e controle de áreas de pesca. Nos anos de 1990, ao longo da região central da várzea, entre o médio Solimões e o baixo amazonas, surgiram vários grupos que se organizaram para proteger seus territórios de pesca contra a entrada de pescadores comerciais "de fora", ao mesmo tempo em que passaram a regular os apetrechos de pesca.

O desdobramento desse movimento de cunho religioso-social fez com que as comunidades – e não mais as antigas localidades – viessem a se constituir na principal referência de pertencimento sócio-espacial. As localidades demarcariam os grupos de moradores a partir de um denominador geográfico comum, a residência, enquanto as comunidades passaram a organizar as pessoas pela fé e para a administração dos sacramentos (PANTOJA, 2005).

Nesse caminho investigativo deparando-se com relatos de como as coisas vieram a ser como são (WAGNER, 2010) encontramos novos desdobramentos para uma reflexão superveniente, pois quando da criação das comunidades nem todos os moradores desses lugares responderam às orientações da Igreja Católica. Demonstrando que as pessoas, e os lugares, diferem entre si, em valores e objetivos.

Muitos deles continuaram em seus sítios, ao abrigo das intrigas que observavam na convivência com outros grupos sociais, procurando preservar a sua liberdade para criar seus animais e realizar outras práticas possivelmente condenáveis na vida em comunidade. Sem a preocupação de violarem tabus religiosos. Esses moradores passaram a ser identificados como *"os isolados"* (MOURA et al., 2016). Como nos lembra Eliade, o homem moderno a-religioso

> assume uma nova situação existencial: reconhece-se como o único sujeito e agente da História e rejeita todo apelo à transcendência. Em outras palavras, não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana, tal como ela se revela nas diversas situações

> históricas. O homem *faz-se* a si próprio, e só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. O sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade. O homem só se tornará ele próprio quando estiver radicalmente desmistificado. Só será verdadeiramente livre quando tiver matado o último Deus (2018, p. 165).

Convém dar atenção à delimitação bastante precisa de Bauman (2012, p. 106). Segundo o autor:

> Modos de vida alternativos tinham de ganhar status legítimo no interior de uma comunidade unificada por uma só fonte de legitimidade, a fim de tornar possível a ab-rogação de um sistema social absoluto e sem rivais, e de uma imagem sacralizada, os padrões absolutos de moral, beleza, decência. No momento em que o conceito diferencial de cultura emergiu das cinzas de seu predecessor absoluto e hierárquico, ele passou a ser sustentado por diversas premissas tácitas (por vezes explícitas) que deveriam permanecer como seus atributos inseparáveis ao longo da história.

2.3 Uma (re) construção discursiva: Ana Pizarro

E, entre os dados herdados
pelas ferozes mandíbulas do estilo,
o desgosto dos Anjos:
a tétrica miragem,
de que no aquele instante da Amazônia
fedia entregue a vísceras glutonas
a carcaça esquecida de um selvagem.[25]

No plano simbólico, as três amazônias de Ana Pizarro, foram, segundo a autora, construídos em suas formas culturais por três elementos: o mito das Amazonas, o Eldorado e a onipresença do Maligno (Pizarro, 2012). Se a nós fosse dada a licença de contribuirmos com a acuidade intelectual da pesquisadora, colocaríamos um quarto elemento: o mito da superabundância e inesgotabilidade dos recursos da floresta, pois:

> Por dezenas de anos, a partir da década de 1960, a Amazônia foi apresentada ao mundo ocidental como uma região uniforme e monótona, pouco compartimentada e desprovida de diversidade fisiográfica e ecológica. Enfim, um espaço sem gente e sem história, passível de qualquer manipulação por meio de planejamentos feitos a distância, ou sujeito a propostas de obras faraônicas, vinculadas a um muito falso conceito de desenvolvimento (AB'SÁBER, 1996, p. 131).

[25] PAES LOUREIRO, João de Jesus. Deslendário. Belém: Gráfica Falangola, 1981.

Estudar a sociologia da Amazônia é compreender a ótica de sua geografia humana, mas sem desvencilhá-la dos aspectos físicos. Sem desvencilhá-la de um complexo indivíduo-meio. Indo mais adiante: evitando-se incorrer em concepções que descambem para um naturalismo ortodoxo, que ora simplificam e ora hipertrofiam a ação/atuação do homem perante a natureza. Das concepções estereotipadas resultante de trabalhos com qualidade científica duvidosa ficaram o determinismo geográfico e o determinismo étnico. Os alicerces dessas concepções encontram-se na visão lusitana, na forma como se deu a sua ocupação/conquista, num misto de "imaginação fantasiosa do conquistador e, posteriormente, pelo imaginário moderno dos naturalistas" (PIZARRO, 2012, p. 38).

Na odisseia de aventuras singulares e inesperadas, um arcabouço de delírios. Em cada meandro, gotas de loucura e utopia. Em cada sinuosidade perpassada, um horizonte imaginário de riquezas impulsionadas pela lenda do "Eldorado" e do "País da Canela". Nada de ouro, nada de canela. Apenas fome, doenças tropicais e ataques de indígenas. Não compreenderam que:

> Para quantos ousam palmilhar a região, se não um erro de visão, certamente um distúrbio perceptivo se processa, à excitação do *tônus* da vida hiperativa, exagerada, intensa, com que toda a natureza ambiente envolve os sentidos e os domina (LIMA, 1975, p. 47).

Em quaisquer desses aspectos inter-relacionados, na perspectiva histórica institui-se um imaginário que, pouco a pouco, se torna uma questão menor frente à legitimação da conquista e a integração do imenso território. O que em nenhum instante tornou-se uma questão menor foi o discurso marcadamente bucolista. Muito aquém de um caráter civilizador. Houve a prevalência de um espírito romântico a retratar a *visão de um paraíso* na invenção de uma identidade nacional. De forma original, ou não, o território amazônico precisava ser ratificado. Como um anexo de contiguidade da *terra brasilis* saqueada.

Entregue às ficções do desconhecido, flui a ideia de uma Amazônia permeada por um mundo consignado em fascinantes imagens de topologias sobrenaturais com monstros, gigantes, serpentes e sereias. São os espectros tronituantes do imagético medieval, sem sobriedade, que persistiam na memória dos perambulantes aventureiros de territórios além-mar. Meras conjecturas? Para Ana Pizarro esses seres aberrantes são o continuísmo originado do:

> discurso construído pelo viajante, que descobre a Amazônia aos olhos europeus, é, assim, enquadrado num imaginário que provém, por uma parte, da Idade Média e do obscurantismo inquisitorial, e, por outra, de conteúdos míticos que o Renascimento resgatava das fantasias da Antiguidade Greco-latina. Seu discurso é o da experiência direta, do testemunho, porém a realidade que enxerga e que acredita enxergar, ou está certo de que alguém próximo a ele enxerga, está enquadrada nos ecos da bagagem transportada por sua cultura (PIZARRO, 2012, p. 68).

Prontamente apropriados ao folclore regional, ascende uma fusão de filosofias querendo dar um novo sentido aos seus elementos, para as futuras manifestações culturais. As lendas amazônicas representam um dos muitos nexos de um processo de invenção regional, bem como um parâmetro de produção da memória que almeja um caráter disruptivo nos pilares desse pensamento.

Como resposta a esse engendramento, reportando-se a essa complexidade a fim de objetivar a sua compreensão, assim nos diz Pizarro (2012, p. 68):

> O popular personagem do curupira, de antiga tradição em toda a região amazônica, onde recebe denominações diferentes e apresenta grande vitalidade no imaginário popular atual, aparece em uma de suas variantes importantes como uma criatura com os pés ao contrário. A figura está documentada no texto de Acuña. Em outra variante tem apenas um pé defeituoso. Como dizíamos, ele pertence claramente à cultura popular amazônica e diríamos que é um dos seres imaginários centrais do "olimpo" local. Ele passa do conhecimento indígena para o texto de Acuña, ou será Acuña que vai projetá-lo a partir de uma história prévia? Esta é uma permanente questão de quem observa esses fenômenos da cultura. Como se produz o processo transcultural?

Se havia a visão de um paraíso é porque havia um pensamento edênico introjetado. Reflexos de uma natureza pretuberantemente endemoniada; distanciada de um rigor científico. Uma visão edênica inseparável do olhar atento e oculto do maligno. Com tantos seres aberrantes e fantasmagóricos à espreita dos conquistadores, atestando a existência do demônio, restaria a busca pela fé.

Na busca dessa fé, em qualquer expedição, a presença religiosa na Amazônia, contribuiu na organização dos primeiros aglomerados. Missões religiosas justificando o "direito divino" sobre a Amazônia, sobre os indígenas. Quais os objetivos por trás dessa colonização espiritual? Silva (1996, p. 21) nos explica que "é enfeitar a conquista numa guerra santa entre católicos e hereges; projetar na violência da colonização uma necessidade divina. O objetivo é formar súditos cristãos". Ademais, tão forte quanto o loteamento territorial é o loteamento do

espírito. Contradições teológicas à parte, “quanto mais selvagem a cena, maior o seu poder de inspirar emoção” (THOMAS, 2010). Dessa forma, em busca de novos discursos, reportamo-nos às afirmações de Silva:

> A colonização da Amazônia também é objeto de interpretação. Pontos de vista distintos trabalham os fatos e os conceitos, deixando-se submeter ou promovendo a independência da memória. Constituem também a Amazônia, seja como loteamento cultural, seja como totalidade em apreensão. Comparados, representam concepções antagônicas na compreensão da Amazônia. Polarizados, indicam a genealogia da submissão, melhor dizendo, do reconhecimento da subalternidade e da possibilidade de independência cultural. Ambos comprometidos, só que em princípios opostos. Razões de um e de outro que o discurso não explica, mas que as tendências históricas confirmam ou desmentem (SILVA, 1996, p. 24).

A inquietação intelectual fora instigada pela busca de um pensamento (mais) racional para a região a partir de um novo olhar advindo dos naturalistas. Uma dimensão transdisciplinar e com rigor científico começa a ser observada em Humboldt. A ciência muitas vezes precisa demonstrar-se fria. Um ceticismo necessário para desmistificar conceitos preestabelecidos como a lenda do Eldorado. Uma nova temporalidade em Humboldt trazendo

> à zona tórrida, às regiões equinociais do novo continente, um olhar racional e científico que deixa, por outro lado, um lugar para a emotividade e o sentimento, apesar de insistir na primazia da razão. Toda produção de conhecimentos implica, de qualquer modo, formas de transferência de poder para Europa e, no caso do alemão, o aporte não é menor. No entanto, esta abertura é suficiente para transmitir uma profunda relação entre a vida animada e o universo inanimado, o que torna seu discurso um espaço para novos olhares sobre as formas de relação do homem com o mundo, que, sendo as mesmas de um universo novo, ampliam nessa dimensão o campo da percepção sobre a Amazônia e o continente em geral (PIZARRO, 2012, p. 110).

No hemisfério da imaginação, sobre essa Amazônia dos superlativismos e das hipérboles, Lima (1975, p. 47) apresenta-nos uma proposta de compreensão:

> Em sã verdade, a região é mal vista, pouco conhecida, erroneamente interpretada. Persiste indecifrável, mas desastrosamente deturpada na significação de sua essência, de seus atributos, de seus recursos. Evidencia-se, porém, à claridade meridiana, que é lidimamente compatível com a vida humana, dotada de prodigioso poder assimilador sobre o homem, a ela acomodado por um mecanismo de adaptação espontâneo, mau grado as asperezas, as rugosidades, as cruezas de uma natureza virgem e bravia.

Das primeiras impressões construídas advindas do estigma do Eldorado, das Amazonas e do Maligno resultou o mais persistente dos estigmas construídos sobre a região: a do vazio demográfico, da "terra sem homens". Hostis, incultos, bárbaros e preguiçosos. Depreciações que servem para percebermos o quanto ainda há de se construir/desconstruir nesse labirinto humano-geográfico, pois são ainda a rigor, os velhos espectros do exotismo amazônico se perpetuando (HARDMAN, 2009). Independente da temporalidade, em qualquer das três Amazônias[26] (portuguesa, indígena ou brasileira) a se estudar, encontraremos imagens preconcebidas, limitadas e estereotipadas.

A título de exemplo, liguemo-nos a alguns registros destacados nos escritos de João Daniel[27] dentre as quais a de que:

> Houve europeus que chegaram a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente, e uma semelhança de racionais; ou uma espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana (Daniel, 2004, p. 263).

Mais adiante Daniel de forma enfática (e mordaz) apresenta um veredicto às impressões dos colonizadores:

> Vós dizeis que os índios não são gente: por outra parte abusais, como gentios, ou falsos cristãos, do sexo feminino. Pois uma de duas: ou eles são gente como nós, ou são monstros e macacos. Se monstros, incorreis nas penas do nefando crime de bestialidade, e como réus deveis dar pública satisfação pelo Santo Ofício, sendo chamuscados, e queimados. E se isto vos cheira a chamusco, deveis confessar, que são gente, e tão homens e verdadeiros racionais como vós, e como tais deveis ser suspensos em uma forca (Daniel, 2004, p. 264).

É preciso um víeis interdisciplinar àqueles que pretendem compreender a natureza amazônica, uma Amazônia múltipla para além das "classificações apressadas, nas pseudo generalizações, nas tentativas homogeneizadoras das culturas" (SILVA, 1996). Os "encantados", que povoam o imaginário das pessoas e governam suas vidas, têm diferentes representações no cotidiano e o processo de modernização é sempre um perigo (PIZARRO, 2012). Percepções que elidem, e pouco constroem, originam uma

---

[26] Especificamente sobre essa divisão cronológica da história da Amazônia, recomendamos a leitura de SILVA, Marilene Corrêa da. O paiz do Amazonas. Manaus: Edua, 1996.
[27] DANIEL, João. Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

> insensibilidade humana e cultural das autoridades e das classes dominantes em relação aos contatos étnicos desiguais e altamente nocivos. Índios vivendo na pré-história (ianomâmi) e componentes rústicos da base da pirâmide social regional vivendo sua aventura amazônica: garimpeiros, posseiros, capatazes, peões, gateiros, caminhoneiros, pistoleiros profissionais (AB'SÁBER, 1996, p. 132).

A região amazônica é construída agora em função de uma experiência vivida e, nesta experiência, ela aparece na retórica paradisíaca que alimentou os relatos dos primeiros cronistas, na ilusão de um novo Eldorado, lugar de enriquecimento ou então do Paraíso, para aqueles que procuram uma vida melhor. O problema é que, para conseguir tudo isso, os primeiros escravizam os segundos, em geral indígenas ou imigrantes nordestinos. Então, o paraíso se torna inferno, cárcere de grades verdes, entre mosquitos, umidade, malária, insetos, víboras, faunas animal e humana (PIZARRO, 2012). Por todas essas razões combinadas, a abertura da Amazônia para o mundo externo – sob a égide de um capitalismo indiscutivelmente selvagem – ocasionou a mais complicada e incontrolável projeção de uma sociedade desigual, sobre espaços herdados da natureza, que se conheceu ao fim do século XX (AB'SÁBER, 1996).

2.4 Novos sentidos a uma mesma leitura

Estar a três marés da verdade
e de seu porto inseguro...
Todas as coisas um dia cheias de mitos
são coisas que ora estão cheias de medo.
Que verso há de mudar o curso deste rio?[28]

Consequentemente, o universo mítico tem se enfrentado com a modernização, promovida por diferentes instituições e em diferentes períodos, de distintas maneiras. Alguma coisa está ocorrendo na atualidade e mudando a situação, pois existe uma diferença entre a memória de ontem e a de hoje. Porém, os "encantados" seguem ocupando um lugar importante na vida das comunidades que se defrontam com a modernização (PIZARRO, 2012). Hábitos que se prolongam no tempo, através de idades e civilizações, mentalidades e interpretações, enraizadas de sobrenaturalidade e mistério.

As superstições atualizam a existência da crença (CASCUDO, 2002a) aumentando nossas angústias e infelicidade como assinalava Epicuro (341-271 a.C.)

[28] PAES LOUREIRO, João de Jesus. Deslendário. Belém: Gráfica Falangola, 1981.

referindo-se às preocupações religiosas e superstições. A cada instante os gregos temiam ser punidos por seus deuses e que forças divinas interferissem em suas vidas. O maior dos temores: o medo da morte. Tais superstições, usos e costumes egípcios e greco-romanos, estão presentes no cotidiano do povo brasileiro. Complementa nossa observação um trecho dos estudos de Câmara Cascudo:

> O povo tudo ouve e vê, mas dificilmente muda o que julga sagrado e certo por ter sido *Ciência dos Antigos*, a voz dos antepassados impecáveis. Na intimidade do pensamento, raciocina como o bisavô, embora manobrando mastodontes motorizados, comendo de lata, bebendo venenos destilados, envergando camisa vermelha e calça verde. A defesa instintiva respondendo perguntas hábeis sobre sua religião, é concordar, confirmar, esgueirando sorrisos astutos. Nada de comprometer-se (CASCUDO, 2002a, p. 238).

De fato, a modernização é capaz de fragmentar o elo entre os membros de uma comunidade e colocar em dúvida valores seculares em comum de opinião e ideologia, como exemplifica Galvão (1955, p. 100):

> Foi quase sempre o pai ou o avô do informante que teve um encontro com essas criaturas da mata. Alguns são mesmo céticos e duvidam de sua existência considerando a crença nos Currupiras um abusão da gente velha. A existência dos Currupiras nos antigos tempos de Itá era tida como uma realidade como hoje o é nas freguezias mais afastadas. À medida que se derrubou a mata, morada predileta dessas criaturas, foi se relegando sua existência para regiões mais distantes. Acredita-se em sua realidade, porém ela já não preocupa a vida local. Finalmente o último estágio é atingido por aqueles que agora já se mostram céticos e consideram essa crença um abusão ou superstição dos mais velhos. Para esses os Currupiras são apenas uma lenda.

Há uma linha tênue nessa etiologia que por um lado reverbera para uma genealogia mítica, distante e enigmática e, noutro plano de raciocínio, para uma genealogia que a todo instante tenta romper com os sistemas simbólicos e transformá-los em coisas inócuas. Esses dois tipos de conhecimentos não explicitam uma resposta elucidativa sobre o tema em questão.

Isso dito, a fortaleza inquebrantável do boto depara-se com fundamentos conflituosos, onde a interdependência com o urbano dinamiza novas articulações territoriais resultantes da grande demanda do mercado colombiano pela piracatinga, encontrada em abundância nas calhas do Solimões/Amazonas.

Significativas teorias põem em relevo as contraditórias relações entre os pescadores e os botos. Razões de natureza teórica, descritas por Brum (2011)

relacionam a popularização do uso de redes de emalhe na pesca na Amazônia Central com o aumento dessas interações negativas e positivas. As interações positivas se caracterizam pela cooperação que ocorre quando os botos encurralam o pescado, facilitando a prática pesqueira. Já as interações negativas decorrem do fato de ambos, pescador e boto, competirem pelo pescado. Muitas vezes, os botos acabam rasgando malhadeiras e causando danos aos demais artefatos de pesca, roubando pescado ou espantando os peixes. Também são comuns capturas acidentais dos cetáceos que acabam se ferindo ou morrendo. Os prejuízos causados aos pescadores os levam, algumas vezes, a arpoar os botos intencionalmente, sendo esta outra interação negativa.[29]

Nesse mundo de interpretações, de deslocamentos e estranhamentos, se nos damos conta, muitas vezes não inquirimos o principal problema encontrado. Uma problemática que aparece e se repete. Como num circunstancial conformismo, mesmo diante desse quadro funesto, dão-se as costas para a real situação da pesca da piracatinga na população de botos: um ilícito ambiental.

Essa contradição é discutível. E do contraditório surgem novas questões. As dinâmicas territoriais continuam a influenciar o debate público e científico sobre o rural e seu lugar no desenvolvimento. Se sob o ângulo empírico o rural apresentava cada vez mais injunções com o urbano, uma questão fundamental seria, portanto, compreender de que maneira isso ocorre e, do ponto de vista teórico, identificar qual seria seu poder explicativo (ABRAMOVAY, 2012).

Quanto ao uso do espaço e dos recursos naturais amazônicos, as tensões e conflitos manifestam-se de forma contínua. Daí a emergência de uma discussão ampla direcionada para as políticas públicas com soluções conjuntas de natureza público-privada em oposição às questões econômicas e sociais causadoras de impactos ambientais.[30]

---

[29] BRUM, Sannie Muniz. Interação dos golfinhos da Amazônia com a pesca no Médio Solimões. Dissertação (Mestrado em Biologia de Água Doce e Pesca Interior) - INPA, Manaus, 2011.

[30] Essa abordagem propositiva das questões ambientais não é nova para o entendimento das articulações nas formas de produção e nas dinâmicas territoriais de desenvolvimento dentro dos espaços rurais e urbanos. O relatório *Limites de Crescimento* do Clube de Roma (1968) já advertia a respeito dessas questões: crescimento populacional e industrial pressionando a produção de alimentos e o esgotamento dos recursos naturais. Do Clube de Roma à Conferência de Estocolmo (1970) introduziu-se em definitivo na agenda internacional o fator meio ambiente. Desde então, o vocabulário ambiental passou a usar de forma intensa o conceito de *desenvolvimento sustentável* e sua variável *sustentabilidade*. A epistemologia ambiental desde a Conferência de Estocolmo vem

Frente aos desafios colocados é interessante o comentário de Foster (2010, p. 211) a respeito desse intercurso:

> Durante o século XIX, a principal preocupação ambiental da sociedade capitalista em toda a Europa e América do Norte era o esgotamento da fertilidade do solo, só comparável às preocupações com a crescente poluição das cidades, o desflorestamento de continentes inteiros e os temores malthusianos de superpopulação. A natureza crítica deste problema da relação com o solo pode ser vista com bastante clareza nas décadas de 1820 e 1830, durante o período de franca crise que engendrou a segunda revolução agrícola. Mas o problema não acabou simplesmente com a ciência da química do solo. Em vez disso, houve um reconhecimento cada vez maior de até onde os novos métodos haviam servido apenas para racionalizar um processo de destruição ecológica.

Sob o ângulo conceitual, os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas danificando o meio ambiente, dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso para caso: desmatamento e destruição do hábitat, problemas com o solo (erosão, salinização e perda de fertilidade), problemas com o controle da água, sobrecaça, sobrepesca, efeitos da introdução de outras espécies sobre as espécies nativas e aumento per capita do impacto do crescimento demográfico (DIAMOND, 2014).

O ser humano é multidimensional, logo a sua consciência de percepção e de necessidades tem uma visão totalizadora. Entretanto, a visão ambiental e economicista têm sido relativizadas. Contraditória e pouco coerente. Daí a importância de centrar o eixo da existência no autoconhecimento, em justificativas racionais, a fim de não desviarmos a um rumo equivocado. Portanto, se faz necessário especificar, nesta investigação, o exercício da dúvida. Uma sociedade não pode prosperar sem atitudes indagadoras, sem premissas válidas ou verdadeiras articuladas de forma lógica. Em outras palavras:

> O homem tem instintos egoístas e altruístas. Se os primeiros são necessários, não o são menos os segundos, porquanto a humanidade só pode viver em sociedade, e esta só progride, de

---

propondo ações culminando com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) a fim de acabar com a fome e com a miséria, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater o HIV, a malária e outras doenças, atingir o ensino básico universal, promover a igualdade entre os sexos e a valorização das mulheres. Por fim, estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. Metas ambiciosas, mas com poucos avanços, pois o ritmo de espécies em extinção está acelerado; globalmente a pobreza mantém milhões de crianças pelo mundo fora da escola primária. As emissões globais de dióxido de carbono crescem ano a ano. 690 milhões de pessoas foram afetadas pela fome em 2019. O problema está na deambulação das questões técnico-administrativas na sistemática das políticas públicas para a biodiversidade.

> acordo com Comte, pelo sacrifício e pela dedicação; de modo que a lei da existência da humanidade, para ele, é, uma lei que se resume na fórmula "Viver para outrem". Por isso a moralidade consiste na preponderância dos instintos altruístas sobre os egoístas; preponderância que resulta fatalmente da educação e da ciência (RIBEIRO JÚNIOR, 2001, p. 14).

Portanto, voltando a citar Diamond (p.19): Os colapsos do passado tendem a seguir cursos similares, verdadeiras variações sobre um mesmo tema. O crescimento populacional força as pessoas a adotarem meios de produção agrícola intensificados (irrigação, safras duplas ou cultivo em terraços), e a expandir a agricultura das terras inicialmente escolhidas para áreas marginais, de modo a alimentar o número crescente de bocas famintas. Práticas não sustentáveis levam a um ou mais dos oito tipos de dano ambiental listados anteriormente, resultando em terras marginais de cultivo novamente abandonadas. Para a sociedade, as consequências incluem escassez de comida, fome, guerras onde muita gente luta por poucos recursos, e derrubada de elites governantes pelas massas desiludidas. Afinal, a população diminui por causa da fome, da guerra, ou das doenças, e a sociedade perde algo da complexidade política, econômica e cultural que desenvolveu em seu auge.[31]

Em retrospecto, exemplos do passado se aproximam e se interpenetram na observação do espaço concreto. Dito de forma mais precisa:

> Os séculos XVII e XVIII presenciaram uma ruptura fundamental com os pressupostos do passado. Ao invés de perceber a natureza em termos basicamente de suas analogias e semelhanças com o homem, os naturalistas começaram a tentar estudá-la em si própria. De forma alguma foram indiferentes aos usos humanos da natureza, mas não faziam deles o centro de suas percepções. Uma taxonomia neutra e alegadamente objetiva substituiu os métodos de classificação mais antropocêntricos (THOMAS, 2010, p. 127).

Dialogar no mundo científico é cavoucar para entender e explicar a totalidade partindo daquilo que está implícito. Mesmo que se oscile entre visões conflitantes, com profundas dicotomias. Há sempre o perigo dos dogmas e das imposições fossilizando o conhecimento. E, à medida que vamos alcançando conhecimento, insere-se a dúvida. É o impulso dialético construindo a ambivalência. Desse quadro heterogêneo cabe aqui o complemento de Thomas (p. 127) ao dizer que:

---

[31] DIAMOND, Jared M. Colapso. Rio de Janeiro: Record, 2014.

> Os cientistas descartaram a crença de que os fenômenos naturais deviam ser entendidos em termos de seu significado humano, bem como atacaram o erro vulgar segundo o qual as aves, animais e plantas podiam reagir simpaticamente ao comportamento do homem. A convicção de que animais e vegetais tinham um sentido religioso ou simbólico permaneceu artigo de fé para muitos camponeses da era vitoriana, mas perdeu o apoio dos intelectuais; as pessoas cultas passavam agora a acreditar que o mundo da natureza tinha existência própria e independente, e assim devia ser percebido.

Fora do campo científico, de forma propositiva e em primeira pessoa, as particularidades sociais sobre o conhecimento especulativo, registradas no livro de Câmara Cascudo, supõem que a superstição quase sempre é vestígio de culto desaparecido. Paralela à ciência oficial resiste uma *Gaya Scienza* anônima e penetrante. Águas das mesmas fontes, correndo diversas pela diferenciação dos níveis nos terrenos atravessados. O cliente permanece fiel a ambas as crenças, fazendo-as convergir para a unidade do interesse individual. A religião no povo continua guardando a colaboração dos milênios. Retira do culto ortodoxo os elementos adaptáveis à devoção tradicional sob a superintendência da fé. Esses matutos, sertanejos, caipiras, tabaréus, homens do povo brasileiro, tão desajeitados e concordantes, são categorias indeformáveis na intimidade profunda do entendimento (CASCUDO, 2002a).

Nesse ínterim, o boto transfigura-se em paradigma teórico. Este é um aspecto decisivo para diferentes vertentes de pensamento. Ele faz parte da cosmologia das comunidades ribeirinhas da Amazônia. É nesse contexto que nos registros de Henry Bates, em meados do século XIX, na Vila de Ega (hoje Tefé), encontra-se a história de um boto com o costume de tomar a forma de uma bela mulher "que caminhava à noite pelas ruas para seduzir rapazes e levá-los para a água. Se algum se enamorava e a seguia até a beira, ela abarcava sua vítima pela cintura e mergulhava nas ondas com um grito triunfante".[32] A persistência nesse ponto é relevante, pois se refere ao poder do *encante*. Esta suposta influência mágica:

> Apresenta características que variam bastante de caso para caso. Em algumas histórias, este é marcado por febre forte e dor de cabeça, que muitas vezes, vêm seguidos da visita do espírito do boto que vai "atormentar" o enfeitiçado durante a noite. Em algumas histórias, o feitiço se concretiza pela loucura: o pescador recebe tantas visitas de espíritos de botos vistos só por ele, que enlouquece.

[32] BATES, Henry Walter. O Naturalista no rio Amazonas. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1944.

> Foram relatadas também, dores no braço, tapas na cabeça, perseguição durante a pesca e alucinações (DUTRA, 2014, p. 55).

Reconstruindo as ideias, a recursividade do *encante* tem múltiplos aspectos dentro da literatura oral, "como verdadeiros ciclos temáticos ao sabor da psicologia ambiental" (CASCUDO, 2002a). Essa consciência de nuclear à ampliada ao se inserir na sociedade fornece instrumentos de análise que podem explicar o desaparecimento dos encantados. Esclarece Juliana Dutra (2014) que "isso estaria relacionado ao aumento da população e ao crescimento das cidades, levando-os a se afastarem do mundo dos humanos". O enigmático vai ficando cada vez mais distante, às vezes marginalizado:

> Apesar de muitos entrevistados terem vivenciado manifestações sobrenaturais de botos, a grande maioria remete a existência do *encante* ao passado, afirmando existir, hoje em dia, poucos botos encantados. Os termos *antigamente* e *os antigos* são bastante recorrentes quando o entrevistado fala sobre o encantado. Alguns moradores apresentam outra justificativa para a diminuição do encantado na região, que não o crescimento das cidades. Para estes, a existência de botos encantados, parece, de alguma maneira, depender da existência do índio *pagão*, ou seja, homem não cristão conhecedor dos *espíritos da floresta*. E que "hoje em dia, existem menos casos de encante, pois as pessoas se tornaram cristãs: estão rezando mais e por isso estão *fechando o corpo*, o que tornaria as pessoas imunes a manifestações sobrenaturais" (DUTRA, 2014, p. 63).

A consciência ambígua do ciclo das variantes, a presciência dos mitos topográficos, em profilaxia mágica, fragmenta-se. A lógica do encante relacionada ao boto ou outra criatura passam por novas interpretações. Em outro registro Dutra (2014, p. 63) destaca a opinião de uma liderança evangélica a respeito:

> O boto "é como se fosse outro peixe", um animal agressivo que ataca as embarcações não por ser encantado, mas por ter instinto naturalmente agressivo. Os botos não possuem o poder de levar as pessoas para um mundo encantado, e que quando dizem isso sobre alguém, a verdade é que esta pessoa morreu afogada. "A gente sabe que as pessoas morrem afogadas... essa questão de dizer que boto levou, isso aí eu não concordo não." Sobre a ideia de que o boto é capaz de engravidar mulheres, também se mostra bastante cético afirmando que esta história era inventada por moças jovens que não queriam contar para os pais ou maridos que haviam engravidado de algum homem que estava de passagem na região.

O boto, mito, passa agora a ter um significado expiatório. O princípio da consciência e da cultura esbarra em tensões externas. A concepção religiosa não

coaduna com a concepção biológica. Ao enveredar para o campo da hermenêutica popular surgem outros planos de raciocínio.

Perguntado ao líder religioso o que ele diz aos fiéis quando estes afirmam ter presenciado alguma manifestação sobrenatural proveniente destes animais ele apresenta uma posição um pouco diferenciada, admitindo que as manifestações sobrenaturais podem existir, mas que estariam ligadas ao mal: “Pra mim é ou o psicológico dele ou obra maligna né. A gente crê em obra maligna. A gente sabe que ela existe. Que nem, vamos supor, esse negócio de encante... essas coisas vem de feitiçaria né!? De macumbaria, essas coisas assim.” Para ele, se realmente algo de sobrenatural ocorrer em relação ao boto, é porque este foi possuído pelo satanás: “Se essas coisas existem, não é de Deus. Porque das nuvens pra baixo o satanás tem um poder tremendo. No caso, ele pode se transformar num boto e depois se transformar numa pessoa. Se possível for, a Bíblia diz que ele pode se transformar até em anjo de luz.” Para exemplificar, fala sobre a passagem da Bíblia em que afirma que “existia uma legião de demônios sobre um rapaz e Jesus foi lá e expulsou essa legião. Então essa legião, ela entrou numa manada de porcos e os porcos caíram na água.” Ele sugere, assim, que se há de fato algo sobrenatural nos botos seria porque estes estão possuídos por demônios e, por isso, deveriam ser mortos. A oração e a devoção a Deus seriam as únicas formas eficazes de não serem atingidos por estes “demônios”.[33]

O terreno dessa exposição preconizado em atavismos culturais é vasto. E com abstrações. Esta é a razão pela qual Cascudo (2002) trás uma interpretação contrapositiva:

> As pesquisas psiquiátricas evidenciaram que o endemoninhado é um neurótico. A Teologia arquivou as comprovações pretéritas, e concordou. O exorcista quase cancelou a função ante o desaparecimento do motivo criador do exercício. Essas conclusões, porém, são consequências letradas, especulativas, intelectuais. A impressão popular continua sendo oriental. O doido é um espírito entre a Terra e o Céu. Tratá-lo com remédios será medicar a um cego com caretas. O povo acredita no Diabo! (CASCUDO, 2002a, p. 476).

As realidades que refletem a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de

[33] DUTRA, Juliana Cabral de Oliveira. A noção de encante e a pesca do boto-vermelho na TI Cuiú-Cuiú - AM. Belo Horizonte: UFMG, 2014 (Monografia).

processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de ideias. As relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço têm uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Nascem das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Exprimem-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas, mas que resultam de uma atividade mental; estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são o objeto de discursos e de uma reflexão sistemática (CLAVAL, 2001).

Capítulo III

A PESCA DA PIRACATINGA E A ETNOGRAFIA DA CORPOREIDADE

Este rio não tem culpa de seus males,
porque não sabe de si
e seu entendimento é seu caminho.
O círculo mais áspero é este ciclo
circundado de lacraus e centopeias,
sucurijus, piranhas e visagens.
E raízes do medo, que das vagas
estendem-se nas ondas deste tempo.[34]

3.1 A consolidação de territórios de pesca em ambientes polivalentes

Denominada de "urubu do rio" ou "urubu d'água" pelos pescadores da região por alimentar-se de animais mortos, a piracatinga transformou-se em produto de apreciação gastronômica com o pseudônimo de "filé de douradinha".[35]

Mesmo com o Decreto de 21 de julho de 2014 pelos Ministérios da Pesca e Aquicultura e Meio Ambiente, restringindo por cinco anos a pesca da piracatinga, e que desde 1º de janeiro proibiu a retenção, bordo, transbordo, desembarque, armazenamento, transporte, beneficiamento e comercialização dessa espécie de peixe em todo o Brasil, teme-se a vulnerabilidade, ou pouca eficácia da lei, diante dos mecanismos utilizados para burlá-la e, dessa forma, continuar com o crime ambiental em que botos são usados como isca.[36]

O incremento na cadeia da pesca da piracatinga nos últimos anos deve-se à demanda do mercado colombiano, onde esse peixe é bastante apreciado. Cuturalmente as práticas pesqueiras na região amazônica eram voltadas à pesca de

---

[34] PAES LOUREIRO, João de Jesus. Deslendário. Belém: Gráfica Falangola, 1981.

[35] Por alimentar-se da carne de animais mortos, certamente haveria uma grande rejeição nas feiras, mercados, restaurantes etc a esse tipo de peixe. Ao se utilizar a denominação "filé de douradinha" no preparo desse prato, acaba-se por mascarar duas realidades: a de que se está consumindo um peixe de hábitos carnívoros, pouco recomendado por nutricionistas, pois tende a concentrar níveis elevados de metais pesados e outros contaminantes, como o mercúrio; bem como as práticas de manejo para a captura dessa espécie, que utiliza a carne do boto.

[36]Na verdade, nos locais onde inicialmente detectou-se esse crime ambiental (Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, entre os municípios de Tefé, Fonte Boa e Maraã) registra-se, diante das pressões e repercussões geradas, uma maior mortandade de jacarés, do que de botos, para fins de isca na pesca desse peixe liso. Então, por que a mortalidade dos botos nos sensibiliza, diferentemente dos jacarés? A resposta pode estar, mais ou menos, na metáfora da floresta e da baleia. As queimadas da Amazônia não têm o impacto emocional de chocar o mundo tanto quanto a morte das baleias arpoadas pelos navios de caça japoneses. As baleias são "fofinhas" e os botos, primos dos golfinhos, também. Afinal, são mamíferos tal como os humanos.

peixes de escama, sendo que as espécies denominadas bagres continuavam a ser depreciadas, pois existia, e ainda existe, a crença de que se trata de peixe *"reimoso",* e que a sua ingestão pode provocar o aparecimento de doenças ou outras moléstias como a hanseníase. Diante desse tabu, essas espécies eram pouco aproveitadas, sem valor comercial. Essa proposição encontra anuência na Bíblia Sagrada. Levítico 11:09-11 (Leis sobre os animais limpos e imundos), considera e proíbe o consumo dos animais que vivem nos mares e nos rios, que não tenham barbatanas ou escamas. A piracatinga, de algum modo, representa a ruptura com essa conexão.

Justificam-se, assim, as medidas como a moratória do Ministério do Meio Ambiente proibindo a pesca da piracatinga a fim de proteger botos e jacarés (figura 7). Independente de que tipo de isca é a mais usada, se boto ou jacaré, o preocupante nesse manejo é o uso predatório de animais silvestres como isca.

ESTADÃO
BLOGS
Ambiente-se
Porque nosso planeta é um só

Peixe que se alimenta de boto tem moratória decretada

A piracaratinga, um tipo de bagre da Amazônia bastante apreciado na Colômbia, fica proibido de ser pescado e comercializado a partir de 1º de janeiro. Pescadores usam carne de boto como isca para atrair o peixe

Giovana Girardi
10 de junho de 2014 | 21h17

Figura 7: A repercussão da moratória.
Fonte: Jornal Estadão, 2014.
Organização: O autor, 2020.

A piracatinga é um bagre de médio porte. Atinge no máximo 40 cm de comprimento padrão e pode ser encontrado nos rios das bacias do Amazonas e Orinoco. Esse bagre tem importância comercial na Colômbia e Venezuela e mais

recentemente no Brasil. Representa boa alternativa econômica para os grandes frigoríficos ao longo do ano, uma vez que a pesca do seu principal produto, os grandes bagres, é sazonal e disponível somente por cerca de seis meses, durante a seca. Essa situação levou a utilização indesejada da carne de boto e de jacaré como isca para a pesca da piracatinga, um bagre omnívoro e de hábitos necrófagos (NUNES et al., 2017).

A população de botos na Amazônia caiu pela metade nos últimos dez anos de acordo com os estudos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Conforme o estudo, eles estão quase em extinção. A pesquisa baseia-se em dados de 22 anos (1994 a 2017) obtidos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (figura 8). Uma relação direta com a pesca e o uso da carne desse animal como isca. A estimativa fundamentada nos dados coletados em Mamirauá indica que o declínio da população de botos-tucuxi ocorre mais rapidamente, com a perda da metade da população a cada nove anos. Já o boto-cor-de-rosa perde metade da população a cada dez anos, segundo o estudo.

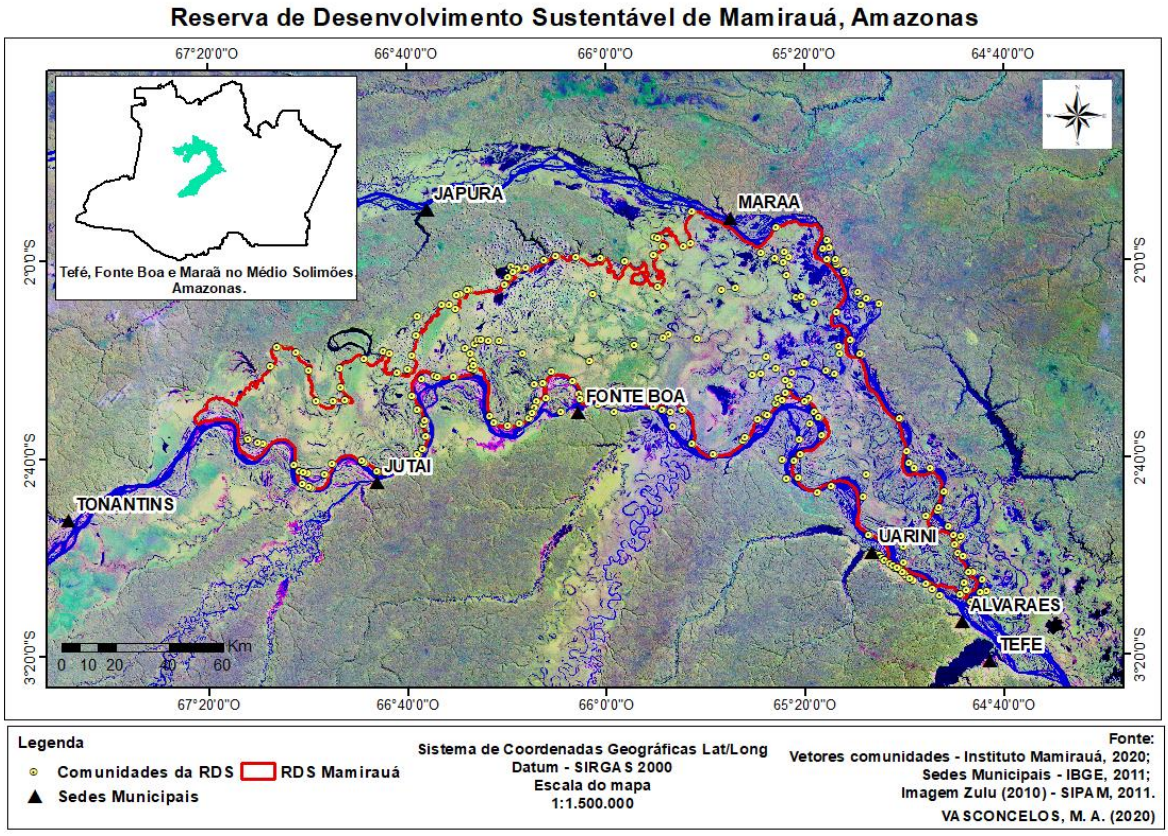


Figura 8: RDS Mamirauá.
Fonte: IBGE, 2011.
Organização: O autor, 2020.

De acordo com a Instrução Normativa n.6, de julho de 2014, golfinhos e jacarés amazônicos são protegidos por lei federal, desde 1967, e seu uso como isca confere o caráter ilegal desta atividade. Estes animais são suscetíveis ao declínio populacional e consequente extinção, representando a maior preocupação no manejo desta pescaria. Nos últimos anos, as taxas de sobrevivência do boto-vermelho, no médio Solimões, declinaram assustadoramente, levando à proibição dessa pescaria no Brasil.

Kluczkovski Junior, A. e Kluczkovski, A. M., a respeito da exploração ilegal dos jacarés, assinalam que:

> Assim como os pesquisadores, a população tradicional percebe a recuperação das populações de jacarés no Estado do Amazonas. Além de visualizarem o aumento no número de indivíduos, os encontros entre pessoas e jacarés tornaram-se mais frequentes. Em geral, estes encontros são acidentes com mordidas de jacaré ou animais presos em rede de pesca. A população associa o animal a perdas econômicas com material de pesca e a risco de vida. Há dentre as populações ribeirinhas um consenso de que o jacaré é um animal “perigoso” e que deve ser controlado, sendo que isto hoje é feito sem agregar nenhum valor econômico ou ecológico ao animal (2015, p. 22).

Embora a maioria das medidas de manejo de pesca na Amazônia não sejam efetivas devido à falta de fiscalização e à dificuldade em monitorar pescarias muito dispersas, a moratória em vigor tem potencial para ser efetivada considerando que toda comercialização de piracatinga é feita via grandes frigoríficos, relativamente fáceis de serem fiscalizados. Essa medida, no entanto, pode levar ao estabelecimento de uma cadeia de exportação ainda mais dispersa – um cenário no qual a pesca da piracatinga, mesmo proibida, continuaria a ameaçar as populações de golfinhos e jacarés na Amazônia (NUNES et al., 2017). Dessa forma, configura-se o conflito. São os dois lados de um combate. Chegamos à era da “culturalização” da natureza (BAUMAN, 2012).

Assim, faz-se urgente o monitoramento dos frigoríficos e também dos pescadores dispersos em comunidades para confirmar a efetiva aplicação da moratória. A Instrução Normativa nº 6 de 2014 instituiu o período de cinco anos para avaliar a recuperação das populações usadas como isca, definir o estado de conservação da piracatinga e desenvolver iscas alternativas para permitir sua exploração sustentável. No entanto, sabemos que uma espécie com a biologia do

boto-vermelho não se recupera em tempo tão curto e que será difícil responder a essas demandas no prazo de duração da moratória (NUNES et al., 2017).

A combinação dessas implicações leva-nos a refletir sobre a definição de desenvolvimento sustentável. E o quanto aos poucos essa definição torna-se clichê, pois a noção de sustentabilidade sugere um tipo de crescimento econômico que atenda as necessidades desta e das próximas gerações e que conserve os recursos naturais. Seja benigno ao meio ambiente e para a sociedade durante longos períodos (EHLERS, 2008). Além disso, pensar sobre o processo de construção das relações sociais dos povos amazônicos é tratarmos de compreender o complexo sistema de organização política, econômica e territorial dessas comunidades, que refletem as condições de apropriação do espaço, de adaptabilidade, e, sobretudo, de subsunção da natureza, mas na percepção de um espaço físico, simbólico e social, no contexto onde se dão as relações, ou seja, no cotidiano dialético entre homem e natureza e principalmente entre os próprios homens no sentido em que se verificam suas práticas socioculturais (RAPOZO, 2015).

A economia de uma comunidade pesqueira, embora compartilhe muitas das características gerais de uma economia agrícola, tem algumas características especiais decorrentes de suas condições técnicas específicas. Em comparação com a agricultura, eles podem ser resumidos da seguinte maneira: enquanto o rendimento agrícola é amplamente sazonal, com longos intervalos durante os quais nenhuma renda direta é recebida, o rendimento da pesca é em grande parte de incrementos diários. Já que cada dia de trabalho comumente dá seu retorno no local, sem a questão da espera como inerente ao cultivo das safras, o planejamento da produção do pescador pode assumir diferentes formas. O planejamento de longo prazo ainda é essencial para o acúmulo de equipamento técnico e outro capital e para a preparação contra as mudanças sazonais. Mas há mais espaço para planejamento de curto prazo. Em particular, há mais oportunidade para a entrada do trabalhador marginal cujos principais interesses estão em outro lugar. A pesca pode ser usada como trabalho diário casual, para dar a um agricultor um pouco de comida extra ou dinheiro imediatamente, ou para preencher uma lacuna em outra tarefa (FIRTH, 1975).[37]

[37] No original: The economy of a fishing community, while it shares many of the general characteristics of an agricultural economy, has some special features arising from its specific technical conditions. By

Nota-se que para um construtivo debate deve ser considerado o surgimento de uma série de suposições com vertentes contrárias. Em verdade, aos poucos se observa que os sistemas de produção “sustentáveis” apresentam padrões éticos, morais e culturais contrastantes.

Para saber como conhecer melhor, é necessário conhecer melhor como nos organizamos para conhecer. Como se interiorizam em nós hábitos metodológicos e estilos de investigação consagrados pelas instituições e pelos dispositivos de reconhecimento (GARCÍA CANCLINI, 2015). Apesar de tudo, nessa exegese de infinitas reflexões críticas, Santos (2007) recomenda-nos a tarefa de fazermos o trabalho de campo, questionando a tirania do discurso único e assim reconstruirmos o diálogo. Para percebermos que as simbolizações humanas trazem conhecimentos oponíveis, pois:

> Para levar o homem ou a mulher à Lua não há conhecimento melhor do que o científico, o problema é que hoje também sabemos que, para preservar a biodiversidade, de nada serve a ciência moderna. Ao contrário, ela a destrói. Porque o que vem conservando e mantendo a biodiversidade são os conhecimentos indígenas e camponeses. Seria apenas coincidência que 80% da biodiversidade se encontre em territórios indígenas? Não. É porque a natureza neles é a “Pachamama”, não é um recurso natural: “É parte de nossa sociabilidade, é parte de nossa vida”; é um pensamento antidicotômico. Então o que tenho de avaliar é se se vai à Lua, mas também se se preserva a biodiversidade. Se queremos as duas coisas, temos de entender que necessitamos de dois tipos de conhecimento e não simplesmente de um deles. É realmente um saber ecológico o que estou propondo (SANTOS, 2007, p. 33).

Uma “antropologia” que jamais ultrapasse os limiares de suas próprias convenções, que desdenhe investir sua imaginação num mundo de experiência, sempre haverá de permanecer mais uma ideologia que uma ciência (WAGNER, 2010). As relações se complexificam. Os ambientes possuem singularidades diferenciadas, logo, existem formas distintas de uso de acordo com sua finalidade, estas interpretações são possíveis pela atribuição à dimensão simbólica que

---

contrast with agriculture they may be summarized as follows. Whereas agricultural yield is largely seasonal, with long gaps during which no direct income is received, the yield from fishing is largely one of daily increments. Since each day's labour commonly gives its return on the spot, with no question of waiting as inherent in the growing of crops, the fisherman's planning of production can take different forms. Long-term planning is still essential for the accumulation of technical equipment and other capital and for preparation against seasonal changes. But there is more room for short-term planning. In particular, there is more opportunity for the entry of the marginal worker whose main interests lie elsewhere. Fishing can be used like casual day labour, to give an agriculturalist a little extra food or cash immediately, or to fill a gap in another task.

constituem as representações sociais dos indivíduos, ou seja, a maneira como reconhecem, delimitam e utilizam os ambientes, sendo elementos sociais fundamentais para a consolidação de territórios de pesca em ambientes polivalentes (RAPOZO, 2015).

Por que há a preferência pela carne do boto nas pescarias locais de piracatinga? Porque como fator fundamental para o sucesso da pesca, ao menos na opinião dos pescadores envolvidos, está o tamanho do animal e a quantidade de gordura. Pescarias pouco eficientes, ou mesmo frustradas, são explicadas pelos pescadores com base na captura de jacarés “magros”, ainda que grandes (maiores que três metros). Este fato está associado ao fator de condição dos animais. O qual está determinado pela disponibilidade de alimento, e inerentemente ao ciclo hídrico, o que termina sendo um fator determinante da sazonalidade da pesca. Na visão dos pescadores que já usaram boto-vermelho para pescar piracatinga, a carne deste animal é considerada como uma das mais eficientes iscas. Segundo alguns destes pescadores, além da alta porcentagem de gordura acumulada na carne, o sangue do boto também funciona como um atrativo à piracatinga (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014).

Signatário da Agenda 21, o Brasil comprometeu-se com uma lista de compromissos e ações, entre os quais os de conciliar o desenvolvimento econômico preservando a saúde e os recursos naturais do planeta, objetivando aquilo que na prática denomina-se desenvolvimento sustentável. De modo geral, para nos distanciarmos do discurso e ratificarmos o meio ambiente tanto na sua singularidade, quanto na sua diversidade, necessitamos de forma objetiva aliar um conjunto de ações em níveis satisfatórios a fim de manter as diretrizes administrativas e as leis ambientais em vigor. Sem esses pressupostos básicos estaremos replicando um mundo de significados, porém com soluções paliativas.

Evidências e divergências começam a nos conduzir a um intrigante e produtivo debate intelectual. Vozes contrárias questionam que esteja havendo uma *matança* indiscriminada dos botos. Em suas literaturas usam o termo *mortalidade.*[38] Isso vai muito além de uma etimologia.

---

[38] BOTERO-ARIAS, Robinson; FRANCO, Diogo de Lima; MARMONTEL, Miriam. A mortalidade de jacarés e botos associada à pesca da piracatinga na região do Médio Solimões – Amazonas, Brasil. Tefé-AM: IDSM, 2014.

Esses pesquisadores não concordam com a classificação “de risco” do boto-vermelho. Afirmam que tais estudos acontecem numa área extremamente pequena da RDS Mamirauá, portanto, não representando a totalidade da Amazônia. Defendem que o animal está na categoria “vulnerável”, pois no ápice da pesca o uso do boto como isca não chega a 30%. Há a preferência pelo jacaré. Segundo estes autores o grande problema enfrentado pelos botos é a mortalidade por emalhe acidental em redes de pesca.

Em outra perspectiva, o boto apresenta um risco elevado de entrar em extinção em seu habitat.[39] Estudos desenvolvidos há quase três décadas na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá mostram que a população desses animais vem diminuindo drasticamente a cada década e, mesmo que a Amazônia seja grande, com muitos botos-vermelhos, a velocidade com que essa espécie está sendo retirada pode fazer com que ela enfrente a extinção. Esta pesquisa, por sua vez, afirma que as ameaças sobre essa espécie são inúmeras, com um agravante detectado desde os anos 2000: a matança de boto para uso de isca na pesca da piracatinga.

Desta forma, quer se adote o ponto de vista de Botero-Arias; Franco; Marmontel (2014) ou o de Nunes et al. (2017) aqui se faz necessário uma ressalva: esses pesquisadores, mesmo com interpretações divergentes, não deixam de reconhecer o impacto humano, ou melhor, a influência antropogênica desequilibrando as populações de botos da Amazônia. Envolto de incertezas, vamos à busca de respostas, porque o boto personagem do folclore brasileiro, pai dos filhos sem pai da Amazônia, agora, corre o risco de virar, literalmente, uma lenda.

3.2 A etnografia da corporeidade pesqueira

O rio é berço do homem.
O rio é boca do homem.
O rio é vida do homem.
O rio é cova do homem.[40]

O corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída (LE BRETON, 2012). O trabalho pesqueiro inscreve-se e se constrói no

[39] NUNES, Angélica. et al. Guia de identificação das principais espécies de peixes comercializados como “douradinha”. Manaus: Editora INPA, 2017.
[40] PAES LOUREIRO, João de Jesus. Deslendário. Belém: Gráfica Falangola, 1981.

uso do corpo, na educação do saber sensível humano, expressando-se, ao longo dos anos, no apuro e refinamento de alguns sentidos para que os pescadores exerçam sua atividade com qualidade nas águas dos rios, estuários e/ou mar (RAMALHO, 2011). Isto posto, conduzindo a pesquisa na busca de resultados mais amplos, direcionamos o estudo a uma abordagem etnográfica das ações corporais dos pescadores. Lungarzo (1989, p. 51) destaca:

> O primeiro passo, então, da pesquisa científica é a observação. A observação é um elo na cadeia do método científico, aliás, em geral, o primeiro. Contudo, essa observação está antecedida por informações teóricas, que nem sempre, mas com certa frequência, indicam ao pesquisador quais são os fatos que deve observar. A observação é comum a todas as ciências factuais, tanto naturais como humanas. Independente de ser possível ou não a experimentação.

Não basta apenas ter um corpo humano para ser pescador, já que é essencial desenvolver uma educação sensitiva singular em termos socioculturais. Sem dúvida, aquele que volta sua vida para os recursos aquáticos “tem que sentir, ouvir pra poder pescar” (RAMALHO, 2011).

Técnica e força juntam-se na realização humana nas águas, ou seja, o saber-fazer é projetado nas plenitudes sensitivas e cognitivas, que educam os sentidos na tomada de consciência e, por isso, na humanização do próprio corpo (no saber pesqueiro), na qualidade das faces de uma mesma moeda (RAMALHO, 2011). Os fatos e as observações no mundo do trabalho dessa complexa educação corporal, na pesca artesanal, levam-nos à percepção de que nesse processo de socialização da vida pesqueira subsistem relações conflituosas devido à emergência de uma nova racionalidade delineada pelo sistema de mercado que fez emanar, mesmo que em menor grau, novas técnicas de captura. Em maior grau, eclodiram processos sociais dissonantes.

Esses caminhos analíticos e descritivos captados na ideologia da pesca do peixe liso e, como consequência da piracatinga, trazem consigo as transformações simbólicas e materiais no ambiente aquático. Transformações para além das canoas movidas a remo, no contentamento da captura de apenas algumas espécies para a sua alimentação como o jaraqui, o pacu, o tambaqui e a sardinha, ou da mudança do ambiente lago pelo ambiente rio. O corpo humano na sociedade pesqueira passou a dialogar intimamente com uma nova construção social. O rio principal era pouco

utilizado para a atividade pesqueira pelos moradores da várzea. As espécies denominadas “peixe liso” ou “fera” não eram apreciados pela população local, pelo tabu de que sua ingestão ocasiona o aparecimento da hanseníase e outras moléstias (CRUZ, 2009), tão pouco pelo mercado, pois essas espécies não possuíam grande valor comercial.[41]

Mas a transformação do capital na pesca com a moderna indústria pesqueira redefiniu as relações de produção (figura 9). A figura do corpo humano recriou e incorporou essas novas determinações sociais. E como se fossem extensões corporais desses pescadores, novos sentidos começaram a atuar sobre o ambiente, obdurando suas próprias condições de reprodução. Há uma extensão corporal inanimada, mas decisiva nas haliêuticas engendradas: seus apetrechos de trabalho. Na insalubridade da pesca todos os sentidos do corpo atuam sobre o ambiente aquático a fim de construir uma compreensão totalizante do espaço.

[41] Estudos sobre a pesca na Amazônia Central como os de Cruz (2009) e Rapozo (2015) descrevem o desenvolvimento acelerado da pesca do peixe lixo como um evento de caráter relativamente recente. O que não é uma inverdade por uma série de fatores elencados por nós nesse estudo. Contudo, pesquisas anteriores realizadas sobre as atividades pesqueiras no Nordeste Amazônico (estado do Pará) por Penner (1984) e Loureiro (1985) registraram que uma extraordinária quantidade de piramutaba (*Brachyplystoma vaillanti*) congelada era exportada para os Estados Unidos através da cidade de Letícia, na Colômbia. Era, dentre todas as espécies capturadas, a de maior valor no mercado mundial, particularmente no estadunidense, para onde era exportada com o nome de “catfish”.

Figura 9: A Pesca do peixe liso: dimensão simbólica e espacial.
Fotografia: Antonio C. Souza, 2020.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

E, nessa espacialidade, observa-se uma diacronia onde o corpo aglutina em seu campo biológico as nuances socioculturais, pois o olfato, a visão, a audição, o paladar e o tato na vida dos pescadores perpassam o contato físico. Aspecto importante a observar é o que diz Le Breton (2012, p. 07) sobre este assunto:

> As ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; fosse tão somente pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca.

O estudo da corporeidade pesqueira na Amazônia necessita de um caráter antropológico e sociológico para que dessa forma as noções de totalidade e espaço possam caminhar em direção ao particularismo da pesca da piracatinga. A captura deste peixe é realizada de forma artesanal por poucos membros das comunidades ribeirinhas. É uma atividade caracteristicamente executada por pessoas de diversas faixas etárias, que se engajam nas diferentes etapas do processo, desde a captura da isca até o beneficiamento e venda do pescado. A principal justificativa mencionada pelos moradores locais para o desenvolvimento desta atividade é a falta

de alternativas de subsistência e a aparente rentabilidade imediata conferida por este tipo de pesca (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014).

Os problemas de planejamento também são afetados de outras maneiras. O agricultor, recebendo a maior parte de sua safra a granel de uma só vez, pode planejar com antecedência, decidir o que vai reter e o que vai vender, estimar sua margem de economia em relação ao consumo com meses de antecedência. O pescador, com sua renda diária, muitas vezes muito irregular, deve fazer cálculos contra uma incerteza maior. Ele deve pensar em economizar em incrementos menores; ele não pode desprezar muito grandes quantidades tanto a granel e dividir para consumo diário o restante em frações apropriadas (FIRTH, 1975).[42]

Ao relacionamos os aspectos teóricos e práticos dos questionários aplicados aos pescadores, constatou-se do ponto de vista socioeconômico que a renda familiar mensal (de até 1 salário mínimo em 87% dos entrevistados) incide diretamente sobre a frequência da prática pesqueira ao longo do ano (67% dos entrevistados). Essa interpretação microeconômica (figura 10), de relação renda e trabalho, deduz que as necessidades da família não são assistidas, devido a um retorno financeiro baixo.

[42] No original: The problems of planning are affected in other ways also. The agriculturalist, receiving the majority of his crop in bulk at one time, can plan in advance, decide what he will retain and what he will sell, estimate his margin of saving against his consumption months ahead. The fisherman, with his daily income, often very irregular, must calculate against greater uncertainty. He must think of saving in smaller increments; he cannot set asid so much in bulk and divide for daily consumption the remainder into appropriate fractions.

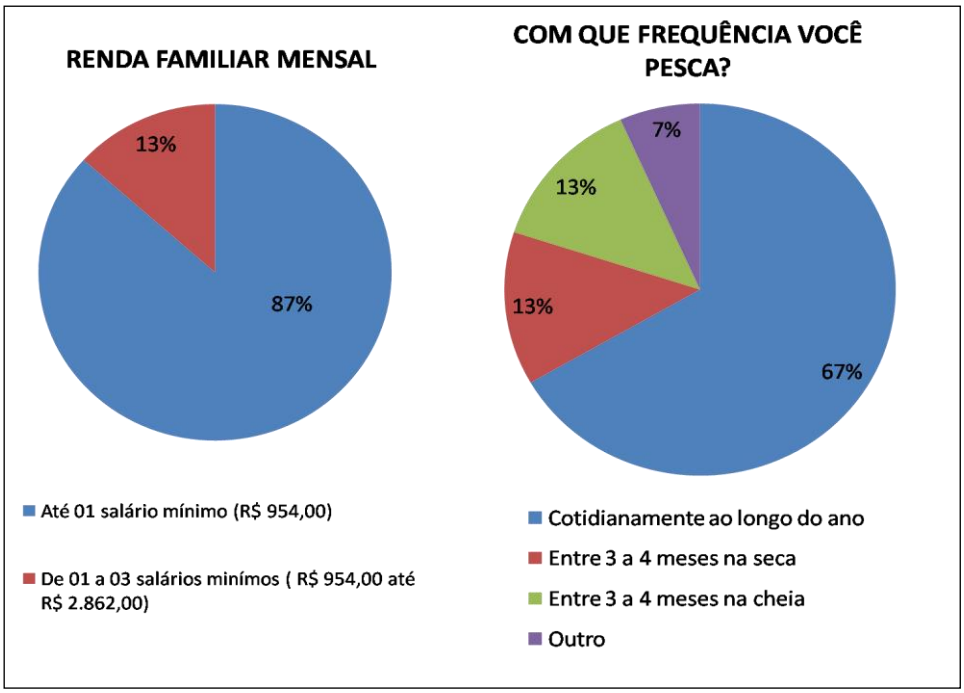


Figura 10: Relação renda e frequência na pesca.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Os resultados obtidos estabelecem, mesmo que implicitamente, uma correlação altamente significativa entre renda familiar, frequência/tempo na pesca e a importância complementar de algum benefício social. Todos os entrevistados afirmaram que suas famílias recebem alguma ajuda governamental (figura 11), com destaque para o Programa Bolsa Família - PBF.

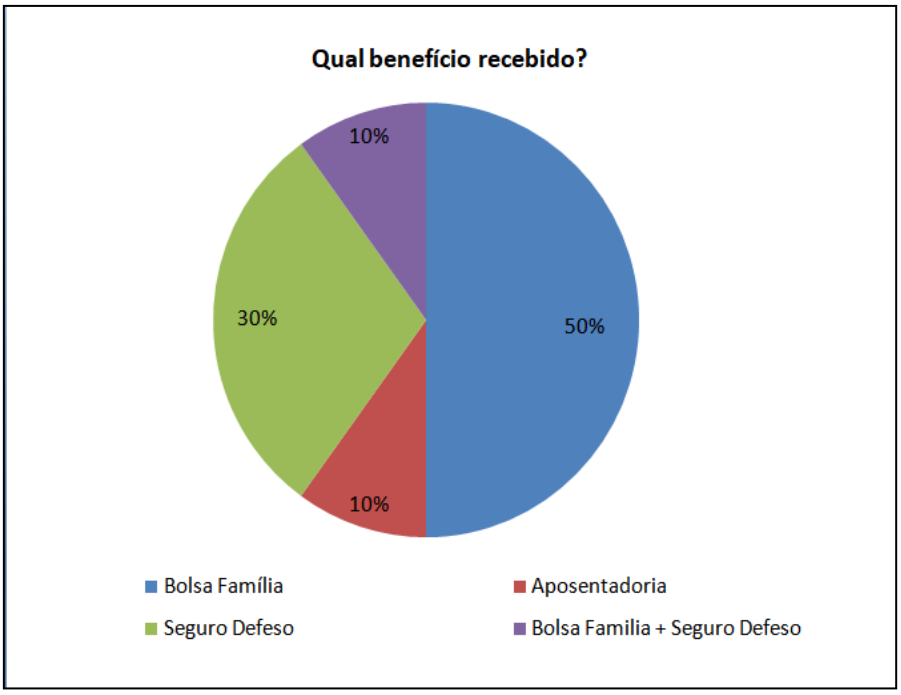


Figura 11: Benefícios sociais recebidos.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

A principal fonte de renda do município de Tefé é o comércio local, a agricultura familiar (hortaliças, frutas e farinha) e a pesca (principalmente peixe liso, tambaqui e pirarucu). O setor de serviço (Bancos, Forças Armadas, Institutos Federais, Universidades, Institutos de Desenvolvimento Sustentável, Polícia Federal e ONGs) concentra a mão de obra especializada. Fonte Boa, por sua vez, tem sua força econômica no setor primário, quase que exclusivamente na pesca, sendo considerado o maior produtor de pirarucu do estado do Amazonas. Maraã, também de economia primária, destaca-se na agricultura familiar (milho, feijão, mandioca, banana e melancia) e na pesca artesanal. Típico das cidades do interior do estado, de economias baseadas na pesca e agricultura, esses três municípios possuem IDH médio, baixo ou muito baixo: Tefé (0,639/médio), Fonte Boa (0,530/baixo), Maraã (0,498/muito baixo). Logo, o impacto de programas de transferência direta de renda, como o Bolsa Família – PBF, sobre a pobreza e desigualdade social desses municípios, deve ser levado em conta. Por se tratar de um tema que envolve economia e distribuição de renda, o PBF estará sempre no centro de debates inflamados. Sua eficácia na construção de capital humano entre as famílias pobres sempre será palco de controvérsias.

Sobre os pescadores, os riscos ergonômicos corroboram com os problemas de saúde dessa categoria através de movimentos repetitivos e jornadas extenuantes

(figura 12). A expressão mais significativa na insalubridade da força corporal são as dores crônicas, sobretudo nas articulações. E há mais um detalhe: na vida laborativo-familiar alguns vetores preponderantes como a ausência de acumulação de capital, a falta de alternativas de trabalho cria uma oferta excessiva no setor pesqueiro, convergindo para pontos nodais que se inter-relacionam, trazendo consigo trabalhos nocivos e enfadonhos. Criando condições perversas que suplantam o uso do bom senso,

> ao custo da simples sobrevivência do indivíduo até a idade em que sua força física lhe confere condições de ingressar na atividade pesqueira e este custo se torna mais baixo ainda na medida em que, dependendo da modalidade de pesca praticada, o pescador logra trazer para casa o peixe com que alimenta regular e quase exclusivamente a família (LOUREIRO, 1985, p. 57).

Quando um trabalho é perigoso ou cansativo, não gera motivação, mas repulsa (DE MASI, 2000). Com frequência um anzol prende-se aos dedos, às mãos, braços ou peito do pescador, obrigando-o a alargar o ferimento com uma faca, a fim de retirar o anzol, quando ele, passando velozmente, se crava numa parte qualquer do seu corpo. Deste modo, as mãos dos pescadores que atuam durante muito tempo na tarefa de lançar o aparelho n'água transformam-se ao longo dos anos, tornando-se tão grossas e endurecidas que, às vezes, ficam impedidos pela calosidade excessiva, de fecharem cada uma das mãos completamente (LOUREIRO, 1985). Um típico exemplo de como o ascetismo educou as massas para trabalhar, ou, em termos marxistas, à produção de mais-valia (WEBER, 2013).

Por sua natureza intrínseca, a dissipação na atividade pesqueira ocasiona acidentes e doenças. Nessa ação cotidiana, a prática do descanso é desregulada em ciclos cronológicos desajustados, onde em muitas ocasiões troca-se o dia pela noite. Comumente, há pouco descanso semanal, onde os afastamentos no trabalho relacionam-se com as condições climáticas ou alguma enfermidade. De modo geral, a necessidade de sobreviver prevalece.

Figura 12: Movimentos repetitivos e jornadas extenuantes.
Fotografia: Antonio C. Souza, 2020.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Outra relação implicitamente justaposta está entre as horas semanais dedicadas ao trabalho e os melhores meses para pesca (figura 13). Nos trabalhos de campo realizados em 2020 observou-se uma frequência na pesca ao longo de todo o ano, mas com uma ocorrência maior no período da seca (agosto a novembro). Porém, em maior ou menor escala, o trabalho na pesca ocorre cotidianamante ao longo dos doze meses, com jornadas que podem ultrapassar as quarenta horas semanais.

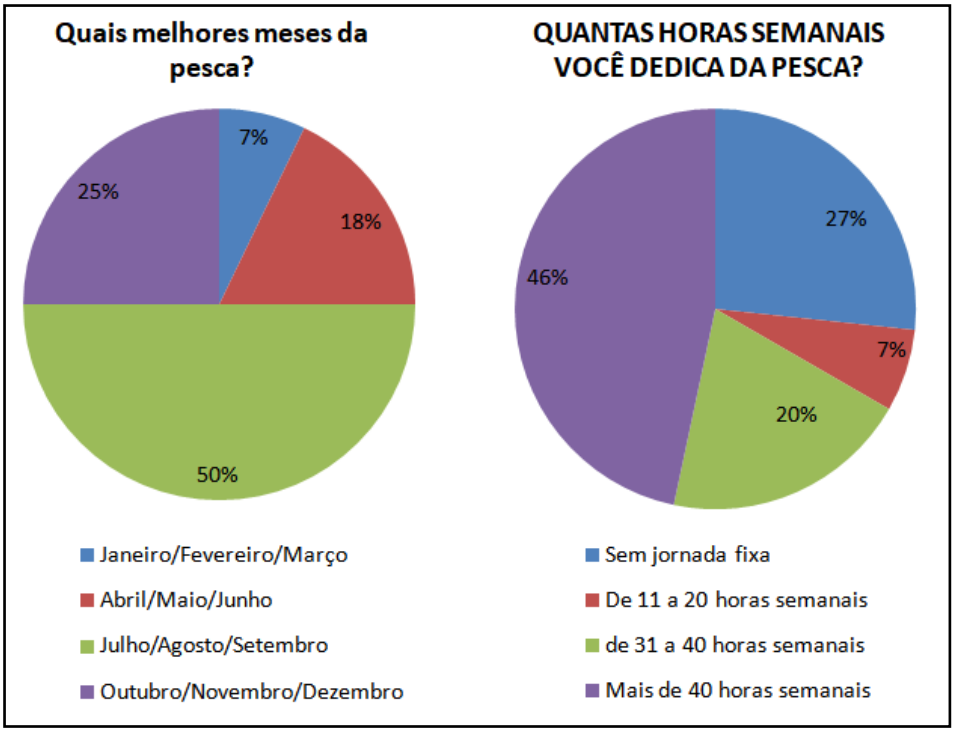


Figura 13: Horas e meses na pesca.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Daí a dilapidação da força de trabalho manifesta-se sob formas variadas e resulta no desgaste orgânico e mental que ultrapassa o que se costuma considerar normal, quando comparado ao de muitas outras formas de trabalho, devido à extensão e continuada jornada de trabalho sob sol, chuva, vento e umidade e à constância do trabalho sob essas condições; poucas horas de sono diárias, noites indormidas, acidentes de trabalho e doenças crônicas (o reumatismo, principalmente), ferroadas de arraias e outros peixes (LOUREIRO, 1985). Uma injustiça social chancelada quando:

> Ele despende certa quantidade de energia, força muscular, nervosa, cerebral etc. Para conservar sua força de trabalho, ele teria que descansar o suficiente para reconstituir a energia gasta. Entretanto isso não acontece, ao contrário, para poder melhorar as suas condições precárias de vida ele passa a fazer horas extras (PENNER, 1984, p. 119).

Que seja de agrado reformar os abusos de todas as profissões: e se subsistir qualquer uma que faça muitos pobres para tornar a alguns ricos, ela não convém ao bem comum (WEBER, 2013). Reforçando o desenlace desse argumento, em sentido lato:

> Do nascimento à morte, de dia e de noite, somos ativos, com o corpo e com a mente. A gente se move, agita, pensa, recorda, imagina,

> fantasia. Em algumas dessas atividades prevalecem a fadiga, a dor, o desgosto, a rotina, o pesar; se pudéssemos, pararíamos imediatamente com elas. Se não paramos é porque fomos forçados pela necessidade, pelas ameaças, pelos hábitos, pela falta de coragem ou de imaginação. São essas as atividades que geralmente chamamos de "trabalho"; palavra que, referida a um simples trabalhador, evoca suor, estresse, enfado, cansaço, dever, produção, gratificação, orgulho, indignação; e que usada em relação a um número maior de trabalhadores organizados, lembra uma base, contratos, comportamento, regulamentos, cooperação, conflito, investimentos, hierarquia, carreira, subordinação, comando, salário, remuneração (DE MASI, 2000, p. 52).

Sobre a morbidade entre os pescadores, dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatam que devido ao excesso de movimentos repetitivos, pausas irregulares e sobrecarga de atividades nos membros superiores, a pesca é reconhecidamente uma das atividades mais perigosas e coloca os pescadores em risco de morte sete vezes ao de outros setores industriais juntos, sendo os naufrágios, condições adversas do tempo e encontro com animais aquáticos perigosos as principais causas de acidentes registradas. Com a diminuição dos estoques pesqueiros e devido ao estresse provocado pelos baixos rendimentos, muitos pescadores tentam compensar a situação indo cada vez mais longe, permanecendo mais tempo nos locais de pesca e menosprezando as condições adversas do meio, permitindo, assim, o aumento do risco de ocorrência de acidentes, esses muitas das vezes graves ou até fatais.[43]

É notório que as dores neuromusculares e as doenças crônicas relacionam-se a uma série de situações de perigo a qual estão expostos esses trabalhadores. Situações adversas materializadas em dores nos pulsos, braços, juntas, ombros, costas, peito, coluna, câimbras ou dores pelo corpo em geral, podendo estar relacionado ao desconforto físico sentido pelos trabalhadores quando do desenvolvimento de suas atividades (figura 14). Outras queixas estão relacionadas a problemas de origem respiratória, como bronquites, pneumonias, gripes e resfriados, traduzidos por crises de tosse, falta de ar e obstrução nasal (DALL'OCA, 2004).

---

[43] GARRONE NETO, Domingos. et al. Causas de acidentes de trabalho ocorridos em pescadores profissionais artesanais do município de Araguacema-TO. Botucatu: Faculdade de Medicina, Universidade Paulista; 2002.

Figura 14: Riscos neuromusculares na prática pesqueira.
Fotografia: Antonio C. Souza, 2020.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

No inconsciente coletivo desses trabalhadores, as práticas corporais estão introjetadas:

> Arrumam a rede. Viajam. Aguardam o alvorecer. Cochilam um pouco, lançam a rede, trabalhando intensamente. Esperam, puxam a rede. Recolhem os peixes. Redam novamente. Aguardam. Puxam a rede. Recolhem os peixes. Regressam. Lavam a canoa. Consertam os trastes. Almoçam. Dormem. Frequentemente são obrigados a deixarem de pescar por dois ou três dias na semana, acarretando prejuízos nos rendimentos e aumentando as dívidas de fornecimento de gêneros para suas famílias no comércio local (LOUREIRO, 1985, p. 99).

No inconsciente coletivo desses trabalhadores só não se faz presente a percepção da alienação. Da alienação do trabalho dentro de uma relação humana com a natureza. Aquilo que para Marx caracteriza-se como uma relação orgânica a transcender o físico: a natureza como o “corpo inorgânico do homem”, onde

> a alienação é ao mesmo tempo a alienação da humanidade da sua própria atividade de trabalho e do seu papel ativo na transformação da natureza. Tal alienação, segundo Marx, “aliena o homem do seu próprio corpo, da natureza tal como ela existe fora dele, da sua essência espiritual, da sua essência *humana*”. Além disso, esta é sempre uma alienação social: “toda autoalienação do homem de si

> mesmo e da natureza está manifesta na relação que ele estabelece entre outros homens e ele mesmo e a natureza" (FOSTER, 2010, p. 108).

Vivem em um mundo com tantas incertezas, as águas ora como presságio de ameaça ora como prenúncio de vida. De fato, a cultura é um processo que um povo faz de si próprio. Pelos traços morais e éticos constroem suas estruturas coletivas e seu modo de agir. Vítimas de uma volubilidade que inunda um imaginário incerto e traiçoeiro, onde o vigor físico muitas vezes revela-se dispensável. Nessa telúrica realidade, o alumbramento pode emergir após horas e horas de bebida. A bebida é uma maneira de esquecerem a vida dura que levam (PENNER, 1984) porque após alguns anos de trabalho, acabam por se acostumar a tão agressiva condição de trabalho e existência (LOUREIRO, 1985).

Como braçadas de canoas vencendo distâncias perpassamos os eufemismos sem deixarmos de registrar uma evidência peremptória: a pobreza não foi superada com o desenvolvimento tecnológico. As implantações de modernas empresas pesqueiras mantiveram os rígidos níveis de exploração do trabalho, preconizadas desde o século passado. Só o fato de pescarem dentro da água já implica em alto risco de acidentes, o que se acresce ao enorme dispêndio de energia. Mesmo diante dos flagelos, sobra generosidade. A pobreza dos pescadores é tão grande quanto a solidariedade que os une (LOUREIRO, 1985). De forma holística "nas tradições populares, o corpo permanece sob a influência do universo que lhes dá energia" (LE BRETON, 2012).

3.3 O caráter social da corporeidade

Mesmo secundário, a primeira via de análise sobre o corpo definiu o homem como uma emanação do meio social e cultural. As pesquisas sociais indicaram a miséria física e moral das classes trabalhadoras, a insalubridade e a exiguidade das moradias, a vulnerabilidade às doenças, o recurso ao álcool, a prostituição frequentemente inevitável das mulheres, o aspecto miserável dos trabalhadores duramente explorados, a terrível condição das crianças obrigadas a trabalhar desde a mais tenra idade. Os estudos de Villermé e de Buret marcaram os espíritos e alimentaram aspirações revolucionárias ou reformadoras. Engels traçou, de forma análoga, um quadro da classe trabalhadora. Em o capital, Marx faz uma análise clássica da condição corporal do homem no trabalho. Esses estudos tiveram

objetivos mais urgentes que o de encontrar ferramentas suscetíveis de pensar o corpo de maneira metódica, no entanto contém a primeira condição para a abordagem sociológica do corpo. Corpo que, de fato, não é pensado somente do ponto de vista biológico, mas como uma forma moldada pela interação social.[44] De acordo com Le Breton, para esses autores era mais importante revelar a condição miserável da classe trabalhadora na emergente Revolução Industrial. O corpo, a relação física do trabalhador, estaria, de maneira involuntária, incontrolável e espezinhada representado na insalubridade de sua condição operária. Por fim, na análise do autor, "não existe ainda a vontade sistemática de conceituar este ou aquele aspecto da experiência corporal" (LE BRETON, 2012). No entanto:

> A fase que estamos atravessando atualmente é caracterizada por uma grande crise desse e de muitos outros modelos teóricos: quer dizer, difundiu-se a justificada consciência de que as visões do mundo com as quais nos orientamos no passado são insuficientes para explicar o presente a antecipar o futuro (DE MASI, 2000, p. 165).

A água tem múltiplos sentidos para o pescador. A sonoridade aquática é parte da sua existência social, chão do trabalho, de conhecimentos acumulados, de práticas simbólicas, de organização societária, lugar de confirmação da sua vida, de fruição das suas forças essenciais, vitais, entendidas subjetivamente e afirmadas objetivamente no seu trabalho (RAMALHO, 2011). É oportuno ressaltar que o corpo é implicitamente um fato de cultura. Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural (LE BRETON, 2012).

Essa concatenação, onde a condição corporal do homem no trabalho da pesca sobreleva o peso do viver, provoca-nos algumas reflexões estrepitantes sobre um elenco de fatores dessa atividade laboral. Para que essa compreensão seja eficaz, far-se-á necessário observarmos estudos congêneres. Nos argumentos de Garrone Neto et al. (2002) o que se percebe é que as lesões por animais do ambiente aquático são uma das principais causas imediatas de acidentes. Outras causas imediatas são os cortes com facas ou tesouras, as lesões provocadas por

[44] LE BRETON, David. A Sociologia do corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

anzóis, os acidentes com redes ou tarrafas, os traumas por barco a remo e as lesões por motor de barco. Complementa o mesmo autor que:

> No Brasil, estudos envolvendo comunidades pesqueiras tendem a enfocar os aspectos referentes ao cotidiano das atividades de pesca e as relações de gênero que se estabelecem nos domínios espaciais desse universo, sem, contudo, abordar de maneira mais ampla as interações entre os pescadores, a atividade laboral e o meio (GARRONE NETO et al. 2002, p. 13).

Somando-se à análise detectada, a importância transversal de Ramalho (2011, p. 341) aponta que:

> Cada vez mais na vida, o corpo do pescador torna-se menos preso ao plano unicamente biológico, mas sem nunca deixar de aboli-lo, e passa a ganhar conformidade sociocultural. Assim, o sentir, o olhar, a audição assumem características oriundas de determinações societárias e passam a significar categorias de manifestações de vida, de sociabilidades pesqueiras e de suas particularidades. Portanto, o metabolismo social deixa, ao longo da vida dos que pescam, de ser simplesmente um contato físico com o ambiente para se tornar conceitos e objetivações do existir humano. O corpo humaniza-se, saltando dos limites imediatos para conexões mais complexas, forjadas pela consciência, sem nunca negar o valor ontológico do trabalho (teleologia) no processo de socialização da vida pesqueira, e sem que a consciência jamais negue que se encontra vinculada ontologicamente aos sentidos humanos.

Dito de outra forma, trata-se de uma rotina sofrida e silenciosa (figura 15). As condições adversas da atividade mostram um pouco dessa situação de extrema periculosidade e de precariedade. São trabalhadores que podem ter agravos a sua saúde devido ao esforço excessivo, aos problemas posturais e aos movimentos repetitivos, ocasionando doenças neuromusculares, problemas no sistema respiratório, traduzidos por sinusite, pneumonia e tuberculose, entre outras doenças.[45] Paralelamente à palavra, os movimentos do corpo contribuem para a transmissão social do sentido, para a dimensão simbólica da condição humana (LE BRETON, 2012).

[45] ROSA, Márcia Ferreira Mendes; MATTOS, Ubirajara Aluizio de Oliveira. A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. Rio de Janeiro-RJ: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 15 supl. 1, 2010.

Figura 15: A condição corporal no trabalho da pesca.
Fotografia: Antonio C. Souza, 2020.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Nesse quadro temporal Foster (2010), resgatando os manuscritos de Engels, traz uma reflexão capaz de estabelecer um trânsito para a interface dialógica entre a corporeidade e a cultura ao elencar que

> quando os primatas, que eram os ancestrais dos seres humanos, desceram das árvores, a postura ereta foi a primeira a se desenvolver (antes da evolução do cérebro humano), liberando as mãos para o fabrico de artefatos (FOSTER, 2010, p. 281).

Materializava-se o aspecto tangível, aduzindo a uma série de argumentos, residido no fato de que:

> *A mão ficava livre* e a partir de então podia alcançar destreza e habilidade ainda maior, e a maior flexibilidade assim adquirida era herdada e crescia de geração em geração. Assim a mão não é apenas o órgão do trabalho, *é também o produto do trabalho*. Só pelo trabalho, pela adaptação e operações sempre novas, pela herança do consequente desenvolvimento especial de músculos, ligamentos e, ao longo de intervalos mais prolongados, também os ossos, e pelo sempre renovado emprego destes aperfeiçoamentos herdados em novas operações, cada vez mais complicadas, é que a mão alcançou o alto grau de perfeição que lhe permitiu criar os quadros de Rafael, as estátuas de Thorwaldsen, a música de Paganini (FOSTER, 2010, p. 281).

Percebemos o outro por meio da cultura. Dentro dos espaços de reprodução possíveis aos pescadores artesanais, dentro do limite da existência humana, com processos sociais consolidados, há a convergência para um ponto nodal porque:

> Os seres humanos, na tentativa de salvaguardar o equilíbrio entre si mesmos, o seu ambiente físico e o ambiente social, fazem as suas escolhas segundo uma ordem de prioridade e uma hierarquia de necessidades que tendem a ser comuns a todos os indivíduos que compartilham da mesma cultura e do mesmo contexto histórico-social (DE MASI, 2000, p. 202).

Nos simples atos do dia-a-dia, cada um de nós adota uma visão própria do mundo, em parte herdada do passado, em parte elaborada por outros, em parte construída por nossa conta (DE MASI, 2000). As agruras vividas, a morte vagueando esse aquático dia a dia, não importando ser enchente ou vazante.

A cheia chega como uma maldição, levando tudo, só deixando desassossego. O pirarucu caindo na mira do arpão assegurando o de comer por muitos dias. Mas agora, que fazer? As águas grandes escondem os peixes, malditas águas, que ora dão, ora tiram. A lembrança de Manaus surge sempre como um convite insistente, algo quase irresistível. Mas de que viver? Toma da agulha e resolve remendar a tarrafa. A água é o seu mundo e nem sabem viver longe dela. Os peixes andam vasqueiros, espalhados. Mesmo assim, o comer de cada dia ainda é possível (figura 16). As mãos, nesse gesto mecânico, pouco a pouco fecham os buracos da tarrafa. Ele, como um peixe, preso nas malhas de um destino (VASCONCELOS, 2000).

Cada tipo de pesca exige conhecimento das condições locais, habilidade considerável e muitas vezes trabalho árduo para retorno pequeno. O elemento do acaso desempenha um grande papel no resultado, mas, além dessa margem entre o sucesso e o fracasso, frequentemente não ser grande; um pequeno erro de julgamento ou habilidade, e o arremesso de uma rede, a montagem de uma armadilha ou a operação de uma linha são em vão. Eles são especialmente perceptíveis em formas de pesca cooperativa, como o manuseio de uma grande rede, onde um escorregão de um homem pode ameaçar o sucesso de toda a tripulação. Nesse trabalho, a direção dos negócios é comumente confiada a um especialista, muitas vezes com um título especial, que é capaz de combinar

conhecimento técnico e habilidade com algum conhecimento do procedimento ritual acreditado necessário para propiciar coragem e atrair peixes (FIRTH, 1975).[46]

Figura 16: A reprodução corporal de um modo de vida.
Fotografia: Antonio C. Souza, 2020.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Ambiguidades, sentimentos topofílicos, temores e a maneira filosófica de agir das pessoas forjam espaços e lugares no decurso de horas, ao longo do tempo ou em decorrência de outras motivações. Assim sendo, as perdas, as desilusões, o

[46] No original: Each type of fishing demands knowledge of local conditions, considerable skill, and often arduous work for small return. The element of chance plays a large part in the result, but over and above this margin between success and failure is frequently not great; a small error in judgement or skill, and the shooting of a net, the setting of a trap or the operation of a line is in vain. They are especially noticeable in forms of cooperative fishing such as the handling of a large net, where a slip by one man may threaten the success of the whole crew. In this work the direction of affairs is commonly entrusted to an expert, often given a special title, who is apt to combine techical knowledge and ability with some knowledge of the ritual procedure believed to be necessary in order to propitiate spirits and attract fish.

medo e as trevas podem transformar o lugar envolto em luz, paz e segurança em espaço da aventura, do desprezo e da ansiedade (MELLO, 2001). As “águas da morte” só revelam seu sentido profundo quando se conhece a estrutura do simbolismo aquático (ELIADE, 2018). Não há fim, só travessia. As respostas tendem a surgir no fim da travessia.

3.4 O corpo: implicitamente um fato de cultura

Onde haveria, nesse ambiente, lugar para a sobrenaturalidade? O ambiente foi dessacralizado. As confusas reminiscências ainda veem coisas que ninguém mais vê: o mundo dos encantados nas profundezas do rio, reino da iara e morada dos botos, com uma vida bem diferente daquela vivida lá em cima. Onde tudo é muito lindo e a vida uma eternidade de bonança (VASCONCELOS, 2000). Os encantados na cultura amazônica estão em todos os lugares, animados por uma força mágica são capazes de prodígios; antropomorfos estão sujeitos a estados divinos ou satânicos (PINTO, 2008).

Em conexão implicitamente alinhada à fábula de Orwell, conhecemos a história do corvo Moisés, que oposto ao trabalho narrava a respeito da *Montanha de Açúcar-Cande*, o lugar feliz onde os pobres animais descansariam “para sempre desta nossa vida de trabalho”. Ele afirmava

> ter estado lá, num dos seus vôos mais altos, e ter visto os infindos campos de trevo, os bolos de linhaça e o açúcar crescendo nas sebes. Muitos bichos acreditavam. A vida atualmente era só fome e trabalho, raciocinavam; não seria justo que lhes estivesse reservado um mundo melhor, mais além? (ORWELL, 2007, p. 94).

O messias profetiza o futuro que será, segundo o mito, o renascer de um passado primordial. Ele afirma que o milagre é a prova de que isso efetivamente ocorrerá. A lógica profética segue o tempo da espera e os indícios de um universo social em decadência, no qual os valores e as normas sociais perderam seu sentido existencial para aqueles que seguem o princípio da esperança, de um mundo que virá a ser, como no tempo primitivo da virtude e da bonança. O profeta regula a história ao anunciar o seu fim.[47] As paisagens se integram em uma percepção religiosa da natureza: o registro dos sentimentos situam-se no campo do sagrado e do profano, bem mais do que no campo da beleza ou do sublime (CLAVAL, 2001).

---

[47] LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. O que é imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Longe do condão, para nos humanizar e nos tornar mais conscientes, nesse lócus onde se dão as experiências relatadas, o pensamento e a ação estão mais prementes às predicações de Lévi-Strauss (1996) onde em um passado nem tão distante encontrou pessoas morrendo de malária, de leishmaniose, de anquilostomíase e, sobretudo, de fome. Expressou o antropólogo de forma testamentária:

> Antes de começar a trabalhar, a mulher pareci que eu contratara para me lavar a roupa exigia sabão e uma refeição também: sem o quê, explicava-me não teria força suficiente para trabalhar. E era verdade: essa gente perdera a capacidade de viver. Fracos demais e doentes demais para lutar, tratavam de reduzir sua atividade e suas necessidades, e buscavam um estado de torpor que requeria um mínimo de desgaste físico, ao mesmo tempo em que lhes atenuava a consciência de sua miséria (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 355).

Perspectivando as práticas corporais pesqueiras, direcionamo-nos a uma miríade de ocorrências possíveis encadeadas por razões conflituosas onde as formas de ser e de viver se perfilam em premissas que oscilam entre o empírico e o teorético. Para um aprofundamento no tema, as reverberações dentro de um propósito transversal cabem para indagações espaço-temporais, pois queiramos ou não,

> o corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados (LE BRETON, 2012, p. 28).

Nesse viés interrogante, dentro de um sentido possível, implícito ao corpo sempre estarão permeadas as características culturais, as crenças, seus valores, suas necessidades e perspectivas em busca de uma possibilidade concreta. Mais ainda: “paralelamente à palavra, os movimentos do corpo contribuem para a transmissão social do sentido” (LE BRETON, 2012).

No universo epistemológico da corporeidade os pensamentos fundantes de Le Breton (2012) trazem consigo as prospecções das práticas atinentes e não disjuntivas vivificadas dentro do viés amazônico. Em busca de interfaces dialógicas, na RDS Mamirauá, motivo central dessa tese, deparamo-nos com entroncamentos, pois, como podemos denotar em interpretações pouco amenas:

> O grande esforço físico nas atividades de agricultura, pesca, extração e tratamento de madeira, como também na lida doméstica, deixa suas marcas nos corpos desses trabalhadores da várzea. O ressecamento da pele devido à longa exposição ao sol sem proteção faz com que as pessoas aparentem mais idade do que realmente têm. Os homens mantêm o corpo musculoso até a velhice, e quase não existem obesos. As mulheres trazem as marcas dos vários períodos de gestação e amamentação. As mãos são calejadas pelos instrumentos de trabalho e os pés moldados pelo andar descalço na floresta e sobre os troncos flutuantes com notável equilíbrio (MOURA et al., 2016, p.60).

Um segundo tipo de efeito nas estratificações ocupacionais dos personagens subjetivados trás para o debate os seguintes pontos:

> Muitos moradores com mais de 40 anos queixam-se de dores nas costas e articulações, outros têm marcas de picadas de cobras na perna e de ferimentos com o terçado. A dentição é prejudicada desde a infância, devido ao consumo demasiado de carboidrato, contido principalmente na farinha de mandioca. As crianças sempre têm marcas de picadas de insetos (MOURA et al., 2016, p.60).

No mundo dos senhores dos rios e das florestas, onde a alegria verdadeira é questionável, há um horizonte problemático sintetizado de complexidades. São as lógicas sociais e culturais de um corpo que é

> a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico; por isso, a abordagem sociológica ou antropológica exige prudência particular e a necessidade de discernir com precisão a fronteira do objeto (LE BRETON, 2012, p.92).

Assim, ao agregar conteúdo no estudo desses territórios comunais vamos avançando em meio a sensações confusas (LÉVI-STRAUSS, 1996) onde nas histórias de vida dos moradores há sempre o registro de uma tentativa de vida na cidade. Em desígnios ambíguos: na várzea “sempre passando aperriado” e na cidade onde “pra tudo precisa ter dinheiro” (MOURA et al., 2016). A respeito, Santos (2004, p. 80) contribui ao colocar em questão a seguinte hipótese:

> A escolha do homem comum, em muitas das ações que empreende, é limitada. Frequentemente, o ator é apenas o veículo da ação, e não o seu verdadeiro motor. Mas é sempre por sua corporeidade que o homem participa do processo de ação. Essa categoria de corporeidade está ganhando espaço nas ciências do homem nesta fase da globalização. A geografia também começa a incorporá-la. [...] A corporeidade do homem é um instrumento da ação. Mas sempre é preciso levar em conta que o governo do corpo pelo homem é limitado, nos dias atuais, e que é lento o progresso na produção de normas legais para protegê-lo.

Essas narrativas biográficas de desarmonias qualitativas em rearranjos sociais e culturais, às vezes marginalizada, expõem as dicotomias deparadas nesse ambiente onde os idosos se mantêm ativos porque a maioria recebe aposentadoria rural, necessária para as cotizações entre os moradores da localidade. As crianças, muitas, acompanham os pais nas atividades produtivas. Os recém-nascidos têm a saúde fragilizada por falta de acompanhamento pré-natal; e nos meses seguintes, pelo risco de contrair diarréias, infecções respiratórias, que aumentam nos meses de cheia. Em todas as localidades há relatos de perdas de filhos por afogamento. A água para o consumo, em geral, é retirada diretamente dos rios. Paradoxalmente, as populações vivem em um ambiente de abundância de água, mas têm dificuldades de acesso à água potável (MOURA et al., 2016).

Enfermidades que acabam coabitando com o imaginário das águas, das crenças em um mundo sobrenatural, onde muitas vezes

> acredita-se que a malária seja devida à água dos rios. Evita-se, por isso, o banho no rio, especialmente nas horas quentes do dia, preferindo-se a água dos igarapés, considerada mais limpa e sadia. Uns mais, outros menos, têm conhecimento de uma variedade de remédios caseiros. Os métodos de aplicação constituem-se de "chás", banhos e defumações. Seguem-se as beberragens, banhos ou defumações. O tratamento obriga a um período de *resguardo*, em que se evita o consumo de determinados alimentos, banhos frios e o "sereno". Alguns alimentos são considerados *remosos*. As crianças, mais do que os adultos, são suscetíveis ao *quebranto*. Este é uma forma de mal-estar atribuída o mais das vezes a fatores de ordem não natural. De quatro a oito dias após o nascimento de uma criança, deve-se manter fechadas as janelas e portas da casa de modo a evitar o *quebranto*. Ele pode estar no ar, entrar com o vento. Acredita-se que o uso de colares feitos de dentes e ossos de animais possa evitar o *quebranto* nas crianças. Contudo, o único meio de cura é mandar benzer a criança por uma *rezadeira* ou *benzedora* (GALVÃO, 1955, pp. 118-21).

Deve-se compreender a maneira como as pessoas vivenciam a experiência do lugar onde vivem. O problema não é somente explicar por que a terra muda de acordo com os lugares. É compreender por que as pessoas associam aos mesmos lugares sentimentos, atitudes e humores diferentes (CLAVAL, 2001). O processo de construção de uma teoria sempre começa destacando-se, a partir da realidade percebida, a "caixa-preta" da escolha do estudioso. A seleção da caixa-preta determina de forma oblíqua quais variáveis se tornam, para o pesquisador, os "insumos" *(inputs)* e os "produtos" *(outputs)* do fenômeno investigado. Só eles ficam expostos à avaliação empírica e apenas eles exigem registro. O produtor da teoria

acaba com duas séries de dados registrados sobre a mesa; a tarefa consiste em construir um modelo que dê conta das relações descobertas entre “insumos” e “produtos” – em outras palavras, que apresentem os “produtos” como função dos “insumos” (BAUMAN, 2012).

Capítulo IV

A PROBLEMÁTICA TEÓRICA DO IMAGINÁRIO DA PESCA NA AMAZÔNIA

Agora suas cunhãs não casam com tembés.
Agora o peixe tem de ser comprado.
Agora a caça farta está minguando.
Agora o matoadentro faz-se outrora.[48]

4.1 O particularismo da pesca da piracatinga

A pesca da piracatinga por utilizar a carne de jacarés e de botos como isca caracteriza-se como uma atividade predatória. Aponta-se que a captura desse bagre já aconteça ao longo de todo o ano, com seu pico de atividade no mês de março (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014). Trata-se de uma pesca praticada através de formas tradicionais, equipamentos rudimentares e métodos de conservação que não possuem os cuidados higiênicos necessários (figura 17). Dessa forma, não seria peremptório afirmar que dentro dessas tipologias econômicas de produção a pesca da piracatinga encontra-se distinta ao que poderia ser considerado como uma pesca artesanal em virtude de seu comportamento atroz.

[48] PAES LOUREIRO, João de Jesus. Deslendário. Belém: Gráfica Falangola, 1981.

Figura 17: Apreensão e descarte, pelo Exército brasileiro, de 1,5 tonelada de piracatinga em estado de decomposição.
Fonte: Jornal Diário do Amazonas, 2019.
Organização: O autor, 2020.

Eis mais uma dicotomia.[49] Como uma pesca pode ser considerada artesanal e ao mesmo tempo predatória? Cabe aqui um adendo para diferenciar tecnicamente as tipologias inerentes entre a pesca artesanal e a pesca de subsistência. Parecem sinônimas, mas possuem características e fins distintos (figura 18).

[49] A primeira dicotomia (discutida no capítulo 2) refere-se à questão do conceito de sustentabilidade. Em poucas palavras, desenvolvimento sustentável procura integrar crescimento econômico e conservação ambiental. Contudo, é na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM) que se encontram os principais registros da problemática pesca da piracatinga com o uso de botos e jacarés transformados em iscas. O meio ambiente choca-se com escolhas pessoais. O homem sobrepõe-se à natureza para satisfazer suas necessidades internas.

Figura 18: A piracatinga, o boto, e a repercussão.
Fonte: Jornal Amazônia Real, 2015.
Organização: O autor, 2020.

De acordo com a Lei de Pesca,[50] pesca artesanal e pesca de subsistência apresentam naturezas sem qualquer semelhança. A Secretaria de Aquicultura e Pesca considera artesanal o tipo de pesca praticada de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios, utilizando embarcações de pequeno porte, onde o conhecimento é transmitido de pai para filho, ou pelas pessoas mais velhas e experientes da comunidade. Pode ter fins comerciais, desde que vise, primeiramente, o sustento familiar. Por sua vez, classifica-se como pesca de subsistência a pesca não comercial, praticada com fins de consumo doméstico ou escambo sem fins de lucro e utilizando petrechos previstos em legislação específica.

Dessa intricada e dicotômica situação surge uma questão maior: no estudo das relações sociais emanam interpretações discordantes que explicitam um conflito, e esse conflito, na verdade, não se encontra na ausência de justaposição entre pesca artesanal e pesca de subsistência, mas nas construções histórico-sociais que

[50] Lei Federal 11.959 de 29/06/2009, disponível no Site http://www.planalto.gov.br (abril de 2020).

levam os pescadores a uma prática insustentável dos recursos pesqueiros, em desarmonia com a preservação e a conservação do ambiente.

Apesar de estar inclusa na lista dos peixes mais desprezíveis da região amazônica, a atividade de pesca da piracatinga ampliou a sua abrangência geográfica devido à inserção dessa espécie na dinâmica econômica da região. No entanto, essa inserção não foi acompanhada de grandes investimentos e especialização nas técnicas de captura.

Os investimentos e esforços demandados partem basicamente dos pescadores que se aprimoraram nessa atividade. Pode-se afirmar que, os procedimentos e adaptações empregadas na captura da piracatinga trouxeram conjuntamente a ilegalidade do uso de jacarés e botos como isca. Cruz (2009) analisando essa ideologia da pesca, por grupos específicos de pescadores, apresenta uma análise diacrônica dos métodos empregados, que se inicia com a construção do “curral”:

> Armadilha usada para apanhar essa fera, denominada localmente de “curral”, é confeccionada de telas com o emprego de varas nas extremidades para dar sustentação. Em geral, possui 4 m de largura por 5 m de comprimento. A altura desse equipamento é calculada de acordo com as oscilações do nível do rio. No lado do curral voltado para jusante é feita uma abertura, chamada de “porta” permitindo que vários desses bagres possam entrar ao mesmo tempo (CRUZ, 2009, p. 276).

Outra contribuição importante na análise dos mecanismos ideológicos existentes na organização dessa pesca artesanal afirma que:

> A captura de piracatingas na região do médio Solimões é, de uma forma geral, realizada por meio de um dentre três métodos principais: utilizando-se um curral ou viveiro com porta; usando-se um curral ou viveiro simples, sem porta; ou simplesmente com o uso de uma canoa. Todas essas técnicas de pesca utilizam iscas como atrativo para facilitar a captura da piracatinga (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014, p. 21).

Nesses cercos fixos variam os materiais utilizados em suas confecções, desde o bambu até telas de arame e redes de náilon (figura 19). Esses estratos inovadores como método de captura extrapolam o universo descritivo e empírico e ganham densidade metodológica quando passamos a enfocar, sobretudo a questão da utilização de iscas de grandes animais mortos, de preferência aqueles com maior contingente de gordura, porque:

> Segundo os atuais pescadores de piracatinga, o sucesso da pesca está intimamente relacionado com a qualidade da isca. De acordo com eles, iscas com maior conteúdo de “banha” (gordura) são preferidas pela piracatinga. Outros fatores de relevância, segundo os pescadores, são o nível da água, o local de captura e a fase da lua na qual a pesca é realizada, uma vez que esta é uma atividade pesqueira essencialmente noturna (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014, p. 26).

Figura 19: “Curral” para captura de piracatinga.
Fonte: Cruz, 2007.
Organização: O autor, 2020.

Observa-se, ainda, nos aspectos das técnicas desta pesca, que após o confinamento a piracatinga é retirada e selecionada manualmente. Ficam as espécies de tamanho comercial mais vantajoso. Ignorando o risco que representa a captura manual

> o pescador se posiciona dentro d'água até os joelhos, com um pedaço da isca, geralmente uma cauda de jacaré, colocada entre as suas pernas. As piracatingas aproximam-se para alimentar-se da isca e são capturadas com a própria mão pelo pescador. Quando o pescador captura a piracatinga, ele a arremessa para dentro do curral, que tem uma capacidade de armazenamento de até três toneladas (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014, p. 41).

Em um contexto mais amplo, observa-se que as demandas do mercado reproduzem novos códigos de conduta e a emergência de uma nova divisão de trabalho para o processo de obtenção das iscas. Surge, nesse caráter simbólico de destruição e violência, uma nova categoria de produtores: o fornecedor de iscas. Um

trabalhador autônomo que evita se envolver na pesca, mas atua como caçador especializado em fornecer animais para os pescadores de piracatinga. O surgimento deste novo elo produtivo está associado à dificuldade da inserção destes caçadores em outras atividades produtivas, à demanda crescente de iscas – sobretudo na época da cheia, quando jacarés e botos se dispersam pelo ambiente - e à garantia de um retorno econômico rápido (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014).

Na semiótica dessa pescaria há a predominância do uso de iscas de jacaré-açu, pelo fato dessa espécie estar disponível o ano todo. Contudo, mesmo com a dificuldade de captura, há uma clara predileção pelos botos, devido ao seu tamanho e quantidade de gordura.[51]

Atividades persistentes e ilegais enraizadas em processos sociais desarmônicos no interior da Amazônia perpassam a complexidade dos sistemas técnicos das malhadeiras, das canoas e dos currais e, descambam para a compreensão de sistemas sociais e simbólicos das pessoas que protagonizam essa pesca e daí extraem a sua subsistência. Na sociedade dos pescadores o corpo fala em comportamentos gestuais. E nessa linha segue o ponto de vista de Ramos et al. (2009, p. 143) ao comentar que:

> O melhor manuseio e eficácia do apetrecho de pesca requer o desenvolvimento da técnica corporal adequada, o que geralmente pode acontecer antes ou depois da fabricação destes instrumentos. Ao usarem utensílios como arpão, o arco e a flecha, a zagaia, a tarrafa e as malhadeiras, já pensaram no ato de sua confecção, nos detalhes de apoio que ficam encaixados ao corpo – no ombro e nos braços – e que otimiza o manuseio no ato da pescaria. Após a fabricação dos utensílios, os ajustes são realizados no dia-a-dia conforme a percepção do pescador, seja do peixe ou dos ambientes onde está pescando. O sucesso da captura do peixe depende da facilidade e da praticidade do movimento do corpo.

Traçando um paralelo, a vida no rio, na pesca, de modo geral, não é muito diferente dos trabalhadores de outras categorias que tiram o seu sustento em atividades braçais, árduas e insalubres ao manusear cargas acima dos níveis

---

[51] Literaturas consultadas sugerem que no fornecimento de iscas de jacarés, são praticadas tabelas de preços, sendo que em 2013 os valores variavam de R$ 10,00 para jacarés de 1,5 m a até R$ 200,00 para jacarés de 4 m. Botos encontrados ou mortos em redes de pesca são aproveitados ou cedidos para a pesca da piracatinga, sendo uma prática comum entre os pescadores. Não há registros recentes de comercialização de botos vermelhos para serem usados como iscas, mas, segundo alguns atravessadores e compradores de peixes, em 2011 o preço do boto-vermelho variou de R$ 100,00 a R$ 300,00, de acordo com o local de captura e o tamanho do animal (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014).

ergonomicamente recomendáveis, dentro daquilo que o ser humano poderia suportar na fisiologia do trabalho, ocasionando danos crônicos e agudos à saúde osteomuscular. Todavia, a vida do pescador apresenta uma série de implicações, de particularismos, socialmente instável e imprevisível, marcada pela instabilidade contínua provocada por fatores meteorológicos, pela variação e migração das espécies, seus padrões de reprodução e migração (figura 20). Temores, medos, acidentes e naufrágios, flutuação dos preços e pela extrema perecibilidade do pescado (DIEGUES, 1999).

Figura 20: Atividades braçais, árduas e insalubres.
Fotografia: Antonio C. Souza, 2020.
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.
Organização: O autor, 2020.

Berman (1986) nos lembra que o problema do capitalismo aqui ou em qualquer parte é que ele destrói as possibilidades humanas por ele criadas. Força o autodesenvolvimento de todos, mas as pessoas só podem desenvolver-se de maneira restrita e distorcida. “As disponibilidades, impulsos e talentos que o mercado pode aproveitar são pressionados na direção do desenvolvimento e sugados até a exaustão”. Tudo o mais que não é atraente para o mercado é reprimido de maneira drástica, ou se deteriora por falta de uso, ou nunca tem uma

chance real de se manifestar. Um dos resultados, como destaca Abramovay (2012, p. 138) é que:

> Os laços comunitários perdem seu atributo de condição básica para a reprodução material. Os códigos sociais partilhados não possuem mais as determinações locais, por onde a conduta dos indivíduos se pautava pelas relações de pessoa a pessoa. Da mesma forma, a inserção do agricultor na divisão do trabalho corresponde à maneira universal como os indivíduos se socializam na sociedade burguesa: a competição e a eficácia convertem-se em normas e condições da reprodução social.

O corpo é o espaço do diálogo, criando na pesca uma transversalidade onde a linguagem mais florescente passa a ser a do uso corporal. Tal cosmologia é assim resumida por Ramalho (2011, p. 331):

> No trabalho da pesca, os momentos inaugurais de sua pedagogia apóiam-se na feitura de pequenos esforços físicos e cognitivos, tão necessários e intrínsecos à formação dos pescadores, fato que se repete a cada geração na constituição do saber sensível pesqueiro. Desta feita, os corpos e o sentir dos sentidos dos pescadores são lapidados pelo toque das vogas, do sol, da brisa, da visão dos cardumes, na pesca e despesca e, principalmente, no conviver social cotidiano.

O corpo na pesca trás um conjunto de dados sociocognitivos permeados por uma ontologia e genealogia que só se explicam através de complexos contextos de relações interativas entre pessoa-ambiente. Ao largo das mudanças técnicas persiste um sofrimento psíquico, face à incerteza no futuro. As marcas do tempo trazem consigo as doenças. O rosto envelhecido e cansado pelas brutalidades impostas ao corpo personificam o “elo perdido” de uma pré-Amazônia.[52] Isso porque, no qualitativo,

> A vida do pescador apresenta uma série de implicações: o trabalho arriscado, a deficiência alimentar, as doenças a que estão sujeitos. Quanto ao trabalho arriscado, sendo a atividade pesqueira artesanal desenvolvida em nível técnico bem baixo, expõe o pescador a inúmeros riscos que o colocam em situação de permanente insegurança. Embora sejam apontados como causa principal dos

[52] Fundamento compreensivo defendido nas *Três Amazônias* de Djalma Batista. Para o autor a “primeira”, das metrópoles, Belém e Manaus. Para a qual convergem navios, aviões, visitantes e imigrantes, além das rendas e da produção de extensas áreas. A “segunda” é a das cidades do interior, tanto as que se encontram em fase de desenvolvimento ou são sedes municipais, muitas delas apenas com o rótulo de cidades, onde o povo em geral não tem condições econômicas para custear o fornecimento de água encanada, luz ou telefone. Assistência médica restrita, educação ainda muito a desejar. A “terceira” é a grande área onde vivem os extrativistas, agricultores, pescadores e garimpeiros: são os habitantes das vilas, povoados, aldeias, sítios, seringais e castanhais. Uma massa imensa, em completa desagregação social, vivendo em condições subumanas (BATISTA, 2007, p. 111).

> acidentes de trabalho na pesca artesanal os fenômenos naturais, estes fatos devem ser aliados à qualidade dos equipamentos e aos perigos da profissão (PENNER, 1984, p. 141).

Métodos de produção que expõem os trabalhadores em situações de risco, desigualdade, pobreza, fome, má distribuição de renda, precários índices de qualidade de vida e condições subumanas se perpetuam na Amazônia, não pelo seu gigantismo, mas devido às políticas públicas ineficazes e a inapetência governamental. Estudos sociais em diferentes lugares da região detectam eventos análogos. Afirmações condizentes, por exemplo, foram registradas por Vanda Pantoja na Amazônia Marajoara:

> Nunca me esquecerei da emoção e da tristeza que senti ao navegar pela primeira vez o grande Amazonas. Do alto do navio vi crianças, em peripécias perigosas, atracando com cabos e cordas suas canoas aos navios, não eram crianças como as que estamos acostumados a ver nas cidades, eram adultos em corpos de crianças. A justificativa para tal "peripécia" era a possibilidade da realização do "escambo" com a tripulação e passageiros do navio. Trocando frutas por comida, por roupas usadas, por biscoito recheado...por qualquer coisa, essas crianças e mulheres levam a vida. Quer ver uma criança feliz dê a ela um biscoito recheado, nessas horas podemos reconhecer nela traços da infância tal qual concebemos. Mulheres grávidas de olhos fundos e tristes, aguardando ao fundo do navio as sobras do almoço da tripulação, desse resto se alimentará uma família inteira. Meninas-mulheres, arrumadas e cheirando à água de colônia, a espera de um olhar masculino, um convite talvez, para uma "visita" a um dos camarotes do navio. Depois de todas as trocas realizadas, as canoas são soltas do navio e literalmente mulheres e crianças são levadas pela maré (PANTOJA, 2011, p. 24).

Nesse sentido, bem que poderíamos repetir: tudo no Amazonas é grande, menos o homem. O Amazonas permanece ainda bastante indígena e pobre. Deu a São Paulo o café que lhe fez a fortuna. E à Bahia o cacau que hoje é a solidez de seu crédito econômico. Presente ao nosso destino é o ciclo da Farinha de Mandioca, de economia precária. É o ouro que robustece a prosperidade do Brasil sem estabilizar a Amazônia, em sua economia extrativista, de períodos limitados à domesticidade dos repiquetes. É o nítido perfil de nosso caboclo marcadamente heróico no desbravamento da selva selvagem, onde duela com a natureza como

obscuro lidador no que lhe dá, sem nenhuma badalação ciclópica, em esforço, sofrimento, tenacidade e rigidez.[53]

Nesse sistema de montagens simbólicas aonde se ganha o sustento de cada dia na força e coragem, vem-nos à mente aquela lembrança herdada dos nossos bisavós, talvez o fantasma bíblico do cansaço como castigo inevitável para expiar o pecado original (DE MASI, 2000) porque

> o desperdício de tempo é, portanto, o primeiro e o mais mortal dos pecados. A duração da vida é infinitamente curta e preciosa para se assegurar a certeza da eleição de alguém. Perda de tempo com sociabilidade, com conversas alheias, luxúria, e mesmo dormir mais do que o necessário para a saúde, de seis a, no máximo, oito horas, é digno de absoluta condenação moral (WEBER, 2013, p. 239).

4.2 O imaginário da pesca e a problemática teórica

Repertoriar a morfologia da pesca na Amazônia, repertoriar os sujeitos pesquisados, mesmo que desconstruções sejam emanadas, tornam-se congruentes em si mesmos, pois nas ciências sociais a inflexão é importante para além de um sistema constituído. Às vezes chega-se a muita participação e a pouco conhecimento (THIOLLENT, 1988). O foco narrativo pode ter uma visão fragmentada, distorcida e destrutiva.

Eduardo Galvão (1955) foi o ponto de partida. Desse engendramento deu-se início às interpretações das influências advindas de “forças desagregadoras” que fez surgir “uma forma local de catolicismo, a que estavam integradas ou fundidas algumas crenças ameríndias” (p. 183). Dos centros urbanos vieram as influências mais acentuadas sobre o meio rural. A antiga forma de catolicismo, “que se desenvolvera e se estabilizara no período anterior, foi modificada pela influência de cultos afro-brasileiros, do Protestantismo e das várias formas de espiritismo” (p. 184).

Nessa estrutura epistêmica, do imaginário da pesca, do boto-lenda ao boto-isca, cautos estamos que não temos o poder de resolver o problema detectado. Contudo, de forma concreta, para um ponto de chegada, a partir da situação em análise, cabe-nos, no mínimo, esclarecer a fim de uma tomada de sensibilização, propondo “soluções quando for possível e acompanhar ações correspondentes, ou,

---

[53] MENDONÇA DE SOUSA, João. O Grande Amazonas: mitologia, história e sociologia. Manaus: Coleção Documentos Amazônicos, 2000.

pelos menos, fazer progredir a consciência dos participantes no que diz respeito à existência de soluções e de obstáculos" (THIOLLENT, 1988).

Aqui está o desafio de nos aproximarmos de um adequado embasamento metodológico, estruturalmente determinado, a fim de interpretarmos a morfologia e a tipologia da pesca. Pois, quando adentram as teorias e as hipóteses, adentram, também, os questionamentos: Quem está pesquisando a Amazônia e a pesca na Amazônia? Esses pesquisadores disporiam da expertise das humanidades em suas estratégias de conhecimento? Do mesmo modo, não faria sentido examinarmos as tendências de diálogo entre as ciências da natureza e as ciências da sociedade e não identificarmos nessas antíteses àquelas que mais se aproximam dessa preocupação, bem como possíveis bifurcações em desacordo com as aspirações científicas.

Aquilo que o observador reúne do observado pode não estar, na sua gênese, independente da sua formação, de suas experiências anteriores, dos "mergulhos" nas situações investigadas (THIOLLENT, 1988). Isso posto, Lévi-Strauss (1996) fixa uma reflexão acerca das interfaces dialógicas e dos modelos didáticos adotados nas estratégias de conhecimento e, do papel do pesquisador em diferentes situações ao pronunciar-se a respeito de uma publicação, de um colega estrangeiro, relatando o encontro com os Nambiquara, grupo indígena cuja existência o antropólogo francês já convivia dez anos antes de sua visita:

> De todos os índios que vi no Mato Grosso, esse bando reunia os mais miseráveis. Dos oito homens, um era sifilítico, outro tinha um flanco infeccionado, um terceiro, uma ferida no pé, outro ainda estava coberto de alto a baixo por uma doença de pele escamosa, e havia também um surdo-mudo. Como não utilizam a rede e dormem direto no chão, estão sempre cobertos de terra. Quando as noites são frias, dispersam o fogo e dormem sobre as cinzas quentes. Usam roupa só quando os missionários lhes dão e exigem que as ponham. Sua aversão pelo banho possibilita não apenas a formação de uma crosta de poeira e cinza sobre sua pele e seu cabelo; também estão cobertos de nacos podres de carne e de peixe que somam seu cheiro ao suor azedo, tornando sua proximidade repelente. Parecem infectados por parasitas intestinais, pois têm o estômago dilatado e não param de soltar gases. Os Nambiquara são rabugentos e mal-educados, chegando à grosseria. Não é necessário ficar muito tempo com os Nambiquara para tomar consciência de seus sentimentos profundos de ódio, de desconfiança e de desespero que suscitam no observador um estado de depressão do

> qual a simpatia não está completamente excluída[54] (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 276).

"Quanto a mim", transpõe Lévi-Strauss, em seu recorte operacional, "gostaria de esquecer essa descrição deplorável e guardar na memória apenas este quadro tirado de meus blocos de anotações":

> No cerrado escuro brilham as fogueiras do acampamento. Em torno do fogo, única proteção contra o frio que baixa, atrás do frágil biombo de palmas e de galhos apressadamente fincado no chão do lado de onde se teme o vento ou a chuva; junto dos cestos cheios de pobres objetos que constituem toda uma riqueza terrestre; deitados direto sobre a terra que se estende ao redor, frequentada por outros bandos também hostis e amedrontados, os esposos, enlaçados estreitamente, vêem-se como sendo um para o outro o apoio, o reconforto, o único recurso contra as dificuldades cotidianas e a melancolia sonhadora que, de vez em quando, invade a alma nambiquara. O visitante que, pela primeira vez, acampa no mato com os índios, sente-se tomado de angústia e de pena diante do espetáculo dessa humanidade tão completamente desvalida; esmagada, ao que parece, contra o solo de uma terra hostil por algum implacável cataclismo; nua, tiritante junto das fogueiras vacilantes. Mas essa miséria é animada por cochichos e risos. Os casais abraçam-se como nostálgicos de uma unidade perdida; as carícias não são interrompidas à passagem do estrangeiro. Pressentimos em todos uma imensa gentileza, uma profunda despreocupação, uma ingênua e encantadora satisfação animal, e, reunindo esses sentimentos diversos, algo como a expressão mais comovente e mais verídica da ternura humana (LÉVI-STRAUSS, 1996, pp. 276-77).

A intenção do pesquisador é extrair sentido dos significados que os outros atribuem ao mundo porque os significados são construídos pelos seres humanos quando eles se engajam no mundo que estão interpretando. Dessa forma, os seres humanos se engajam em seu mundo e extraem sentido dele baseados em suas perspectivas históricas e sociais, pois todos nós nascemos em um mundo de significado que nos é conferido por nossa cultura (CRESWELL, 2010). Eis o desafio da pesquisa, em constante reatualização, onde aquilo que é tangível possui quadros referenciais aduzindo uma série de argumentos. Como se pode observar, a polissemia do conhecimento pode trazer uma significância positiva, ou não. Há duplos intentos na triangulação das fontes de dados. Logo, deve-se ter o cuidado com a intersubjetividade, com o modo próprio de pensar ou enxergar o outro.

---

[54] K. Oberg, *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil,* Washington, DC. Smithsonian Institution, Institute of Social Antropology, publ. nº 15, 1953, pp. 84-5.

A pauta da pesquisa propriamente dita inclina-se a dialogar com a problemática teórica do imaginário da pesca, examinando as tendências, exercitando a interdisciplinaridade ao conviver com outras formas de organizações científicas. Essas intervenções aduzem novas perguntas, novos desdobramentos, novas interlocuções, e, especialmente, novas formas de conhecimento que podem colaborar com a compreensão da formação da *intelligentsia* regional. Nessa direção é importante analisar as anotações de Marilina Pinto, ao destacar que:

> A aura mítica envolve o cenário desse imenso mundo aquático que é a Amazônia e formam a constelação mental do grupo humano que aí habita. O universo aquático da Amazônia e todos os seres encantados ilustram a imensa vastidão de imagens, incorporadas e legitimadas por configurações culturais diversas, em que o homem se encontra mergulhado desde os tempos arcaicos, pois a função simbolizante visa dotar todos os seres, com o acréscimo de sentidos múltiplos. O caráter dessa função implica a impossibilidade humana de se satisfazer conferindo, ao mundo e às coisas, a apropriação unívoca de significados (2008, p. 06).

Os propósitos exploratórios mistos, na expansão dos achados, deparam-se com amplos modelos de análise, de relações sociais aperfeiçoáveis, onde o pesquisador procura estabelecer o significado de um fenômeno a partir dos pontos de vistas dos participantes (CRESWELL, 2010). Nesses esquemas explicativos, do ponto de vista etnográfico, a biologia e ecologia do boto podem, qualitativamente, ser comparadas em quadros distintos, com variedades e nuanças, mas correlatos. A esse respeito, Paschoal (2010) apresenta um esquema comparativo entre a descrição dos ribeirinhos e as definições da literatura científica sobre a dinâmica comportamental dos cetáceos fluviais da Amazônia, o qual transcrevemos abaixo em resumo:

Tabela 2 – Quadro comparativo da morfologia do boto na Amazônia

	Conhecimento Tradicional	Conhecimento Científico
Existem quantos tipos de boto?	*"Só o tucuxi e o vermelho. Só os dois. Que eu saiba é."*	"Dois tipos de golfinhos fluviais habitam a Amazônia: a espécie obrigatoriamente de água doce, *Inia geoffrensis*, e a espécie facultativa de água doce, *Sotalia fluviatilis*." (LEATHERWOOD; REEVES, 1997).
Onde o boto-vermelho vive?	*"Quando tá cheio eles vão pro igarapé, às vezes seca e eles ficam no poço. Quando enche, eles começam a andar no rio. No baixo, eles encalham. Assim num tempo desse (seca), lá em cima no igarapé, pode ir que num vê não, agora quando tá cheio eles vão embora."*	"Durante a estação seca, os golfinhos estão concentrados ao longo dos canais de rios, enquanto que durante a estação inundada, habitam igapós e áreas de várzea." (MARTIN; SILVA, 2003).
O boto-vermelho vive sozinho ou em grupo?	*"Até duvido boto-vermelho andar só de um. Anda não. Tucuxi é do mermo jeito, anda de cardume, bando. O vermelho quando cê vê bóia um, num demora, bóia dois, três."*	"O boto é predominantemente solitário. Também é observado em pares, ou em pequenos grupos de dois a três indivíduos. Grandes grupos não são comuns, embora existam vários relatos sobre animais temporariamente agregados em baías e em curvas de rios e de canais, em embocaduras de tributários, e em volta de barcos ancorados" (SILVA, 2008).
Qual o tamanho do boto-vermelho?	*"Rapaiz tem deles que dá quase três metros. Dois e meio por aí dá. Pesa muito."*	"O boto é o maior golfinho de rio, com macho atingindo comprimento máximo de 255 cm e 185 kg e fêmeas 215 cm e 150 kg." (SILVA, 2008).
O boto-vermelho respira?	*"Esse esturro é pra respirar. É que nem o peixe-boi, ele enche o pulmão e depois ele desce. Aquele buraco é o nariz dele."*	"A fenda respiratória é côncava em direção à caudal" (BEST; SILVA, 1989).
Comportamento reprodutivo, gestação e número de filhotes do boto-vermelho.	*"Dá pra diferenciá o boto da bota sim, porque a bota quando ela tá com o filho ela não abandona o filho não; o filho bóia perto dela, acompanha ela todo o tempo. Carrega o filho na barriga. Ele mama, é que nem o peixe-boi mermo. Num sei quanto tempo ele fica na barriga."*	"A gestação dura de 10 a 11 meses e filhote nasce com aproximadamente 79.4 +/- 3 cm. A lactação pode durar mais que um ano" (BEST; SILVA, 1989).
Alimentação e interação do boto vermelho com a pesca	*"O boto é uma peste, com certeza. Porque rasga a malhadeira, come o peixe da malhadeira e bagunça tudo. O vermelho é o que arromba a malhadeira. Eu acho que come só peixe. Tendo peixe ele come toda hora, num tem hora não."*	"O boto é ativo dia e noite. Alimenta-se de mais de 43 espécies de peixes pertencentes a 19 famílias." (SILVA, 2008).

Fonte: Paschoal, 2010 (adaptado)
Organização: O autor, 2020.

Colocar-se nesse ambiente interdisciplinar levá-nos num sentido em que o tema pesquisado resume-se em uma problemática que trabalha a mudança cultural em vários nexos. A problemática nessa mudança supõe que há um módulo religioso, talvez com princípios calvinistas.[55] Dessa forma, os objetos em questão perpassam o boto e a piracatinga. Sendo, na verdade, a cultura e a sociedade na Amazônia. Primeiramente há de reportarmo-nos à mudança cultural, para em seguida guiarmos o foco à economia contemporânea da pesca.

Temos a suposição de que há uma relação entre religião e economia. Algo afim às suposições de Max Weber. Assim, chega-se ao terceiro nível da problematização estudada: o imaginário amazônico e as dinâmicas culturais da tradição e da modernidade da pesca nesse complexo cultural. Aportando, dessa forma, a três níveis de inteligibilidade (1) A problemática da mudança cultural; (2) o foco na economia contemporânea da pesca e, (3) o imaginário amazônico da tradição e da modernidade, nesse complexo cultural da pesca.

Desse modo, emanam as lacunas: o imaginário está mudando ao ponto da tradição desaparecer motivado por quais motivos? Max Weber caracteriza o impacto do ethos protestante e, depois o habitus, com o propósito de denotar os aspectos fundamentais da racionalização e da modernização. Provindo, assim, a primeira especificidade do racionalismo econômico.

Entrementes, a economia tradicional quando se depara com a economia moderna do mercado pesqueiro da Colômbia sacrifica um elemento mítico e mágico do imaginário para utilizá-lo na pesca da piracatinga. Aquilo que soa como uma irracionalidade, na verdade, transforma-se em outra especificidade do capitalismo. A especificidade do racionalismo ocidental passa a predominar sobre o elemento da tradição, do carisma, e passa a impor outra racionalidade que tem a ver com a lógica econômica.

---

[55] É evidente que mais do que colocar questões, uma tese tem que oferecer respostas. Calvino o filósofo pré-cartesiano, teve uma profunda influência na pedagogia protestante. O protestantismo impactou a fé de grande parte do continente europeu. Na Suíça, sobretudo, sob a égide de Calvino, e seu sistema de pensamento, a reorganização da igreja “de acordo com a palavra de Deus” passou a julgar os comportamentos individuais onde a pena máxima seria a excomunhão. Àqueles que proclamavam a proteção da Virgem Maria eram excomungados. Os católicos, de modo geral, eram expulsos de Genebra, ou executados. Logo, práticas de magia, crenças e superstições eram sumariamente tratadas como idolatria. O cuidado religioso e a censura moral se estreitaram. Feitas estas observações, a ruptura com a Igreja Católica da época, trás à tona a discussão sobre a teologia calvinista no que se refere também a outros aspectos da vida, como a relação do trabalho com a divindade. O labor humano, penoso, cansativo, passa a ser interpretado como uma bênção de Deus. O trabalho tem um propósito eticamente bom e benigno para a vida.

A segunda questão é o amoldamento dessa racionalidade ao estilo de vida das pessoas. O estilo de vida da tradição, a antiga imaginação, as crenças e magias vão desaparecer nessa racionalidade para dar lugar a uma lógica mais objetiva, uma lógica de causa e efeito, de fins e de meios, não mais evocando os materiais que *in illo tempore* povoavam o imaginário.[56] Novas trocas são entrelaçadas. Os pactos coletivos do passado são enjeitados, bem como as representações coletivas. Molda-se um novo ethos a partir de um novo estilo de vida. Essa é a segunda característica da racionalidade da mudança protestante sobre a católica, impondo um (novo) estar ambivalente.

A terceira característica, consternadora, porém, inevitável, é a recrudescente tensão nesse processo de mudança entre a racionalidade e a irracionalidade. Mata-se o boto, mas ele continua assombrando o domínio da imaginação. A magia não desaparece na sua totalidade, porque é ubíqua. Esta tensão da racionalidade do mercado, da lógica capitalista, da construção de uma nova economia vai conviver no mesmo quadro do imaginário, trazendo, de um lado, mudanças de práxis as novas gerações e, de outro, desafio e sofrimento.

Rios, matas e igarapés habitados por seres invisíveis fazem parte do imaginário amazônico. Seres *encantados* que dão às pessoas escolhidas o atributo de se tornarem curadores e rezadores, com a finalidade de ajudar os vivos. No dizer de Soares (2013), garantindo uma proteção contra adversidades em suas vidas, "como doença, feitiçaria, inveja, prescrever remédio fitoterápico a tomar, entre outros. Essas pessoas depois de mortas assumem outra forma de existência, mas em outros planos, assumindo um poder sobre o mundo dos vivos" (p. 17). Além disso, as observações da autora são pertinentes para pensar os processos e significados dessa representação:

> O mundo dos encantados constitui um lugar que fica situado no rio ou embaixo do rio, na mata ou ainda no ar, sendo chamado de encante, existindo vários locais desse mundo. Segundo dizem, a pessoa que morre, pode "ser encantada", levando uma vida muito parecida com a que tinha quando viva na Terra, possuindo família

[56] É o que permite as afirmações transcritas de Thomas (2010, p. 191) de que "O início do período moderno estava repleto de elos perdidos, meio-homens, meio-animais. Os homens selvagens que supostamente rondavam as florestas da Europa medieval, levando uma vida de bestial autossatisfação, não tinham sido esquecidos, mas sobreviveram na escultura, na gravura, na iconografia e na heráldica, bem como na ficção popular. [...] Também se acreditava, e muito, que pudessem nascer filhos da união sexual entre homem e animal. Alguns achavam que o resultado seria ou humano ou animal, mas a maioria entendia que o produto seria um híbrido".

> (marido, esposa e filhos). Também lá no encante tem casas, hospital, animais, festas e igreja católica. Dependendo do lugar do encante, os *encantados* assumem aspectos/formas diversas. Assim, se vão para a beira do rio, assumem a "capa" de cobra coral, sereia, boto, entre outras, podendo ir para qualquer lugar da Terra. Já os seres *encantados* da mata, podem assumir a forma de macaco, paca, onça, cobra, entre outros animais. Dos seres *encantados* do ar, a forma pode ser de uma "sombra", também podendo utilizar o corpo de um animal ou pessoa. Desse modo, os seres míticos e de natureza humana ou animal podem servir de objeto de encantamento, animados por forças sobrenaturais (2013, p. 42).

Na etnografia dessa prática, sejam almas ou encantados, o mundo invisível dos mortos, e seu elo, é explicado pela existência de uma cidade no fundo do rio. É o território de confluência que as pessoas imaginam, formado pela vida na superfície da terra e pelos encantes (seja do rio, do mato ou do ar). Esse espaço-tempo imaginário é produzido por meio de um conjunto de crenças, mitos e símbolos compartilhados entre os *curadores* e demais pessoas que praticam o curandeirismo. A prática do curandeirismo produz um vínculo entre diferentes pessoas e grupos dessa região, criando uma rede social entre elas, principalmente em torno de um *curador* (SOARES, 2013). Porém, essa representação simbólica, essa ordem (territorial) subjetiva e imaginada pode, pouco a pouco, estar sendo corrompida por novos arranjos espaciais.

A fronteira entre os vivos e os mortos é perpassada e esse *mundo submerso,* verdadeiro reino encantado no fundo do rio, representado por uma cidade maravilhosa com pedras preciosas, ouro, prata, fartura de alimentos, médicos e hospitais, incorre ao desaparecimento, a um "desmonte", porque a mudança rural é multidimensional, incorporando na esfera de circulação forças socioeconômicas, onde a gestão produtiva, ao especializar as técnicas de captura intensiva na pesca, transforma substancialmente essa paisagem submergida. Isso se deve, sobretudo, ao arbítrio do privado que na demanda pelo pescado vai em busca de novas áreas. Do espaço ao território, do território à territorialidade. Não necessariamente nessa ordem, porque território é jurídico, mas territorialidade é cultura. Assinalando essa passagem, No dizer de Bauman (2012, p.293):

> A cultura é uma adaptação à realidade dura, inflexível, que só pode se tornar utilizável caso adaptada. As repetitivas declarações sobre a natureza "criativa" dessa adaptação soarão falsas enquanto paradigma seminal da realidade transcendental, suprema e esmagadora, permanecer inquestionado. A criatividade resume-se à

> adequação, à habilidade e destreza exibidas por pessoas astuciosas ao transformar um ambiente inóspito em benefício próprio.

Mudança sintomática destacada no trabalho de Cruz (2007) relaciona a procura desenfreada pelo peixe liso às mudanças na forma de uso do ambiente aquático. Áreas onde a pesca do peixe liso era considerada não apropriada pela existência de muitos "paus" no fundo do rio, ou seja, raízes, galhos e, principalmente, troncos de grandes árvores que dificultavam a atividade, pois as redes engatavam, passaram por um processo de "limpeza" com o uso de cabos de aço operados por barcos com motores a diesel (figura 21). Dependendo da quantidade de troncos e galhos existentes levam-se de cinco a sete dias, de um calendário civil, para a limpeza total. Cinco a sete dias para se colocar em xeque a existência de um *Éden embaixo d'água*, para a construção/reconstrução de um imaginário herdado do passado, para a transposição de um espaço virtual que os crédulos receberam por tradição. Chama a atenção que essa nova organização recebe o apoio dos frigoríficos, que cedem os barcos para a limpeza da porção de água trabalhada por flutuantes atrelados a essas empresas de pesca. É o prelúdio da mudança, com efeitos disruptivos.[57] No dizer de Berman, "tudo o que é sólido", na vida moderna, "desmancha no ar" porque:

> O dinamismo inato da economia moderna e da cultura que nasce dessa economia aniquila tudo aquilo que cria — ambientes físicos, instituições sociais, ideias metafísicas, visões artísticas, valores morais — a fim de criar mais, de continuar infindavelmente criando o mundo de outra forma. Esse impulso atrai para sua órbita todos os homens e mulheres modernos e nos força a enfrentar a questão do que é essencial, significativo, real no torvelinho dentro do qual vivemos e nos movimentamos (BERMAN, 1986, p. 273).

Acabou-se a ilusão? Nessa situação paradoxal, com dimensões teóricas, metodológicas e epistemológicas não exitaremos a recorrer a Lévi-Strauss (1987), que resume: "Creio que há certas coisas que perdemos e que devíamos fazer um esforço para as conquistar de novo, porque não estou seguro de que, no tipo de mundo em que vivemos e com o tipo de pensamento científico a que estamos

---

[57] Como bem mostra Santos (2013, p. 96) numa memorável explicação a respeito da categoria território: "O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro".

sujeitos, possamos reconquistar tais coisas como se nunca as tivéssemos perdido; mas podemos tentar tornar-nos conscientes da sua existência e da sua importância".

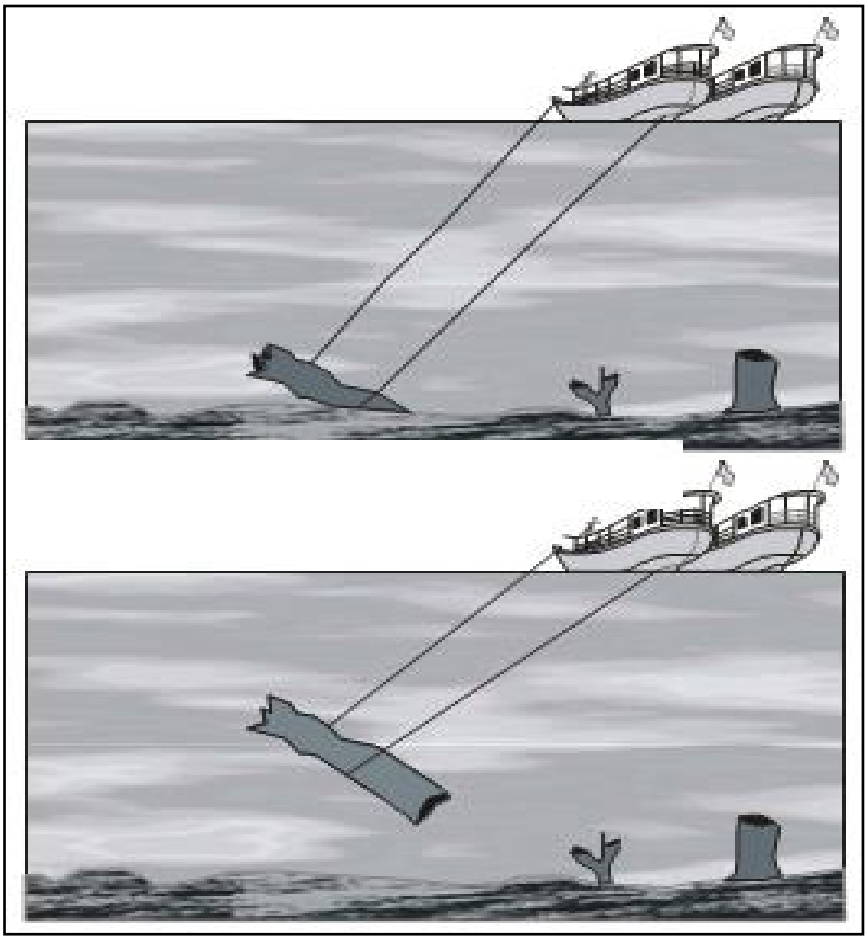


Figura 21: Limpeza do fundo dos rios e a dinâmica da pesca.
Fonte: Cruz, 2007.
Organização: O autor, 2020.

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas – tornadas assim, formas-conteúdo – podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço (SANTOS, 2004). Na perspectiva teórica de Berman:

> De repente nos encontramos diante de um ponto nodal na história do moderno autoconhecimento. Assistimos ao nascimento de uma nova divisão social do trabalho, uma nova vocação, uma nova relação entre ideias e vida prática. Dois movimentos históricos radicalmente diferentes convergem aí e começam a fluir juntos. Um grande ideal do espírito e da cultura se transforma em emergente realidade material e social. A romântica procura de autodesenvolvimento, [...] desenvolve-se a si própria, agora, através de uma nova forma de

> atividade, através do esforço titânico do desenvolvimento econômico (1986, p. 61).

Em um sentido mais específico, as observações coletadas por Soares (2013) cabem como reflexão e análise, pois enfatizam que:

> No Amazonas, sobretudo nas comunidades ribeirinhas, a forma como as pessoas lidam com o infortúnio, seja em qualquer âmbito da vida, é merecedora de análise. Mortes, doenças, separações, desempregos, por exemplo, são situações que acontecem com qualquer indivíduo e em qualquer lugar, mas, numa comunidade ribeirinha no Amazonas, essas situações são atribuídas a um feitiço feito ou encomendado. Nesse caso, a defesa e o ataque serão definidos por meio dos espíritos, mediante a intercessão de um *curador*. Os espíritos são representados pelo *encantado*, que, por meio do *curador*, poderá regular a relação entre os vivos, mediante conselhos e remédios fitoterápicos. Observei que as pessoas costumam seguir os conselhos dos *curadores* e dos *encantados* que estes incorporam quando se relacionam com a prática do curandeirismo (2013, p. 173).

Adentrando essas designações, cabe enfatizar que no estudo da problemática da mudança cultural apoiamo-nos, de início, em Eduardo Galvão (1955) para caracterizar os santos e as visagens da religião tradicional.[58] Trazendo, posteriormente, ao debate André Araújo (1956) a fim de denotar o Estado construído pela Amazônia colonial, ou seja, a generalização da fé católica, que conviveu com as lendas, os mitos e as dimensões sagradas. Por conseguinte, em Mark Harris (2006), um suprassumo da analogia das mudanças advindas com a penetração religiosa protestante.

Campos de conflito, com divergências intelectuais, onde as novas racionalidades dos preceitos religiosos dessa penetração subvertem as práticas tradicionais ao questionarem a origem e a eficácia simbólica da pajelança rural amazônica. Uma pajelança que possivelmente

> tem origem nas crenças e práticas indígenas dos antigos Tupinambás, encontradas na região pelos portugueses, e que sofreram influências das culturas europeia e africana, desde o

[58] Em um estudo defendido no Museu Nacional (UFRJ) por Marina G. Vieira (2012, p. 18) a autora pondera que “no que concerne aos temas da cosmologia e da religião entre populações nativas não indígenas da Amazônia, Galvão deve ser citado como uma referência obrigatória. Em *Santos e Visagens,* o autor descreve a “religião cabocla”, denominada por ele como “pajelança”. O autor faz uma descrição meticulosa dos trabalhos de cura dos pajés caboclos e suas relações com os encantados dos rios, chamados por seus sujeitos pesquisados de “companheiros do fundo”. Galvão analisa a formação da religião cabocla como um conjunto de traços culturais de diversas origens, principalmente indígenas e católicas. Contudo, o autor observa que os pajés se consideram católicos e não refletem sobre a origem indígena de suas práticas, que consideram parte de sua religião católica”.

> período colonial. Em meados do século XVIII já se encontram descrições, constantes dos depoimentos existentes no Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará, que mostram como essas práticas e crenças eram bastante populares em Belém e lugares do interior (LAPA, 1978).

É bem conhecida a opinião dos pentecostais, inclusive católicos (isto é, carismáticos) sobre as religiões de orixás: estas são pensadas como cultos demoníacos e suas entidades como demônios que devem ser exorcizados e expulsos do corpo dos seres humanos, para que estes possam entregar-se a Jesus e receber os autênticos dons, isto é, os dons do Espírito Santo. É bem nítida, para eles, a diferença entre o que chamam de "possessões demoníacas" e o que resulta do "batismo no Espírito", quando o crente complementa a sua entrega a Deus com o recebimento dos dons, começando geralmente com o mais difundido e "fácil", entre eles, que é o dom de línguas (MAUÉS, 2002).

Na razão do ser humano às vezes coabita o contrassenso. Uma aglutinação acrítica presas nas armadilhas dos grupos sociais pertencentes. A crença inabalável na fé, no cristianismo, adequa-se no contemporâneo, com deformações. E, muitas vezes, a consciência racional não se adapta. Benchimol (1977, p. 139), por exemplo, deduz que:

> Vivemos hoje em um mundo altamente sofisticado e tecnológico, porém utilizando artefatos jurídicos e artesanatos sociais primitivos. Pouco evoluímos do ponto de vista político, jurídico e social, enquanto a ciência e a economia, num esforço escatológico, construíram o mundo do amanhã dentro da vida de cada um de nós, porém alienado, porque forâneo na sociedade de todos. Não faltaram, porém, advertências e profetas. Cada época teve seus símbolos e sinais de comunicação semiótica, para usar a linguagem dos estruturalistas, na expressão dos seus anseios, das suas realizações e dos seus temores. Sinais proféticos e profanos, mas que serviram de porta-vozes de mensagens, esperanças e promessas.

O ano mil passou, mas o milinarismo continuou, borbulhando do século XVI em diante e ainda no XIX os doutores ingleses e alemães assustavam com a decisão apavorante para o ano dois Mil. Os mórmons proclamavam a data como um dogma inapelável e tenebroso. Todas as profecias que os folhetos registram e o povo vê, são peremptórias: - Do ano dois mil não passará a criatura vivente! A memória é a mesma dos anos 950-1000, mas o entendimento mudou de quadrante, com a Lua pisada, o Sol medido, o átomo libertado como satanás das profundidades

de todos os malefícios. Apenas as datas imutáveis resistem, numa fatalidade hereditária. Que haverá no século XXX? (CASCUDO, 2002a).

4.3 O corte epistemológico

Mas alguma coisa ocorreu. Quebrou-se o encanto. O céu, morada de Deus e seus santos, ficou de repente vazio. Virgens não mais apareceram em grutas. Milagres se tornaram cada vez mais raros, e passaram a ocorrer sempre em lugares distantes com pessoas desconhecidas. A ciência e a tecnologia avançaram triunfalmente, construindo um mundo em que Deus não era necessário como hipótese de trabalho. Na verdade, uma das marcas do saber científico é o seu rigoroso ateísmo metodológico: um biólogo não invoca maus espíritos para explicar epidemias, nem um economista os poderes do inferno para dar Contas da inflação, da mesma forma como a astronomia moderna, distante de Kepler, não busca ouvir harmonias musicais divinas nas regularidades matemáticas dos astros (ALVES, 1990).

Catolicismo irresistível? Harris (2006) investigou a história de quatro famílias que haviam se mudado da comunidade as quais pertenciam:

> Levou um certo tempo até que eu obtivesse uma explicação que fizesse sentido, já que essas famílias não haviam se mudado por causa da educação de seus filhos. Por fim, fiquei sabendo que estas famílias haviam se convertido para a Igreja Assembleia de Deus (em 1998) e foram forçadas a se mudar. Os protestantes convertidos tentaram viver em harmonia com seus vizinhos católicos, e não devemos nos esquecer que essas pessoas são todas intimamente aparentadas. Mas, no fim, a tensão subjacente cresceu muito. Os crentes solicitaram mudanças na escola, como a suspensão da execução do hino nacional (porque contém referências católicas), e passaram a se abster das atividades de lazer costumeiras, como beber, fumar e assim por diante. Eles não comiam mais os mesmos tipos de peixe, vestiam-se de modo diferente e não trabalhavam aos sábados. Todas essas diferenças provocaram um racha, que se tornou cada vez mais irreconciliável. Assim, as famílias partiram e se juntaram a pequenas comunidades protestantes em cidades próximas (HARRIS, 2006, p.96).

Aquela estrutura religiosa extremamente unificada ou homogênea, responsável pelo surgimento das comunidades católicas começa a passar por um processo de confronto e “desintegração”. O protestantismo não é simplesmente uma conversão doutrinal; é a refutação de todo um modo de vida (HARRIS, 2006). De modo concomitante, as técnicas primitivas de exploração dos meios específicos ao

ambiente amazônico começam a sofrer rupturas provocadas pelas forças econômicas e sociais que penetraram no vale, vindas de fora, produziram mudanças no passado operando no presente. As instituições religiosas das pequenas comunidades sofreram igualmente a influencia desses agentes, tal como o resto da cultura (GALVÃO, 1955). Agora, se as pessoas estão mudando todo o tempo, perdendo o passado, então o que elas levam para o futuro? Portanto, é importante o conhecimento do contexto para conceber o estudo capaz de acompanhar as conexões e transformações do material sob investigação, quer sejam lendas ou contos populares medievais portugueses, noções ameríndias de panema ou técnicas de pesca (HARRIS, 2006).

Em uma crítica substantiva Alves (1990, p. 46) argumenta que:

> A natureza é nada mais que uma fonte de matérias-primas, entidade bruta, destituída de valor. O respeito pelo rio e pela fonte que poderia impedir que eles viessem a ser poluídos, o respeito pela floresta, que poderia impedir que ela viesse a ser cortada, o respeito pelo ar e pelo mar, que exigiria que fossem preservados, não têm lugar no universo simbólico instaurado pela burguesia. O seu utilitarismo só conhece o lucro como padrão para a avaliação das coisas. E até mesmo as pessoas perdem seu valor religioso.

A experiência religiosa na vida, o “afastamento do divino” como analisado por Eliade (2018), deve-se cada vez mais ao interesse do homem por suas próprias descobertas religiosas, culturais e econômicas. Não se trata de um comportamento recente. O homem primitivo afastava-se de Deus a partir do momento que passava a se relacionar com outras forças religiosas mais intimamente misturadas à vida, “mais acessíveis aos homens do que o era o Deus criador”. O arrependimento e o retorno se davam

> em casos de aflição extrema, quando tudo foi tentado em vão, e sobretudo em casos de desastres provenientes do Céu – seca, tempestade, epidemia -, os homens voltam-se para o Ser supremo e imploram-lhe. Esta atitude não é exclusiva das populações primitivas. Todas as vezes que os antigos hebreus viviam uma época de paz e prosperidade econômica relativas, afastavam-se de Jeová e tornavam a aproximar-se dos Baals e das Astartes dos seus vizinhos. Só as catástrofes históricas forçavam-nos a voltarem-se para Jeová (ELIADE, 2018, p. 107).

Essas transformações que estão mudando radicalmente as formas de manejo, causando uma maior pressão sobre o estoque de pescado, resultam muito além de uma transformação cultural e socioeconômica. Perpassa a mudança

espacial provocada pela chegada dos barcos motorizados, do aparecimento da malhadeira, ou dos conflitos nos lagos entre pescadores tradicionais e profissionais.

Os avanços tecnológicos na pesca ocorrem simultaneamente com o crescimento da população urbana das cidades amazônicas e, por conseguinte, do aumento da demanda por peixe. As exportações de peixes para os mercados nacionais e internacionais, sobretudo os peixes de couro/liso, principalmente a partir da década de 1980, impulsionaram ainda mais essa demanda (McGRATH, 1993).

Desse exame, vem a suposição que o avanço da pesca comercial e, à vista disso, da instalação de frigoríficos em busca, preferencialmente, do peixe liso tem uma relação direta com o "sumiço" da fé nos santos, e a perda do medo nas "visagens". Que o imaginário não tem o poder que lhes é atribuído. Que tais crenças entram em choque com a Bíblia Sagrada. Que a iara, o jurupari, o mapinguari e o curupira não têm o poder de vingar-se daqueles que pescam ou caçam por ganância.

E, no caso em questão, o boto, malicioso, com poderes sobrenaturais de se metamorfosear em humano, que seduz a donzela do lugar e, por isso, sempre fez parte do imaginário caboclo não tem, jamais tivera, os poderes que nossos pais e avós, de geração a geração, nos contaram. O mundo espiritual cede lugar ao mundo humano. O espírito é substituído pela matéria. Tal fato reporta-nos à Geertz (1983) ao afirmar que "é a analogia, não a alegoria, que produz a magia".

De certa forma, uma ruptura ao que constatara Eduardo Galvão, ao descrever que:

> As crianças aprendem desde cedo a comportar-se diante das visagens para não atrair a sua malignidade. Os casos e as descrições dos sobrenaturais "encantados" como os companheiros de fundo ou os botos, bichos visagentos, curupiras e anhangas, acentuam as concepções básicas que definem as relações entre estes seres e o homem. Todos os bichos são malignos como no caso dos botos ou dos curupiras. Essa maneira de encará-los diferencia-os radicalmente dos santos católicos, criaturas benévolas. Os bichos visagentos dominam ou controlam um setor do ambiente natural, a mata e os rios. São como entidades protetoras que guardam a natureza contra sua depredação pelo homem. Nada acontece ao indivíduo que mata um ou outro animal, ou que de qualquer maneira se utiliza dos recursos naturais à sua disposição, mas quando chega ao abuso as consequências são más para o indivíduo. O caçador que não segue a mesma trilha dia após dia, ou o pescador que evita frequentar repetidamente o mesmo pesqueiro, definem as atitudes

> apropriadas. Em segui-las está a garantia contra a malineza (GALVÃO, 1955, p.109).

Quando os missionários foram expulsos (1770), o catolicismo já predominava sobre os ameríndios contatados e sobre a nova população mestiça de língua portuguesa. Não havia outra religião rival, quer ameríndia ou não. O catolicismo não apenas era a religião do conquistador, mas a Igreja (mais do que as ordens missionárias) estava de mãos dadas com a Coroa e o Estado (HARRIS, 2006).

O catolicismo é a religião com mais adeptos no Amazonas. Numa proporção de 59,5% de católicos e de 31% de evangélicos. Entretanto, o censo demográfico de 2010 mostra uma consolidação daqueles que deixaram o catolicismo. Relativamente no Amazonas em 2000 os católicos eram 70,8%, passando a representar em 2010, 59,5%. Por outro lado, os evangélicos passaram de 21% para 31% nessa década.

Nesse intervalo, a maior redução relativa dos adeptos do catolicismo ocorreu justamente na Região Norte. Apesar da expansão das correntes evangélicas no Brasil (61,45% em 10 anos), totalizando 15,4% da população, o país segue com maioria católica. O Brasil ainda é a maior nação católica do mundo. Chama-nos a atenção a curva histórica de ascendência evangélica: no ano do primeiro censo, em 1872, católicos representavam 99,7% da população. Quase um século depois, em 1970, a queda já era de 7,9 pontos percentuais.

Sobre a religião (ou a não religião), além dos que se declaram não mais católicos, os alegados sem religião no Brasil já passam de 15 milhões (tabela 3). E, em números absolutos, há uma tendência de que em no máximo 30 anos católicos e evangélicos, puxados pelos pentecostais, estejam empatados. Estudos em ciências sociais, em um futuro próximo, estarão analisando o impacto dessa mudança na Igreja Católica.

Tabela 3 – A religião no Brasil em números absolutos/Censo 2010

Religião	População
Católicos	123.280.172
Evangélicos	42.275.440
Espírita	3.848.876
Umbanda, candomblé e religiões afrobrasileiras	588.797
Outras religiões	5.185.065
Sem religião	15.335.510

Fonte: IBGE, 2010.
Organização: O autor, 2020.

O avanço da população evangélica dentro do universo católico perpassa muito além de uma mudança censitária. Rompem-se, aos poucos, os pilares das comunidades tradicionais fundadas na década de 1970 pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEB). Coincidência, ou não, a pressão da pesca comercial na busca das espécies de peixe liso começaram a ocorrer justamente a partir desse momento. Bem como as primeiras denúncias de matança de botos utilizados como isca.

Transformações "orquestradas pela fé" que podem estar na contramão daquilo que se entende por comunidades tradicionais, pois um aspecto importante na sua definição estaria o respeito aos ciclos naturais, nunca explorando os recursos além do limite de sua capacidade de recuperação.

Construindo essa elocução, numa referência não muito distante, encontramos em Djalma Batista, já nas décadas de 1960 e 1970, o registro de inúmeras espécies da fauna amazônica ameaçadas por servirem à alimentação humana ou por terem suas peles e couros considerados valiosos no mercado internacional:

> Dentre os bichos ameaçados de extinção está em primeiro lugar o peixe-boi. Caçados a arpão os peixes-boi não puderam resistir ao furor predatório. Os quelônios, e especialmente a tartaruga constituíram sempre o pitéu por excelência da cozinha amazônica sofrendo uma tenaz perseguição. Dos répteis, o mais perseguido tem sido o jacaré-açu, contra o qual se organizou uma verdadeira campanha de erradicação (BATISTA, 2007, p. 224).

Especificamente sobre os jacarés, acreditava-se que, com a eliminação em massa desse réptil temido aumentaria a quantidade de peixes na Amazônia, mas o que se viu foi um desequilíbrio ecológico, pois:

> Enquanto os jacarés comiam peixes, especialmente os peixes carnívoros, vindo em primeiro lugar as piranhas, diminuíam esses vorazes inimigos dos outros peixes: além disso, os sáurios eliminavam fezes, urina, e morriam, com o que adubavam as águas. Diminuindo ou desaparecendo um elo da cadeia, predominou o outro elo, representado pelas piranhas e demais peixes carnívoros. E assim se compreende porque não aumentaram, com ataque feroz aos jacarés, os estoques de peixes nos lagos e rios da Amazônia (BATISTA, 2007, p. 228).[59]

As cobras, como as sucuris e jiboias, tiveram a mesma sina dos jacarés: a procura por suas peles,

> para atender a vaidade das elegantes do Rio e sobretudo de Buenos Aires, Nova Iorque, Paris e outros grandes centros da moda, transformados os seus couros em sapatos, bolsas, carteiras e cintos, que enriqueceram muita gente, mas mantiveram o homem da Amazônia, destemido e imprevidente caçador de jacarés, na mesma situação de pobreza e abandono, sem nada lhe melhorar a vida sem horizontes (BATISTA, 2007, p. 229).

Nesse cuidadoso registro pode-se perceber a preocupação diante da fauna ameaçada. Sirênios, quelônios, répteis, felinos, sobretudo a onça-pintada, usada na fabricação de casacos. Macacos de várias espécies encontraram outro caminho de extermínio: a exportação para os museus e viveiros americanos, saindo legal e ilegalmente. Outros animais, principalmente mamíferos, por sua pele ou carne, adentraram na lista dos ameaçados de extinção: lontra, ariranha, capivara, veado e caititu. Entre as aves já existe uma inscrita entre as espécies ameaçadas de extinção: o gavião real. Outro grupo parece que já recebera uma sentença sem volta: o cachorro-do-mato, o tatu-canastra e o tamanduá-bandeira (BATISTA, 2007).

---

[59] Estudos recentes sobre os aspectos técnicos e comerciais presentes na cadeia produtiva do jacaré defendem a utilização sustentável desse réptil, pois “a carne fornece uma boa quantidade de proteína, a gordura é utilizada na indústria de cosméticos e a urina na indústria de perfumaria, tida como bom fixador de perfumes, apesar da baixa expressão comercial. Nos anos 70-80 ocorreu uma mudança na caça de jacarés na Amazônia, houve redução da demanda pela pele, assim como redução das populações de jacarés, obrigando os produtores a vender apenas a carne. Estudos feitos na RESEX do médio Juruá indicam uma densidade significativa. Nas localidades, a carne de jacaré é utilizada como alimento (assada ou frita), estocada salgada para consumo (duração de mais de um mês) e a banha usada como remédio. Registrou-se o uso comercial de jacaré-açu e jacaretinga, com venda ocasional de carne salgada para marreteiros” (KLUCZKOVSKI JUNIOR, A.; KLUCZKOVSKI, A. M., 2015, p. 82).

Em uma atenciosa observação da obra do autor, mais especificamente no capítulo II (O Duelo com a Natureza), verifica-se o registro de pelo menos quinze espécies em eminente risco de desaparecerem. Fruto de um levantamento estatístico iniciado nas décadas de 1960 e 1970. Aves, répteis, mamíferos, e peixes materializando a destruição de um ecossistema. Contudo, nesse desequilíbrio catalogado, em nenhum instante cita-se o boto entre as espécies em perigo. Essa história começa a descambar para um novo rumo com a pressão provocada pelo boom da pesca do peixe liso, sobretudo da piracatinga.

4.4 A abordagem cultural na compreensão da ação humana

As primeiras expedições estrangeiras de exploração e reconhecimento multiplicaram literaturas que personificam a região, descrevendo e moldando a sua geografia, a botânica e a geologia, prendendo-se, muitas vezes, em uma trindade natureza, exotismo e mistério. O resultado: acabam vigorando conceitos estereotipados que convivem mutuamente com os estudos de elevado quinhão científico produzidos sobre a realidade regional. Equívocos que se perpetuam em paradigmas pós-coloniais nos campos científico, cultural, social, histórico e ecológico amazônico.

A natureza está no homem e o homem está na natureza, porque o homem é produto da história natural e a natureza é condição concreta, então, da existencialidade humana (MOREIRA, 1985). Nem paraíso, e nem inferno, como observou Lima (1975). Muito menos “terra sem males” ou “terra do nunca”. Mas é fático que numa consciência individual, nos múltiplos discursos, a floresta constitui, pela força do seu bioma, o elemento mais marcante da paisagem física regional, e o que melhor a individualiza. É interessante observar alguns aspectos, referentes ao tema abordado, extraídos de Eidorfe Moreira:

> Eldorado para uns, inferno verde para outros; paraíso para os que a vêem como objeto de estudo, tortura para quantos a tomam como objeto de conquista ou ambição. A Amazônia não tem sido outra coisa como realidade histórica, social e econômica, senão o agigantado cenário de uma das mais ingentes experiências tropicais do homem. Sem deixar de ser a ilustração geográfica de uma longa incúria nacional. Ela é também o atestado vivo das dificuldades e contingências que assoberbam o homem em face da exuberância natural dos trópicos. Sob certos aspectos, o que ele tem feito aí representa antes um trabalho de adaptação do que uma conquista efetiva sobre os quadros naturais (1960, p. 11).

A esse respeito, uma advertência encontrada em Bauman talvez valha para resumir a questão:

> Durante a maior parte de sua história, a teoria da hermenêutica – da compreensão daquilo que não é imediatamente compreensível ou que traz consigo o perigo da compreensão equivocada – era uma narrativa dos feitos dos que buscam a verdade na terra do preconceito, da ignorância e do desconhecimento de si mesmo; a história do lançar luz sobre as trevas, da luta contra a superstição, da correção do erro – e outras formas de limpar as manchas deixadas por acidentes na história, sempre locais e com muita frequência distantes, sobre a face pura do significado objetivo e do universalmente válido (2012, p. 73).

Nessa conexão dialógica, retornamos ao ponto de bifurcação: os botos, elementos-chave do problema. Um problema premente e assíncrono na vida desse personagem historicamente carismático na geografia cultural amazônica. Interações negativas no meio do caminho de uma pesca alternativa de renda informal às comunidades ribeirinhas. Cabe aqui a reflexão de Lévi-Strauss:

> Nenhuma sociedade é perfeita. Por natureza, todas comportam uma impureza incompatível com as normas que proclamam, e que se traduz de modo concreto numa certa dose de injustiça, de insensibilidade, de crueldade. Descobre-se então que nenhuma sociedade é fundamentalmente boa; mas nenhuma é inteiramente má. Todas oferecem certas vantagens a seus membros, tendo-se em conta um resíduo de iniquidade cuja importância parece relativamente constante e que corresponde talvez a uma inércia específica que se contrapõe, no plano da vida social, aos esforços de organização (1996, p. 365).

O termo cultura deve ser utilizado com precaução, porque não existe nada que se assemelhe, no mundo objetivo, a esse conceito, que só existe no espírito das pessoas. Não existe uma cultura unificada, pois esta é feita de elementos retransmitidos e reinterpretados permanentemente, o que quer dizer que cada um desenvolve sua própria cultura em função do meio ambiente onde vive. A abordagem cultural implica um tipo de consciência crítica, sem a qual é impossível estar em consonância com a nova epistemologia (CLAVAL, 2001).

A investigação de cenários, suas causas e propriedades fundamentais, muitas vezes ressoam-nos como obscuro. Essas concepções inerentes em sua natureza intrínseca trazem uma visão dialética da realidade e, por conseguinte, uma relação de causalidade. Todavia, na outra extremidade, na outra ponta da investigação, estão as concepções antropomorfizadas. De algum modo, o processo de ruptura às

explicações míticas, defendida pelos pré-socráticos, não se estabeleceram em sua totalidade. A explicação dos fenômenos pela observação e uso da razão não conseguiu eliminar o antropomorfismo. Ao sabor da psicologia ambiental a realidade sempre caminhou lado a lado com o ilusório onde

> muitos eventos naturais eram considerados de mau augúrio, isso se devia ao fato de que pareciam apagar as categorias fundamentais de "selvagens" e "manso" ou "domesticado", em torno das quais girava grande parte das opiniões populares. A intromissão de criaturas selvagens no mundo humano era sempre alarmante: uma cidade subitamente se via infestada de gaios ou corujas, por exemplo, ou uma abelha silvestre voava para dentro de uma cabana, tubarões acompanhavam um navio, um corvo fazia o ninho num campanário, uma gralha caía pela chaminé, um camundongo corria atrás do pé de alguém, ou um tordo dava pancadinhas na janela. Esta última uma forma notória de "aviso" (THOMAS, 2010, p. 108).

É interessante nesse sentido a crítica de Berman (1986, p. 129), pondo em realce que:

> Nossa visão da vida moderna tende a se bifurcar em dois níveis, o material e o espiritual: algumas pessoas se dedicam ao "modernismo", encarado como uma espécie de puro espírito, que se desenvolve em função de imperativos artísticos e intelectuais autônomos; outras se situam na órbita da "modernização", um complexo de estruturas e processos materiais — políticos, econômicos, sociais — que, em princípio, uma vez encetados, se desenvolvem por conta própria, com pouca ou nenhuma interferência dos espíritos e da alma humana. Esse dualismo, generalizado na cultura contemporânea, dificulta nossa apreensão de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno.

Os homens nunca se entenderão sobre os valores; nunca alcançarão a unanimidade para designar quem deles é mais sábio, quem o mais virtuoso, etc. Nada é anormal nisso: pois, espontaneamente, cada qual pensa ter tanto direito, quanto qualquer outro, a decidir acerca do que é justo ou injusto. Espontaneamente, cada um pensa ter condições de governar a si próprio. E é por isso que não pode haver, como pretendia Platão, solução racional para os conflitos de valores. Se de direito, os entendimentos ou as opiniões são iguais, quem poderia, razoavelmente, decidir – a não ser quem pretendesse deter o saber acerca do Bem? Mas este seria um charlatão. A recusa de um mundo dos valores assim se vincula, para Hobbes, ao

postulado da igualdade: “É uma lei de natureza que todo homem reconheça os outros *como seus iguais*”.[60]

Bauman (2012) partilha a opinião que a irredutível realidade da existência humana talvez seja à experiência mais generalizada, “infinitas vezes repetida, de qualquer indivíduo – pelo menos de qualquer indivíduo imerso num contexto social pluralista, heterogêneo, repleto de choques entre desejos e a dura realidade”. Em outras palavras, na visão desse teórico social, a maior parte da história da filosofia parece um esforço sempre inconcluso, “embora muitas vezes otimista, de explicar essa dualidade, na maioria dos casos reduzindo-a a um só princípio (no sentido genético ou lógico, epistemológico ou prático)”.

O próprio Samuel Benchimol, naquele que, para nós, foi o seu compêndio mais importante, procura pontuar de forma prudente aquilo que estudou sobre o complexo amazônico:

> Quaisquer que sejam as matrizes do processo, permanece válida, no entanto, a afirmativa de que, basicamente, a atividade econômica é estimulada pelo desafio da escassez. A natureza, ao contrário do que folcloricamente se afirma, ao invés de mãe, foi sempre madrasta para o homem. Os bens e os recursos ou são numerosos ou insuficientes, e não se encontram no lugar exato, na hora certa, no momento oportuno, na forma desejada. A sua grande função é, pois, imprimir ordem ao caos, lutar para reduzir essa inadaptação às suas necessidades. Isto exige um importante esforço de mobilização, deslocamento, coordenação e articulação, somente possível quando os agentes econômicos se decidem a empreender o domínio progressivo dos recursos naturais. Dominar o complexo físico, criando maiores disponibilidades de bens e serviços para atender às solicitações individuais e grupais (BENCHIMOL, 1977, p. 450).

A vida transcorre e as leis operam sob o manto de ilusões e valores que se impõem e perpetuam conexões materialísticas que passam a conviver, como elementos de cultura, em um presente subalternizado e repetitivo. Marilena Chauí, em *Mito Fundador e Sociedade Autoritária*, apresenta um apanhado histórico dos equívocos generalizantes a respeito do Brasil:

> 1) é “um dom de Deus e da Natureza”; 2) tem um povo pacífico, ordeiro, generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor; 3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada “democracia racial”), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não tra-

[60] LEBRUN, Gerard. O que é poder. São Paulo: Brasiliense, 1981.

> balha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência; 5) é um "país de contrastes" regionais, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural. Essa crença se completa com a suposição de que o que ainda falta ao país é a modernização - isto é, uma economia avançada. Com tecnologia de ponta e moeda forte -, com a qual sentar-se-á à mesa dos donos do mundo (CHAUÍ, 2013, p. 08).

As bases teóricas tomadas para discutir a complexidade desse mosaico, ganha dinamismo quando as relacionamos ao tema prioritariamente proposto. É crucial observar que o boto-lenda, nesses tempos dissonantes e deslendados some, pois "a cobiça acorda a pontaria da realidade confrontada de mitos e de mortes de lendas que delendam" (PAES LOUREIRO, 1981). Perde-se a inocência romanticamente encasulada, como numa regressão civilizacional. É esse, pois, um dos paradoxos da Amazônia atual (figura 22). O signo distintivo passa ao largo da sensibilidade. A beleza do caos sugere que o modernismo contém suas próprias contradições e tensões dialéticas, onde determinadas formas de pensamento e visão modernistas podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. Outras formas de modernismo podem ficar submersas por gerações, sem chegar a ser suplantadas; e as mais fundas feridas sociais e psíquicas da modernidade podem ser indefinidamente tampadas, sem chegar a cicatrizar de fato (BERMAN, 1986).

Figura 22: Cartaz de alerta referente à pesca predatória.
Fonte: SDS, 2014.
Organização: O autor, 2020.

Nessa reflexão especulativa é importante discriminarmos os saberes construídos, para rumarmos em busca de respostas inquietantes. O caminho de novos pensamentos é como o *sono da razão* de Goya. Enquanto a razão dorme, ideias deturpadas se perpetuam como pesadelos. Desde a Grécia antiga foram muitos os meandros percorridos para a construção da ciência moderna. No dizer de Balchin:

> E é isso que a diferencia da superstição, da bruxaria e da religião. Pode ser que ainda oremos aos deuses por chuva, mas entendemos as causas físicas do clima e podemos prevê-lo até um certo ponto; não o atribuímos mais às ações de alguma divindade incognoscível nem sacrificamos nossos primogênitos na esperança de um porvir favorável. Esse método contrasta com os meios anteriores de descoberta da verdade "pela autoridade", os quais declaravam determinadas crenças como verdadeiras tomando como base não aquilo que era dito, mas a pessoa que estava dizendo aquilo (2013, p.10).

Ao ensinarmos Ciência, colocamos em prática ainda o modelo epistemológico e matemático da modernidade. Ensinamos por este viés o caminho de uma verdade única, mas de um projeto que utilizou um aspecto que não se encontrava nos gregos, o de que a natureza era para ser dominada e nela se incluía o outro homem. Não dá para dizer que como projeto científico – como se fosse uma ciência pura, a modernidade tenha falhado. Neste sentido, a falha do projeto moderno se reflete na

dimensão do humano, na própria compreensão que o homem passou a ter de si mesmo, se reflete no que ensinamos e como ensinamos o fazer científico (GALERA, 2007).

Antes de ganhar fundamento científico, a ideia (atual) de equilíbrio da natureza teve base teológica (THOMAS, 2010). Esse imperativo categórico com múltiplas possibilidades de interpretação

> precedeu e sustentou o conceito de cadeia ecológica, sendo perigoso remover qualquer um de seus elos. A argumentação do desígnio continha forte implicação conservacionista, pois ensinava que mesmo as espécies aparentemente mais nocivas serviam a algum propósito humano indispensável. No século XVIII, a maior parte dos cientistas e teólogos defendia, coerentemente, que todas as espécies da criação tinham um papel necessário a desempenhar na economia da natureza. Ao mesmo tempo, alguns deles estavam se tornando mais e mais conscientes de que a perseguição do homem realmente podia eliminar espécies particulares, possibilidade essa que as gerações anteriores sempre haviam negado (THOMAS, 2010, p.393).

Antropólogos relatam que o povo Sara do Chade tem uma percepção de olhar o tempo diferente. É caracterizada por uma clara orientação para o passado. Os Sara do Chade pensam que o que está atrás dos olhos, e que eles não podem ver, é o futuro, enquanto que o passado se encontra na frente, porque ele é conhecido (LATOUCHE, 2004). O ensinamento que fica é de que devemos seguir em frente, mas sem esquecermos o que passou. Incorporar lições, erros e equívocos, para refletirmos sobre o que nos espera. Extrapolando a esfera filosófica e adentrando na esfera ambiental, de forma pragmática e estrita, é interessante observar que o estudo do que aconteceu com sociedades pretéritas pode nos ajudar a entender o que acontecerá com sociedades que vivam no mesmo local hoje em dia. O dano ambiental ocorrido no passado pode voltar a acontecer no presente, de modo que se pode usar o conhecimento do passado para evitar repetir os mesmos erros (DIAMOND, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que disseram os pascoenses
ao derrubarem a última árvore
de sua ilha?[61]

O abuso dos recursos disponíveis na ilha de Páscoa (desmatamento e extermínio da fauna) atrelado a fatores políticos, sociais e religiosos é um dos exemplos históricos, e controversos, de como uma sociedade pode se autodestruir. Se a analogia nos servir de parâmetro, hoje a razão determinante para a queda da população de botos é a pesca da piracatinga. Um quarto de século depois, desde os primeiros registros de botos mortos e transformardos em iscas, *o pai dos filhos sem pai* corre o risco de desaparecer. A monstruosa trilogia pesca predatória, impacto ambiental e comércio clandestino estão corroborando para que essa espécie se transforme, de fato, numa lenda.

Esta tese procurou compreender, em conjunto, como chegamos a essa barbaridade. Sínteses globais e locais, de autores clássicos e contemporâneos, assistiram a construção do estudo. Dividida em quatro partes, no primeiro capítulo, apresentamos o boto como uma gênese do ambiente encantado da Amazônia. O boto mágico, na poética imaginada por João de Jesus Paes Loureiro e nas superstições correlatas de Câmara Cascudo. Esse material etnográfico, com mosaicos simbólicos, penetrou no território das lendas para descobrirmos por trás dessas narrativas acontecimentos recônditos. O rio e a floresta sempre terão um poder enigmático em nossas vidas. E é desse olimpo submerso que brota das águas, travestido de rapaz galante, com carisma e energia, o personagem central desse estudo.

Do relato dos mais velhos, sobre os animais da floresta, se perpetuaram em nós as fantásticas narrativas do folclore amazônico e, conjuntamente, o desejo da companhia sobrenatural como resposta ao sentimento de solidão. Como numa amálgama de diversas correntes, mesmo que não amplamente aceito, entendemos que as superstições vivem, aqui e além; em episódios mais lendários do que verdadeiros.

---

[61] DIAMOND, Jared M. Colapso. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Indo mais longe, nesse salto imaginativo, presumimos que contos e lendas carregam uma sabedoria ancestral porque estão ancoradas em um conhecimento instituído há muito tempo. Mesmo que não seja um conhecimento científico, prevalente ou organizado, denotam um repertório que estabelece relação com o discurso fundador. Ainda, o primeiro capítulo trouxe a utopia cerebral da liberdade para fugirmos do real e construirmos uma realidade fortuita na alegoria de um barco colorido, com uma moça toda vestida de branco, com vontade de namorar, transformando nossa psicologia cognitiva em loucura supra-humana.

Mergulhamos nos meandros para compreender a Amazônia e a experiência humana nela acumulada, onde o homem e o corpo são indissociáveis. Onde a ciência não é um monolítico harmonioso. E o boto, nesse inconsciente coletivo, transcende o universo das histórias contadas para se tornar, pelo sentido que carrega, um arquétipo na contemporaneidade.

De repente, objetos diluidores adentraram robustecendo fragilidades congênitas, levando o boto a um destino aparentemente inevitável. Isso significa que estudos detalhados demonstram que uma nova pescaria vem se desenvolvendo na Amazônia, utilizando espécies de golfinhos e jacarés como isca para a captura da piracatinga. As consequências sociais e ambientais dessa pesca é um assunto controverso entre ambientalistas e pesquisadores. Um deserto de obscuridade numa região estratégica, mas ecologicamente frágil. Uma desarmonia que prioriza modelos de desenvolvimento fragmentados e inadequados.

As lacunas intelectuais, pouco a pouco, são preenchidas, deixando um vácuo nas lacunas morais, porque o boto, criação de um mundo imaginoso e fantasista, começa a perder a redoma protetiva. Essa lacuna continuará aberta porque esse universo de encantamento choca-se cada vez mais com a modernização.

A fim de compreender as causas, examinamos os efeitos, relacionando o avanço do protestantismo à visão de mundo católica, que fragiliza e tenciona esse tradicional modo de vida. Analisamos os estudos de Harris (2006) para entender que os elementos que integram os pilares da visão de mundo católica, podem estar ameaçados pelo protestantismo, pois a conversão exige uma ruptura radical. Cabe, ainda, uma referência, em particular, à obra *Santos e Visagens* de Eduardo Galvão (1955). De modo efetivo, perde-se na conversão um conjunto de crenças associadas ao ambiente encantado. Os protestantes consideram as histórias sobre o boto e

outros seres como superstições que devem ser descartadas. Seguindo nessa linha de pensamento, em sentido amplo, partimos para analisar as transformações nas terras e água de trabalho, sobretudo, a pesca do peixe liso. Atividade influenciada por novas relações capitalistas, que provoca novas territorialidades, mudanças e rupturas dentro do território físico e social amazônico e, por conseguinte, coloca em risco, dia a dia, a sobrevivência desse ser sobrenatural.

A parte 2, intitulada “Entre o saber tradicional e o conhecimento científico, a complexidade cultural” abordou temas que relacionaram a cultura aos efeitos das ações humanas no meio ambiente. Sempre se atendo ao conteúdo ideativo dessa tese, deparamo-nos com cisões macrovertentes a respeito do que está ocorrendo com a população de botos. Essa sequência serviu para constatarmos que “a conta não fecha”, pois para uma integração sustentavelmente harmônica boto x homem, três elementos precisam estar justapostos: equilíbrio ambiental, crescimento econômico e equidade social. Nessa diacronia, uma questão fundamental identificada na pesca é que nela está implícita toda uma representação simbólica ligada aos recursos naturais. Um complexo biológico, com certeza, mas regido por leis e processos alheios à vontade humana.

Neste arcabouço teórico, é particularmente útil afirmar que, de certa maneira, a Amazônia e os povos tradicionais que aqui vivem simbolizam o suprassumo da variedade de modos de vida. Da mesma forma que perscrutando nesse universo etnográfico, deparamo-nos com a reentrância de um histórico conflito entre pescadores e botos. O que não deveria estar acontecendo partindo da égide do que seria desenvolvimento sustentável.

Dentro do problema apresentado no corpus dessa tese, descambamos para uma antinomia. Afinal, o que é ser sustentável? É inextricável que a melhoria da qualidade de vida das populações, com condições dignas a todos e justiça social estejam coligidas com sustentabilidade. A sugestão, recomendada por nós em particular, já que “ainda não foi alcançado um consenso sobre seu conceito”, é o de se acrescentar a palavra cultura. A aplicação de desenvolvimento sustentável seja com os aborígenes da Austrália, ou os povos tradicionais da Amazônia não pode estar dissociado de um conjunto de predisposições culturais.

O papel dos fatores culturais, em busca de um discurso semântico, levou-nos a primeira e mais difundida das relações conflituosas refere-se àquela que atribui a

esse mamífero aquático o poder sobrenatural de transformar-se em um homem elegante e sedutor de mulheres. O mito vai mais além. Muitas populações nativas abatem esses animais por acreditar que partes de seu corpo são poderosos amuletos. Na Amazônia, território por excelência dos mitos e das lendas, há a mística de que o perfume ou o óleo preparado a partir da genitália da bota possui poderes afrodisíacos. A crença nesse poder de atração sexual alimenta o imaginário caboclo, contribuindo também para a sua caça indiscriminada. No entanto, hoje, o seu maior algoz é a pesca da piracatinga. E, no centro desse problema, encontram-se os moradores da RDS Mamirauá.

Quanto ao estilo de vida, o universo mítico tem se enfrentado com a modernização. Porém, os "encantados" seguem ocupando um lugar importante no cotidiano das comunidades que se defrontam com essas transformações. Isso dito, a fortaleza inquebrantável do boto depara-se com fundamentos conflituosos onde a interdependência com o urbano dinamiza novas articulações territoriais resultantes da grande demanda do mercado colombiano pela piracatinga encontrada em abundância nas calhas do Solimões/Amazonas.

Nesse ínterim, o boto transfigura-se em paradigma teórico. Este é um aspecto decisivo para diferentes vertentes de pensamento. Ele faz parte da cosmologia das comunidades ribeirinhas da Amazônia. Mas, passa agora, também, a ter um significado expiatório. O princípio da consciência e da cultura esbarra em tensões externas. A concepção religiosa não coaduna com a concepção biológica. Ao enveredar para o campo da hermenêutica popular surgem outros planos de raciocínio. É essencial o exemplo fornecido por Dutra (2014) ao indagar o pastor sobre o que acha e diz aos fiéis quando estes afirmam ter presenciado alguma manifestação sobrenatural: "Se essas coisas existem, não é de Deus. Porque das nuvens pra baixo o satanás tem um poder tremendo. No caso, ele pode se transformar num boto e depois se transformar numa pessoa. Se possível for, a Bíblia diz que ele pode se transformar até em anjo de luz". E, sentencia: "se há de fato algo sobrenatural nos botos seria porque estes estão possuídos por demônios e, por isso, deveriam ser mortos".

Dessa leitura empobrecida da teologia original protestante, resta-nos, aqui, um sentimento de decepção. E, discordarmos vigorosamente dessa interpretação. Como enfatizamos várias vezes no decorrer desse estudo, de verdadeiro até aqui, é

que a tese em questão, e a problemática trazida, estão no bojo de uma região de constantes conflitos. Uma região que necessita do equilíbrio dos estoques pesqueiros e da qualidade da água dos rios para a continuidade de seus estilos de vida. A maior rede hidrográfica do mundo vem sofrendo com a poluição, o desmatamento e a morte de espécies aquáticas. Dentre elas, daquele que, pela perspectiva biológica, está no topo da cadeia alimentar, o boto. Ameaçado pelo garimpo ilegal, de um lado. E, por outro, pela pesca da piracatinga.

Em outra dimensão, paisagem antes habitada por santos, visagens, encantados, rezadores de ladainhas e pajés, hoje divide lugar com o Espírito Santo e as Marchas para Jesus. Essa alteração vem ressignificando práticas, tanto católicas quanto evangélicas, tanto no campo institucional quanto individual (PANTOJA, 2011).

O enfoque do terceiro capítulo se deu sobre a etnografia da corporeidade, implícita, mas sempiterna, na atividade pesqueira. A tentativa de compreender como o cérebro reconhece e utiliza o corpo em extenuantes atividades, levou-nos a relacionar no estudo o importante trabalho de Le Breton (2012), associado às observações regionais de Violeta Loureiro (1985) e Cristiano Ramalho (2011) a respeito dessas práticas específicas na pesca. Onde se dão as relações, no cotidiano dialético entre homem e natureza, verificando suas práticas socioculturais. Aí adentra o corpo, vetor semântico pelo qual se evidencia a relação com o mundo. Porque o trabalho pesqueiro se constrói no uso do corpo.

O corpo humano na sociedade pesqueira passou a dialogar intimamente com uma nova construção social. Recriou e incorporou essas novas determinações sociais. E como se fossem extensões corporais desses pescadores, novos sentidos começaram a atuar sobre o ambiente, obdurando suas próprias condições de reprodução. Há uma extensão corporal inanimada, mas decisiva nas haliêuticas engendradas. Na insalubridade da pesca todos os sentidos do corpo atuam sobre o ambiente aquático a fim de construir uma compreensão totalizante do espaço. O corpo aglutina em seu campo biológico as nuances socioculturais, pois o olfato, a visão, a audição, o paladar e o tato na vida dos pescadores perpassam o contato físico.

Esse traço mostrou-se essencial para entendermos o estudo da corporeidade pesqueira na Amazônia. Em direção ao particularismo da pesca da piracatinga, os

riscos ergonômicos corroboram com os problemas de saúde dessa categoria através de movimentos repetitivos e jornadas extenuantes. A expressão mais significativa na insalubridade da força corporal são as dores crônicas, sobretudo nas articulações. Em seguida, outros vetores: a ausência de acumulação de capital, a falta de alternativas, trazendo consigo trabalhos nocivos e enfadonhos. Muitos pescadores tentam compensar a situação indo cada vez mais longe, permanecendo mais tempo nos locais de pesca e menosprezando as condições adversas do meio, permitindo, assim, o aumento do risco de ocorrência de acidentes.

Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural (LE BRETON, 2012). Cada vez mais na vida, o corpo do pescador torna-se menos preso ao plano unicamente biológico, e passa a ganhar conformidade sociocultural. Dito de outra forma, trata-se de uma rotina sofrida e silenciosa. Onde haveria, nesse ambiente, lugar para a sobrenaturalidade? Mas as confusas reminiscências ainda veem coisas que ninguém mais vê: o mundo dos encantados nas profundezas do rio, com uma vida bem diferente dessa. Uma eternidade de bonança. Os encantados na cultura amazônica estão em todos os lugares, animados por uma força mágica.

Ao corpo sempre estarão permeadas as características culturais, as crenças, seus valores, suas necessidades e perspectivas em busca de uma possibilidade concreta. No mundo dos senhores dos rios e das florestas, onde a alegria verdadeira é questionável, há um horizonte problemático sintetizado de complexidades. São as lógicas sociais e culturais de um corpo.

No quarto capítulo, analisamos a problemática teórica do imaginário da pesca na Amazônia, relacionando ao particularismo boto x piracatinga, a fim de repertoriar na morfologia dessa atividade os sujeitos pesquisados. Do panorama descritivo dessa intricada e dicotômica rede de relações surge uma questão maior. Esse conflito, na verdade, não se encontra na ausência de justaposição entre pesca artesanal e pesca de subsistência, mas nas construções histórico-sociais que levam os pescadores a uma prática insustentável dos recursos.

Dessa forma, surgiu o desafio de nos aproximarmos de um adequado embasamento metodológico, estruturalmente determinado, a fim de interpretarmos a morfologia e a tipologia da pesca. Quando adentram as teorias e as hipóteses, adentram, também, os questionamentos: Quem está pesquisando a Amazônia e a

pesca na Amazônia? Esses pesquisadores disporiam da expertise das humanidades em suas estratégias de conhecimento? Não faria sentido examinarmos as tendências de diálogo entre as ciências da natureza e as ciências da sociedade e não identificarmos nessas antíteses àquelas que mais se aproximam dessa preocupação. A polissemia do conhecimento pode trazer uma significância positiva, ou não. Há duplos intentos na triangulação das fontes de dados.

Neste capítulo conclusivo, a pauta da pesquisa inclinou-se a dialogar com a problemática teórica do imaginário da pesca, examinando as tendências, exercitando a interdisciplinaridade ao conviver com outras formas de organizações científicas. Essas intervenções aduzem novas perguntas, novos desdobramentos, novas interlocuções e, especialmente, novas formas de conhecimento que podem colaborar com a compreensão da formação da *intelligentsia* regional.

Desta maneira, os objetos em questão perpassam o boto e a piracatinga. Sendo, na verdade, a cultura e a sociedade na Amazônia. Primeiramente, reportamo-nos à mudança cultural, para em seguida, guiarmos o foco à economia contemporânea da pesca. A economia tradicional quando se depara com a economia moderna sacrifica um elemento mítico e mágico do imaginário para utilizá-lo na pesca da piracatinga. Aquilo que soa como uma irracionalidade, na verdade, transforma-se em outra especificidade do capitalismo. A especificidade do racionalismo ocidental passa a predominar sobre o elemento da tradição, do carisma, e passa a impor outra racionalidade que tem a ver com a lógica econômica.

Sob o ângulo social, a segunda questão é o amoldamento dessa racionalidade ao estilo de vida das pessoas. O estilo de vida da tradição, a antiga imaginação, as crenças e magias vão desaparecer nessa racionalidade para dar lugar a uma lógica mais objetiva, uma lógica de causa e efeito, de fins e de meios, não mais evocando os materiais que *in illo tempore* povoavam o imaginário. É interessante observar a terceira característica, consternadora, porém, inevitável. A recrudescente tensão, nesse processo de mudança, entre a racionalidade e a irracionalidade. Mata-se o boto, mas ele continua assombrando o domínio da imaginação. A lenda precisa continuar sendo maior que o fato. A magia não desaparece na sua totalidade, porque é ubíqua. Esta tensão da racionalidade do mercado, da lógica capitalista, da construção de uma nova economia vai conviver no

mesmo quadro do imaginário, trazendo, de um lado, mudanças de práxis as novas gerações e, de outro, desafio e sofrimento.

Nessa linha, na etnografia dessa prática, o mundo invisível dos mortos, e seu elo, são explicados pela existência de uma cidade no fundo do rio. É o território de confluência que as pessoas imaginam, formado pela vida na superfície da terra e pelos encantes. Espaço-tempo imaginário produzido por meio de um conjunto de crenças, mitos e símbolos compartilhados. Contudo, essa representação simbólica, subjetiva e imaginada pode estar sendo corrompida por novos arranjos espaciais. Porque a mudança rural é multidimensional, incorporando na esfera de circulação forças socioeconômicas onde a gestão produtiva ao especializar as técnicas de captura intensiva na pesca transforma substancialmente essa paisagem submergida. Isso se deve, sobretudo, ao arbítrio do privado que na demanda pelo pescado vai em busca de novas áreas. Áreas onde a pesca do peixe liso era considerada não apropriada pela existência de muitos "paus" no fundo do rio, passaram por um processo de "limpeza" com o uso de cabos de aço operados por barcos com motores a diesel. Em poucos dias coloca-se em xeque a existência de um *Éden embaixo d'água*, de um imaginário herdado do passado, para a transposição de um espaço virtual que os crédulos receberam por tradição. É o prelúdio da mudança, com efeitos disruptivos. No dizer de Berman, "tudo o que é sólido", na vida moderna, "desmancha no ar".

Desse exame, vem a suposição que o avanço da pesca comercial e, por conseguinte, da instalação de frigoríficos em busca do peixe liso tem uma relação direta com o "sumiço" da fé nos santos, e a perda do medo nas "visagens". Que o imaginário não tem o poder que lhes é atribuído. Que tais crenças entram em choque com a Bíblia Sagrada. E, que o boto, jamais tivera os poderes que nossos pais e avós nos contaram.

As bases teóricas tomadas para discutir a complexidade desse mosaico, ganha dinamismo quando as relacionamos ao tema prioritariamente proposto. É crucial observar que o boto-lenda, nesses tempos dissonantes e deslendados some, pois "a cobiça acorda a pontaria da realidade confrontada de mitos e de mortes de lendas que delendam" (PAES LOUREIRO, 1981). Perde-se a inocência romanticamente encasulada. É esse, pois, um dos paradoxos da Amazônia atual.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão.** São Paulo: Edusp, 2012.

ABRAMOVICH, Fanny. **O boto.** São Paulo: FTD, 2002.

AB' SÁBER, Aziz Nacib. **Amazônia:** Do Discurso à Práxis. São Paulo: Edusp, 1996.

ALBERTS, Carlos C. **Perigo de vida:** predadores e presas: um equilíbrio ameaçado. São Paulo: Atual, 1989.

ALMEIDA, Simão Farias. **Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não ficção de mudanças climáticas, clima e danos ambientais.** João Pessoa: Ideia, 2017.

ALVES, Rubem. **O que é religião.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução à Sociologia da Amazônia.** Manaus: Fênix, 1956.

BALCHIN, Jon. **Ciência:** 100 cientistas que mudaram o mundo. São Paulo: Madras, 2013.

BATES, Henry Walter. **O Naturalista no rio Amazonas.** Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1944.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia.** Manaus: Valer, Edua e Inpa, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAH, Ishmael. **Muito longe de casa:** memórias de um menino-soldado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia:** um pouco-antes e além-depois. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BEZERRA, Ararê Marrocos. **Amazônia, Lendas e Mitos.** Belém, TELEPARÁ – e Centro Cultural de Arte e Folclore da Amazônia – CECAFAM, 1985.

Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOTERO-ARIAS, Robinson; FRANCO, Diogo de Lima; MARMONTEL, Miriam. **A mortalidade de jacarés e botos associada à pesca da piracatinga na região do Médio Solimões – Amazonas, Brasil.** Tefé-AM: IDSM, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010: características gerais da população. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30/09/2019.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente. 2ª Edição, Rio de Janeiro, 2004.

BRUM, Sannie Muniz. **Interação dos golfinhos da Amazônia com a pesca no Médio Solimões.** Dissertação (Mestrado em Biologia de Água Doce e Pesca Interior) - INPA, Manaus, 2011.

BRUM, S.M. et al. **Use of dolphins and caimans as bait for Calophysus macropterus (Lichtenstein, 1819) (Siluriforme: Pimelodidae) in the Amazon.** In: Journal of Applied Ichthyology, 2015, 31, 675-680.

CAPELAS JR, A. **Nas garras da Extinção.** In: SOUZA, J. Os Caminhos da Terra. ed. 26, ano 3, n. 6, São Paulo: Azul, jun., 1994. p. 30 – 37.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1972.

_____. **Superstição no Brasil.** São Paulo: Global, 2002a.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros.** São Paulo: Global, 2002b.

CASSETI, V. **Ambiente e apropriação do relevo.** São Paulo: Contexto, 1991.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

CLAVAL, Paul. **O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana**. In: Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: edUERJ, 2001.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa:** Métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização Camponesa na Várzea da Amazônia.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2007.

_____. **Pescando "fera" no baixo rio Solimões – Manacapuru (AM).** In: A pesca na Amazônia Central. Manaus: Edua, 2009.

Dall'Oca AV. **Aspectos sócio-econômicos, de trabalho e de saúde de pescadores do Mato Grosso do Sul** [dissertação]. Campo Grande (MS): Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2004.

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho.** Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ed. da UnB, 2000.

DIAMOND, Jared M. **Colapso.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

DIEGUES, A.C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** São Paulo: Ática, 1983.

_____. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil.** Etnográfica, Vol. III (2), 1999, pp. 361-375.

DUTRA, Juliana Cabral de Oliveira. **A noção de encante e a pesca do boto-vermelho na TI Cuiú-Cuiú - AM.** Belo Horizonte: UFMG, 2014 (Monografia).

ECO, Umberto. **Como fazer uma tese em ciências humanas.** Lisboa: Editorial Presença, 2007.

EHLERS, Eduardo. **O que é agricultura sustentável.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

FERREIRA, Raphael Bessa. **Uma Amazônia Poetizada - criações e inovações lexicais na obra de João de Jesus Paes Loureiro.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2018.

FIRTH, Raymond William**. Malay fishermen**. New York: Norton Library, 1975.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx:** materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FRANCO, C. et al. **The piracatinga, Calophysus macropterus, production chain in the Middle Solimões River, Amazonas, Brazil.** In: Fisheries Management and Ecology, 2016, 23, 109-118.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto. et al. **A vida Social das Comunidades do Lago de Manacapuru (AM)**. In: A pesca na Amazônia Central. Manaus: Edua, 2009.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura.** Porto Alegre: L&PM, 2017.

GALERA, J. M. B. **Epistemologia e Conhecimento Científico. Refletindo sobre a construção da História da Ciência através da docência investigativa.** TECNOLOGIA E HUNANISMO, Curitiba - Pr, p. 01 - 200, 12 dez. 2007.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GARANHUNS, Valdeck de. **Mitos e Lendas brasileiras em prosa e verso recontados por Valdeck de Garanhuns.** São Paulo: Moderna, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

GARRONE NETO, Domingos. et al. **Causas de acidentes de trabalho ocorridos em pescadores profissionais artesanais do município de Araguacema-TO**. Botucatu: Faculdade de Medicina, Universidade Paulista, 2002.

GEERTZ, Clifford. **O saber local.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1983.

GONDIM, Linda. LIMA, Jacob. **A pesquisa como artesanato intelectual:** considerações sobre método e bom senso. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hileia:** Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: UNESP, 2009.

HARRIS, Mark. **Presente Ambivalente:** Uma Maneira Amazônica de Estar no Tempo In: Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006.

THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de. **Atlas do Brasil:** Disparidades e Dinâmicas do Território**.** São Paulo: Edusp, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KLUCZKOVSKI JUNIOR, A.; KLUCZKOVSKI, A. M. **Cadeia produtiva de jacarés da Amazônia:** aspectos técnicos e comerciais. Blumenau, SC: Nova Letra, 2015.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

LAPA, J. R. Amaral. **Livro da Visitação do Santo Oficio da Inquisição no Estado do Grão-Pará (1763-1769)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

LATOUCHE, Serge. **Pode a África contribuir para resolver a crise do ocidente?** IV Congresso Internacional de Estudos Africanos. Barcelona, jan. 2004.

LEATHERWOOD, S.; REEVES R. R. **Conservacion de los delfines de rio, Inia geoffrensis y Sotalia fluviatilis, en la Amazonia Peruana. Manejo de Fauna Silvestre en la Amazonia**. Instituto de Ecología. La Paz, Bolívia, p. 289-299, 2003.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEBRUN, Gerard. **O que é poder.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEONARDOS, Stella. **Lenda dos botos.** Belo Horizonte: Villa Rica, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Araújo. **Amazônia a Terra e o Homem**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1975.

LIMA, Deborah (org.). **Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões:** perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. Manaus: Ibama, ProVárzea, 2005.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Os parceiros do mar:** natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ – Museu Paraense Emílio Goeldi, 1985.

LUNGARZO, Carlos. **O que é ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

MARIA, Luzia de. **O que é conto.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

McGRATH, David. et al. **Varzeiros, Geleiros e o Manejo dos recursos naturais na Várzea do baixo amazonas.** In: cadernos do NAEA da UFPA, nº 11, 1993 (91-122).

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Catolicismo e xamanismo: comparação entre a cura no Movimento Carismático e na pajelança rural amazônica**. Ilha: Revista de Antropologia / Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. - v. 4, n. 2 (2002).--Florianópolis: UFSC / PPGAS, 2002.

MEGALE, Nilza. **Folclore brasileiro.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan**. In: Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MENDONÇA DE SOUSA, João. **O Grande Amazonas:** mitologia, história e sociologia. Manaus: Coleção Documentos Amazônicos, 2000.

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia o conceito e a paisagem.** Coleção Araújo Lima – Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1960.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia.** Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1985.

MOURA, Edila Arnaud Ferreira...[et al.]. **Sociodemografia da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá: 2001-2011.** Tefé, AM: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá; Belém: IDSM; NAEA, 2016.

NUNES, Angélica et al. **Guia de identificação das principais espécies de peixes comercializados como "douradinha"**. Manaus: INPA, 2017.

OLIVEIRA, José Aldemir de. GUIDOTTI, Pe. Humberto (org.). **A Igreja arma sua tenda na Amazônia.** Manaus: Edua, 2000.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos:** um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Deslendário.** Belém: Gráfica Falangola, 1981.

_____. **Meditação e devaneio:** entre o rio e a floresta. In: Somanlu: Revista de estudos amazônicos do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Ano 3, n.1 / 2 Manaus: Edua/FAPEAM, 2003.

PANTOJA, Mariana Ciavatta. **A várzea do Médio Amazonas e a sustentabilidade de um modo de vida.** In: Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios

Amazonas e Solimões: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. Manaus: Ibama, ProVárzea, 2005.

PANTOJA, Vanda. **Santos e Espírito Santo, ou católicos e evangélicos na Amazônia Marajoara.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

PASCHOAL, Elisa de Morais. **Conhecimento tradicional sobre o boto-vermelho *(Inia geoffrensis)* na região do lago Amanã, Amazonas.** Monografia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

PENNER, Maria Eunice Soares. **A dialética da atividade pesqueira no nordeste amazônico.** Belém: Universidade Federal do Pará, 1984.

PIMENTA, Natalia C. et al. **When predators become prey:** Community-based monitoring of caiman and dolphin hunting for the catfish fishery and the broader implications on Amazonian human-natural systems**.** In: Ecol. Conserv. 222, (2018) 154-163.

PINTO, Marilina Oliveira Bessa Serra. **A Amazônia e o imaginário das águas.** In: ENCONTRO DA REGIÃO NORTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 1. 2008, Manaus-AM. Anais...Manaus-AM, 2008.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio:** imaginário e modernização. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais.** São Paulo-SP: Revista de Antropologia, USP, v. 54 nº 1, 2011.

RAPOZO, Pedro Henrique Coelho. **Territórios sociais da pesca no Rio Solimões:** usos e formas de apropriação comum dos recursos pesqueiros em áreas de livre acesso. Manaus: Edua, 2015.

RÉGIO, José. **Antologia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Amostra do populário maranhense:** lendas, crenças e outras histórias da tradição oral. São Luís, MA: [s.n.], 2008. 163 p.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é positivismo.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROSA, Márcia Ferreira Mendes; MATTOS, Ubirajara Aluizio de Oliveira. **A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara.** Rio de Janeiro-RJ: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 15 supl. 1, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção**.** São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal**.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O paiz do Amazonas.** Manaus: Edua, 1996.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **O chapéu do boto.** Edição bilíngue. Achevé d'imprimer sur lês presses de Microlynx, Rennes. Dépôt legal: Août 2010.

SOARES, Mariana Pettersen. **Almas e Encantados:** uma cosmologia sobre o mundo dos mortos na região do Baixo Amazonas. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SOUZA, Antonio Carlos Batista de. **Sítios na Várzea do Baixo Rio Solimões:** rupturas e adaptações na Costa do Pesqueiro – Município de Manacapuru-AM. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1988.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TURMA DA MÔNICA: lendas brasileiras – boto rosa. São Paulo: Girassol Brasil Edições Eireli, 2018.

VASCONCELOS, Francisco. **Regime das Águas**. Manaus: Edua, 2000.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Sustentável:** o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VIEIRA, Marina Guimarães. **Caboclos, Cristãos e Encantados:** Sociabilidade, Cosmologia e Política na Reserva Extrativista Arapixi-Amazonas. Tese (Doutorado) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Martin Claret, 2013.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Diminui a fé nos santos, desaparecem as visagens, acabam as panemas e matam o boto.

Pesquisador: ANTONIO CARLOS BATISTA DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 09909119.5.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.450.391

Apresentação do Projeto:

TESE DE DOUTORADO

TÍTULO DA PESQUISA: Diminui a fé nos santos, desaparecem as visagens, acabam as panemas e matam o boto

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Antonio Carlos Batista de Souza

ORIENTADOR DA PESQUISA: Profª drª Artemis de Araújo Soares

Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA

Situação do Parecer:

Aprovado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o senhor para participar do projeto de pesquisa "Diminui a fé nos santos, desaparecem as visagens, acabam as panemas e matam o boto". Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Antonio Carlos Batista de Souza e orientação da professora Dra. Artemis de Araújo Soares do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia - PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, localizado na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 1200 – Coroado I, Manaus-AM – Setor Norte, com telefone para contato 3305-4581 e email: secppgsca@gmail.com. Esta pesquisa tem como objetivo geral: Compreender o mais recente comportamento territorial na Amazônia, caracterizado pela mortalidade de botos e jacarés, pelos pescadores, para servirem de isca para a pesca da piracatinga (*Calophysus macropterus*). E de forma específica, (a) Relacionar a pressão comercial sobre o ambiente aquático amazônico a uma mudança de paradigma, ocasionado pelo avanço do protestantismo, dentro das comunidades tradicionalmente católicas; (b) Analisar a ruptura com um conjunto de crenças associados ao ambiente encantado; e (c) Perceber as mudanças nas práticas de manejo da produção pesqueira e sua repercussão na organização espacial. O instrumento utilizado para a realização de nossa pesquisa será a entrevista semiestruturada e o questionário Socioeconômico. O participante precisará responder à entrevista e preencher o questionário apenas uma vez. Os dados e informações coletadas serão tratados com total sigilo e respeito e a identidade de todos os participantes será preservada.

Riscos da pesquisa: toda pesquisa que envolve seres humanos contém riscos. Por se tratar de uma entrevista semiestruturada, que aborda questões econômicas, sociais e culturais há a possibilidade do entrevistado sentir algum tipo de desconforto como ansiedade (aumento da sudorese, respiração ofegante e cansaço); e estresse (irritabilidade e falta de concentração). Porém, para tal situação ser amenizada estaremos encaminhando e acompanhando o entrevistado para o Hospital Regional do município da ocorrência da entrevista (Hospital Regional de Tefé, Unidade de Saúde Mista Hospital Regional de

Fonte Boa ou à Unidade Hospitalar de Maraã) a fim de que sejam prestados os atendimentos necessários. Caso venha a ocorrer algum evento mais grave de cunho emocional, o pesquisador disponibilizará um psicólogo que estará disponível a fazer o tratamento psicológico em quantas sessões de psicoterapia forem necessárias para que os seus danos sejam sanados sem custos até a melhora do quadro clínico. Caso necessário, o pesquisador se responsabilizará também pelos medicamentos e o que mais for necessário para o ressarcimento do entrevistado, pois os itens ressarcidos não dizem respeito apenas a transporte e alimentação, mas tudo o que for necessário ao estudo e ao bem estar do entrevistado (item IV.3.g, da Resolução CNS n.466 de 2012). E, como forma de reparação aos danos causados estarão assegurados o direito a indenização e cobertura material para reparação a esses danos ocasionados pela pesquisa ao participante (Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7). **Benefícios da pesquisa:** Os benefícios da pesquisa são diretamente aos participantes da mesma. Como benefício recomendaremos um trabalho de educação ambiental na região para que sirva de base para mais pesquisas científicas. Da mesma forma como benefício os resultados deste estudo poderão ser apresentados em palestras na Universidade Federal do Amazonas e em outros locais, no sentido de divulgar o trabalho e expandir o nome da instituição como incentivadora à inovação científica, sobretudo no contexto sociocultural. Pretende-se a publicação de artigos científicos sem precisar referenciar nenhum dado pessoal que identifique os participantes. A partir disso, os entrevistados estarão cientes da sua contribuição para tentar reduzir a mortalidade dos botos usados na pesca da piracatinga, utilizando outras alternativas de isca, sem agredir o meio ambiente.

Se depois de consentir em sua participação o senhor desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O senhor não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será

divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o senhor poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Av. Rodrigo Otávio, 6200 – Campus Universitário Senador Arthur Vigílio Filho, Setor Sul, CEP – 69077-000. Manaus – AM, através do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia – PPGSCA, Setor Norte, com telefone para contato 3305-4581 e email: secppgsca@gmail.com, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus- AM, telefone (92) 33051181, ramal 2004. E-mail: cep.ufam@gmail.com

O presente termo foi elaborado em duas vias, cada participante receberá uma de acordo com o Item IV. 3.f, IV. 5. D, Resolução 466/12, a outra via ficará na posse dos pesquisadores.

Consentimento pós -informação

Eu,_____,
fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e o porque da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou receber dinheiro em troca da entrevista e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma via deste documento assinada e que vou guardar, e a outra via ficará com o pesquisador

_____Data:___/__/___
Assinatura do participante

Impressão Datiloscópica

_____ Data:__/__/__
Assinatura do Pesquisador Responsável

_____ Data:__/__/__
Assinatura do Orientador do Projeto

QUESTIONÁRIO

I DADOS GERAIS

Nome: _____

Idade:_____ Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

II PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

01. Qual a sua Religião?

( ) Católica
( ) Protestante
( ) Evangélica
( ) Espírita
( ) Candomblé / Umbanda
( ) Nenhuma
( ) Outra:_____

02.* Quantas pessoas moram com você? (*Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos) (Marque apenas uma resposta)

( ) Um a três
( ) Quatro a sete
( ) Oito a dez
( ) Mais de dez
( ) Moro sozinho

03. Qual é o seu nível de escolaridade?

( ) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
( ) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
( ) Ensino Médio (antigo 2ª grau)
( ) Ensino Superior
( ) Especialização
( ) Mestrado
( ) Doutorado
( ) Não estudou
( ) Não sei

04. Estado Civil: ( ) Casado/a ( )Solteiro/a ( )Viúvo/a ( )Separado/a

05. Você tem filhos?

( ) Sim

( ) Não

06. Quantos filhos você tem? _____.

07. Você e sua família recebe algum benefício social como complemento de renda, como por exemplo, o Programa Bolsa Família?

( ) Sim

( ) Não

Qual? _____.

08. **Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é aproximadamente a renda familiar mensal?** ***(Marque apenas uma resposta)***

( ) Até 1 salário mínimo (até R$ 954,00).

( ) De 1 a 3 salários mínimos (de R$ 954,00 até R$ 2.862,00).

( ) De 3 a 6 salários mínimos (de R$ 2.862,00 até R$ 5.724,00).

( ) De 6 a 9 salários mínimos (de R$ 5.724,00 até R$ 8.586,00).

( ) De 9 a 12 salários mínimos (de R$ 8.586,00 até R$ 11.448,00).

( ) De 12 a 15 salários mínimos (de R$ 11.448,00 até R$ 14.310,00).

( ) Mais de 15 salários mínimos (mais de R$ 14.310,00).

( ) Nenhuma renda.

III <u>CARACTERÍSTICAS DA ATIVIDADE PESQUEIRA</u>

09. Com que frequência você pesca? ***(Marque apenas uma resposta)***

( ) Cotidianamente ao longo do ano.

( ) Entre 3 e 4 meses na seca.

( ) Entre 3 e 4 meses na cheia.

( ) Outro: _____

10. **Quais os melhores meses da pesca?** ***(Pode marcar mais de uma resposta)***

( ) Janeiro ( ) Fevereiro ( ) Março

( ) Abril ( ) Maio ( ) Junho

( ) Julho ( ) Agosto ( ) Setembro

( ) Outubro ( ) Novembro ( ) Dezembro

11. **Quantas horas semanais você dedica ao trabalho da pesca?** ***(Marque apenas uma resposta)***

( ) Sem jornada fixa, até 10 horas semanais.

( ) De 11 a 20 horas semanais.

( ) De 21 a 30 horas semanais.

( ) De 31 a 40 horas semanais.

( ) Mais de 40 horas semanais.

12. Você prefere pescar peixe liso ou peixe de escama? Por quê?

( ) Peixe liso

( ) Peixe de escama

_____

_____

_____

13. Você costuma pescar e comercializar a piracatinga? Por quê?

( ) Sim

( ) Não

_____

_____

_____

14. A pesca da piracatinga é praticada por muitos pescadores na sua comunidade?

( ) Sim

( ) Não

15. Você conhece casos de jacarés e botos sendo utilizados como isca na pesca da piracatinga?

( ) Sim

( ) Não

16. O senhor acredita nas lendas relacionadas com o boto? Por quê?

_____

_____

_____

17. O senhor acredita que o boto tem poderes sobrenaturais? Por quê?

_____

_____

_____

18. O senhor conhece algum relato de alguma história de alguém que tenha sofrido algum "castigo" por parte dos botos?

_____

_____

_____

19. Como a religião que o senhor pratica vê as histórias da lenda do boto e outras lendas que são contadas pelos moradores mais antigos das comunidades?

_____

_____

_____